

“A garota errada
e o menino de ouro
vivendo um romance
completamente imprevisível.”

SOBREVIVENDO POR VOCÊ

SÉRIE COLORS AND RACES **LIVRO 03**

EVILANE OLIVEIRA

"A garota errada
e o menino de ouro
vivendo um romance
completamente imprevisível."

SOBREVIVENDO POR VOCÊ

SÉRIE COLORS AND RACES **LIVRO 03**

EVILANE OLIVEIRA

Copyright © 2022 Evilane Oliveira

SOBREVIVENDO POR VOCÊ

2ª Edição

Capa: Larissa Chagas

Revisão: Andrea Moreira

Leitura crítica: Franciely Oliveira

Diagramação digital: Evilane Oliveira

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens e acontecimentos que aqui serão descritos, são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência. Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa. É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios, sem o consentimento escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº . 9.610. /98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Todos os direitos reservados.

Edição Digital | Criado no Brasil

ÍNDICE



[Epí grafe](#)

[Dedicatória](#)

[Nota](#)

[Capí tulo 01](#)

[Capí tulo 02](#)

[Capí tulo 03](#)

[Capí tulo 04](#)

[Capí tulo 05](#)

[Capí tulo 06](#)

[Capí tulo 07](#)

[Capí tulo 08](#)

[Capí tulo 09](#)

[Capí tulo 10](#)

[Capí tulo 11](#)

[Capí tulo 12](#)

[Capí tulo 13](#)

[Capí tulo 14](#)

[Capí tulo 15](#)

[Capí tulo 16](#)

[Capí tulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[Otras obras](#)

[Contacto](#)

EPÍGRAFE



*“A verdade, Marcel l us, é que f amí l i a pode ser mai s do que aqu
com quem compart i l hamos sangue. Podemos escol h'e*

— Niklaus Mikaelson

DEDICATÓRIA



Para todos que perderam a própria luz tentando fazer com que outra
pessoa a amasse.

NOTA DA *autora*



A rotina hospitalar presente em *Sobrevivendo por Você* é fictícia. Horários, visitas e visitantes foram criados com liberdade pela autora. Nenhum dos acontecimentos tem relação com os hospitais comuns.

CAPÍTULO 01

"Em segundos toda sua vida é modificada
e por mais que queira, nada pode fazer
o tempo voltar"

Lorena Marinho

Bebi o restante do café e me ergui, levando a mala pesada em direção a um dos portões de embarque. Arrumei meu cabelo com mechas douradas no espelho de uma das paredes onde passei e depois sorri para a atendente enquanto pensava se meu sobrinho iria se parecer com Gabby ou Kieran.

Depois de entregar meu cartão de embarque e documentos pessoais para a moça, fui liberada para entrar no avião. Procurei meu assento e relaxei na poltrona confortável, imaginando como deveria estar o tempo no Brasil.

— Sabia que essa bunda empinada e sorriso matador pertenciam a você...

Me virei franzindo as sobrancelhas e encontrei Theo, o amigo de Luca, o namorado da melhor amiga da minha irmã. Bons tempos quando eu pegava aquele corpinho gostoso.

— O dia estava bom demais para ser verdade — resmunguei, tirando minha máscara de dormir e meu remédio da bolsa. Odiava aviões e tudo que vinha com eles, só de imaginar que essa coisa podia cair... preferia estar dormindo.

Ignorei Theo e tudo que ele disse, mas antes que eu pudesse colocar o remédio na boca, ele passou entre mim e o banco da frente, esbarrando na minha mão e fazendo o meu único comprimido rolar pelo chão.

— Adoro olhar as nuvens. — Ele apontou para a janela.

Revirei os olhos, bufando.

— Aproveite. — A irritação de não poder dormir começou a aparecer, mas decidi olhar um ponto fixo na minha frente para não pensar que a aeronave podia falhar a qualquer momento.

Depois de um tempo, coloquei minha máscara e tentei relaxar, mas parecia que Theo tinha formiga na bunda, pois não parava quieto um minuto sequer.

— O que diabos você tem? — questionei irritada, tirando a máscara e olhando para ele.

— Nada. Apenas tentando encontrar uma posição confortável...

— Ai, meu Deus, estamos num avião, não tem posição mais confortável do que sentado. — Revirei os olhos e apontei para mim, mostrando qual posição devia ficar.

Seu cabelo loiro era curto atrás, mas na frente tinha um topete. Fiz careta ao me dar conta de que Theo parecia aqueles modelos de revista, um verdadeiro Ken.

— Eu sei. — Ele suspirou e se acomodou na poltrona. — Como vai sua irmã? E Nico? Fiquei sabendo que ela engravidou de novo, não foi?

— Você é sempre tão xereta? — questionei, focando minha atenção no banco à minha frente.

— Eu sabia que era uma megera, mas, por Deus, dá para ser um pouco mais amigável? — ele resmungou com a voz autoritária. Levantei minha sobrancelha e o encarei com ironia. — É realmente uma medusa — Theo sussurrou, mas ignorei seu insulto.

— Sinto muito, meu amor, mas se estou te incomodando, desça do avião. Ou melhor, pule. — Sorri, jogando meu cabelo em seu rosto.

— Passei a admirar a sua irmã mais ainda nesses pequenos minutos ao seu lado — debochou.

Suspirei e coloquei minha máscara novamente. Passaram-se apenas segundos até que sua voz chegou aos meus ouvidos. De novo.

— Se lembra daquela noite, não é?

Apertei meus olhos fechados depois de alguns segundos que entendi sobre o que falava.

Merda, pensei que ele não se lembrava. Estava tão bêbado...

— Sim — resmunguei, evitando o encarar. — Estava bem bêbado para lembrar, não?

— Não, princesa. Eu estava passando mal, mas não estava tão bêbado.

Fiz uma careta ao me lembrar do dia que fiz uma boa ação e o ajudei a chegar à sua casa vivo. Como recompensa, o idiota vomitou no banheiro todo e eu ainda fiquei de babá.

— Obrigado, beleza? — ele disse.

Dei de ombros. Não foi nada de mais. Pouco tempo depois que o avião decolou, senti a turbulência começar, fazendo meu corpo chacoalhar. Apertei meus lábios e por reflexo puxei a mão do Theo, apertando-a de maneira que ele nem mesmo conseguia mexer os dedos. Enquanto tudo tremia, eu rezava silenciosamente para essa merda passar.

— Falar ajuda, tá? Por que não me conta o que estava fazendo em Paris? — A voz dele soou tão solidária que eu acenei rapidamente.

— Um curso intensivo de pintura. — Sorri ao me lembrar desses meses importantes e o ouvi assobiar.

— Uma pintora? Meu Deus, isso é sexy — ele brincou. — Já estou imaginando você nua entre as tintas, com uma pincelada bem entre seus seios... Imagino quanto não se divertiu pegando os cara lambuzada de tinta...

— Cale a boca, pervertido. — Bati em seu braço, sentindo minhas bochechas esquentarem.

— Você precisa realizar essa minha fantasia, ouviu, Lorena? — Ele me deu um sorriso zombeteiro e eu me virei, revirando os olhos.

Era sempre eu a pessoa a seduzir, nunca um homem chegou falando coisas assim para mim. Odiei a sensação de vergonha que rastejou sobre minha pele. O que tinha de errado comigo? Eu era uma mulher bem resolvida, fazia sexo sempre que tinha desejo. Nenhum homem me fazia ficar com as bochechas rubras.

— Cale a maldita boca — resmunguei, sem paciência alguma para suas brincadeiras. Então percebi que a turbulência tinha passado. Graças a Deus.

— Me fala, como foi sua estadia aqui? Eu vim há dois dias, apenas para uma reunião. — Theo mudou completamente de assunto, me fazendo ficar aliviada por isso.

— Foi muito boa. Fiz amigos e, claro, alguns namoradinhos. O curso foi maravilhoso. Eu adorei

— Muito interessante, Lorena.

Quando ele apertou minha mão, percebi que a tinha deixado sobre a dele. Eu me afastei e cobri meus olhos novamente.

— Vou tentar dormir um pouco. Fique quieto.

Adormeci depois de uns bons trinta minutos. Quando acordei, olhei para o Theo e vi que tinha adormecido e seu rosto estava sobre meu ombro. Me remexi, tentando fingir que ainda estava dormindo para que ele saísse de cima de mim. Theo acordou, mas não se afastou. Meu Deus...

— Se quer que eu me afaste é só dizer. — Theo riu de mim com sua voz rouca de sono.

Assim que seu hálito quente bateu contra minha orelha, ignorei o arrepio que surgiu.

— Preciso ir ao banheiro. — Mudei de assunto e me ergui.

Andei às pressas e encontrei o local de uma porta, feliz por estar desocupado para me aliviar rapidamente. Achei que tinha dormido um bom tempo, talvez algumas horas. Na volta para o meu assento, vi uma menina sentada na poltrona ao lado de onde Theo e eu estávamos. Sorri para ela, que parecia estar sozinha, e ela devolveu o sorriso enquanto brincava com uma boneca.

Me sentei de novo e Theo apertou minha coxa coberta pela calça jeans, olhando pela janela.

— Você percebe que é um ponto insignificante quando olha essa imensidão de nuvens — ele falou baixo e sorriu para mim. — Não somos tão grandes quanto imaginamos. Olhar para essa paisagem e para o mar nos mostra isso.

Eu acenei, sabendo bem o que era esse sentimento.

Sempre fui insignificante. Meus pais mentiram para mim e Gabrielle a vida toda. Nunca soubemos o porquê de tanto descaso, mas meses atrás descobrimos. Éramos adotadas. Apenas um modo de eles poderem receber uma herança. Um mal necessário.

Durante os meses que fiquei em Paris, procurei meus pais biológicos mesmo longe do Brasil. Não sabia bem por qual motivo, mas eu o fiz. Gabrielle não sabia disso e eu não queria contar por telefone ou videochamada.

Saber que os dois morreram anos atrás não me fez sentir nada. Nem tristeza, luto ou qualquer emoção. Foi algo que apenas me fez seguir em frente. Acabou. Agora só precisava contar à minha irmã.

Pensar em meus pais adotivos e biológicos me fez perceber que sempre senti que o amor não era algo que eu cultivasse, ou que alguém pudesse ter por mim. Meus pais me odiavam. Eu nunca me

apaixonei ou fiz algum garoto se apaixonar por mim. Eu era invisível aos olhos do amor.

— Qual seu maior sonho, Lore? — Theo perguntou, se virando para mim e me tirando dos meus devaneios. Seus olhos azuis eram tão brilhantes, tão calorosos, que eu senti uma necessidade de conversar com ele.

Qual era meu maior sonho? Viver em uma família completamente disfuncional me fez desejar ter coisas simples. Coisas que nunca tive de verdade.

— Quero ter uma família.— Fechei meus olhos com força e os abri, sentindo lágrimas se formarem. — Quero que alguém me ame e quero ter um filho para cuidar. — Dei de ombros e sorri para ele.

Nunca falei algo tão pessoal para alguém, nem mesmo para minha irmã, que era a pessoa que mais amava no mundo.

— Eu também quero isso — ele falou com suavidade e apertou minha coxa de novo. — Você vai ter sua família, Lorena. Vai fazer o mundo do cara que se apaixonar por você girar. Te prometo. — Ele piscou, mas seu rosto estava bem sério.

Permanecemos calados por bastante tempo. A aeromoça passou nos avisando que estávamos entrando em território brasileiro e logo iríamos pousar. Eu sorri aliviada por saber que veria meu sobrinho em breve. Luca era gordinho e lindo.

— Coloque o seu cinto — Theo mandou e eu acenei, fazendo o que ele disse.

— Esqueci de perguntar... — comecei e ele se virou, elevando a sobrancelha. — Qual o seu maior sonho, Theo?

Ele ficou calado por um tempo e me deu um sorriso triste.

— Ter um.

Franzi as sobrancelhas sem entender.

— Como assim?

— Os sonhos pelos quais eu luto dia após dia não são meus. São dos meus pais. — Ele ficou calado e se virou para a janela, me deixando absorver suas palavras.

— Eu...

— Um dia, terei um...

A voz de Theo foi cortada por várias pessoas gritando. Senti um solavanco no avião que me fez perder o fôlego. Theo agarrou minha mão assim que eu vi uma mulher ser atirada para o teto da aeronave.

Barulho de coisas sendo arremessadas e as máscaras de oxigênio caindo na nossa frente fizeram meu coração apertar. Pela janela, parecia que o avião estava acelerando mais que o necessário.

— Estamos caindo... Theo! — gritei, completamente apavorada.

Ele puxou meus braços, colocando-os entre as minhas pernas.

— Fique assim. Não se mexa! — Ele me olhou com o rosto cheio de medo e eu senti lágrimas se acumularem em meus olhos.

— Mantenha sua cabeça para baixo, abrace para o impacto. Mantenha sua cabeça para baixo, abrace para o impacto — a voz da aeromoça surgiu.

Virei a cabeça ao me lembrar da menina ao lado. Em seu rosto havia uma expressão apavorada enquanto estava caí da no chão. Eu engoli minhas lágrimas e retirei o cinto, me erguendo e segurando na poltrona. Tudo tremia, e quando quase caí em cima de outra pessoa desmaiada, segurei com força na poltrona à minha frente.

— Lorena, senta agora! — Theo gritou, me puxando pelo braço, mas eu precisava ajudar a menina.

— Ela está sem cinto... — Minha voz ecoou estridente sob os gritos.

Theo olhou para a menina e eu usei essa abertura para ir até ela. Coloquei-a no banco e passei o cinto por seu corpo enquanto ela chorava desesperada. Tentei ao máximo ficar firme no chão, mas quase não consegui quando uma mala caiu no meu pé e a dor excruciante me assolou. Olhei para trás e gritei quando senti uma pancada na minha cabeça. Minha visão escureceu e eu caí .

— Porra!

Ouvi o grito do Theo ao longe misturado com outras vozes, mas a escuridão me engoliu por completo.



— Acorde.

Eu abri meus olhos devagar e senti Theo à minha frente.

Minha pele estremeceu e senti algo gelado contra meu corpo. Segundos depois, meu corpo foi jogado de um lado para o outro, então percebi que estávamos na água.

— Está tudo bem, viu? — Ele gemeu. Tentei erguer minha cabeça, mas ela estava pesada e dor disparava por todo meu corpo. — Olhe para mim — pediu.

Abri bem os olhos, sentindo seu braço ao redor da minha cintura, me segurando. Seu outro braço estava segurando um pedaço de alguma coisa que nos fazia boiar.

Apertei meus olhos, percebendo que tudo estava muito escuro, mas ainda era dia, não era? Por que estava enxergando escuro?

— Onde estamos? Cadê a menina...

— O avião caiu no mar. Eu não sei de ninguém, só de você, pois te coloquei de volta na poltrona ao meu lado e te segurei. — Eu ouvi sua voz, mas não o via. Estava tudo escuro.

— Theo...

— Você me perguntou qual o meu maior sonho e eu respondi que era ter um. Realizei o maior sonho, pois agora o que mais quero na vida é que a gente saia dessa vivos. — Sua voz me fez sorrir mesmo diante da escuridão.

Tentei abraçar seu corpo, mas uma dor alucinante começou e eu caí na escuridão, apagando.

CAPÍTULO 02

"Ve-la acordar era o meu maior desejo."
O medo dela não resistir estava acabando comigo.

Theo Medeiros

— Você está bem.

Eu fechei meus olhos quando minha mãe falou isso novamente. Cheguei a esse hospital ontem à noite e, fora a dor no braço por ter segurado Lorena dentro do mar por quase duas horas, parecia que eu estava bem.

Ninguém me disse nada sobre o estado da Lorena, e quanto mais o tempo passava mais sentia que ela estava machucada.

— Eu quero vê-la, mãe — disse de maneira firme.

Minha mãe se afastou balançando a cabeça.

— Theo, você precisa se recuperar..

— O que aconteceu com ela? Lorena está bem? Só me fale isso — resmunguei, ficando irritado.

Minha mãe suspirou e balançou a cabeça novamente.

Odiava não saber o que aconteceu. Lorena não era minha amiga, longe disso, mas... porra, estávamos juntos quando o avião caiu. Eu merecia saber o que tinha acontecido, porra!

Me virei, respirando fundo quando a porta foi aberta e Luca entrou, com o rosto apavorado. Um alí vio me tomou ao observá-lo.

— Cara... — Lágrimas deixaram seus olhos brilhando enquanto andava até mim e me abraçava apertado. — Que susto, irmão.

— Nem me fale. — Balancei a cabeça.

— Estou aliviado por você estar bem, sem nenhum arranhão ou sequela...

— Eu também...

— Vou tomar um café, já volto — minha mãe avisou.

Eu assenti e a vi ir embora.

— Cara, você precisa me dizer como a Lorena está. — Estranhei a urgência em minha voz e percebi que Luca também, pois ele se afastou, franzindo as sobrancelhas.

— Não sei bem, ouvi apenas a Alí ciadizer que ela está na UTI. — Luca se aproximou novamente. — Gabrielle acabou de ter bebê, sabe? Ela não podia estar passando por isso agora — Luca lamentou e eu acenei.

— Como Alí cia está? E os bebês? — Eu me referia aos gêmeos que ela esperava. Luca ficou meio louco quando descobriu que seriam dois. Se um dava trabalho, imagine dois?!

— Bem, faltam três meses para os nove meses, mas sabemos que eles podem vir antes. — Ele sorriu com orgulho.

Ele ficou comigo por alguns minutos, e logo que saiu minha mãe retornou com uma enfermeira. Era hora de medicação. Não vi muito depois disso, pois acabei adormecendo.

Quando anoiteceu e minha mãe dormiu em uma poltrona ao lado da minha cama, me ergui e andei pelos corredores vazios e escuros até chegar ao elevador. Já tinha estado nesse hospital com minha mãe e sabia bem onde ficava a UTI. Na última vez que estive aqui foi para me despedir do meu avô.

Abri a porta que dava acesso aos quartos da UTI e notei que não tinham muitos médicos no andar, o que facilitou minha entrada, então fui em direção às portas. Abri cada uma delas até achar a mulher por quem eu rezei, dentro do oceano, pedindo que Deus a deixasse viver.

Quando vi Lorena, meus ombros cederam.

Me aproximei devagar e me sentei ao seu lado. Ela estava com ataduras pela cabeça e tinha um braço engessado. Olhei para a pele do outro braço e vi as mesmas queimaduras que as minhas. Não sabia em que momento o fogo nos atingiu, mas as marcas estavam presentes na nossa pele. Eu me virei quando abriram a porta e uma enfermeira entrou.

— O senhor não pode ficar aqui — ela me advertiu.

— Eu sei, apenas quero saber como ela está.

— Ela está em coma induzido. Sofreu um traumatismo sério na cabeça — ela me informou com pesar.

Segurei a mão de Lorena, que parecia tão gelada quanto um sorvete.

Vai ficar do bem, Medusa, prometi em pensamento e beijei seus dedos, colocando-os embaixo da coberta antes de me erguer.



Duas semanas depois, eu estava dentro do quarto dela, conversando sozinho.

— Seu cabelo está bonito hoje — resmunguei, segurando a mão de Lorena entre meus dedos.

Acariciei as mechas do seu cabelo claro entre meus dedos e sorri.

— Não que não estivesse bonita antes, mas agora você parece pacífica. Isso é raro, hein? — Sorri e levantei meus olhos

para seu rosto. As ataduras saíram, agora seu cabelo estava solto e penteado.

Gabrielle vinha aqui todos os dias e fazia coisas como pentear o cabelo da irmã e trazer flores. Ela trouxe até um dos seus quadros e o colocou na parede.

Ao ver seus lábios hidratados, mordi minha língua quando o pensamento abrupto de encostar os meus sobre os dela suavemente veio à minha mente. Porra, Theo.

— Ela chegou — Janaína me avisou da porta.

Eu sabia que era Gabrielle. Sempre vinha aqui escondido, apenas Janaína sabia disso.

— Tudo bem, estou indo — murmurei, sabendo que Gabrielle estava subindo pelo elevador.

João Guilherme, o cara da segurança, avisava a Janaína quando via Gabby pelas câmeras.

Foi um pouco difícil fazer os dois se tornarem meus aliados, mas eu era persistente. Sempre fui.

— Estou indo, beleza? — sussurrei contra o ouvido de Lorena e beijei o lóbulo, sentindo o perfume suave que Gabby passava nela todos os dias. — Amanhã estarei aqui mais cedo, vou trazer algo que vai gostar — sussurrei e fechei os olhos. — Meu maior sonho hoje é ver você acordada. — Eu me afastei, pegando minha pasta e correndo para fora assim que Gabby entrou pelas portas do corredor.

Eu me escondi atrás do balcão de Janaína e a ouvi cumprimentar Gabby.

— Um dia ela vai te pegar...

— Não enquanto eu tiver os guerreiros Janaína e Gui ao meu lado. — Pisquei, saindo de baixo do balcão e correndo para as portas.

Meia hora depois estava na construtora revisando todos os processos e contratos que tínhamos. O contrato que fui assinar em

Paris era um dos mais vantajosos para a nossa empresa.

— Bom dia, filho.

Levantei minha cabeça e vi meu pai entrar na minha sala.

— Bom dia — saudei e relaxei na minha poltrona, esperando que ele falasse o que desejava.

— Sua mãe pediu que eu viesse aqui...

— Meu Deus. — Revirei os olhos, sabendo bem o que ia me falar.

— Theo...

Esfreguei meu rosto e lhe dei minha atenção.

— Você saiu de novo na madrugada. Todos os dias, Theo, desde o acidente. — Ele suspirou e se sentou à minha frente. — O que você pretende indo visitar essa menina todos os dias?

— Eu sou maior de idade e não preciso que fiquem me vigiando. O que ela faz para saber que horas eu saio da minha casa? Minha mãe paga algum dos meus vizinhos para avisar a ela? Tipo, um relatório? — questionei, furioso. Essa não era a primeira vez que ele vinha reclamar das minhas visitas a Lorena.

— Não faça isso, Theo, sua mãe está apenas preocupada. — Ele se inclinou, colocando seus cotovelos nos joelhos. — Não é saudável ir todo santo dia ver a menina que sofreu o mesmo acidente que você. Ela está em coma, Theo, não sabemos quando vai acordar, ou se vai mesmo...

— Pare! — gritei furioso e me levantei da minha cadeira. — Lorena vai acordar e eu vou estar lá para vê-la. Você me entendeu?

— Tudo bem, filho. Tudo bem. — Meu pai respirou fundo e se ergueu. Seu rosto estava cansado por estar sempre preocupado comigo e com minha mãe. — Eu vou indo.

— Pai — chamei quando ele já estava na porta —, estou bem, tá? Está tudo bem. Eu só sou protetor com ela, não sei explicar isso direito.

Ele acenou e foi embora.

Apertei meus olhos, frustrado. Era verdade. Não sabia o que tinha de errado comigo, mas eu estava obcecado por Lorena e ela nem mesmo estava acordada para me ver.

Joguei o porta-canetas na parede e fitei o teto por horas enquanto pensava no que diabos tinha de errado comigo.



— O que devo fazer? — Pamela perguntou baixinho enquanto eu guiava sua cadeira de rodas até o quarto de Lorena.

— Você faz o que achar melhor. Pode conversar com ela, ou apenas olhar. — Sorri, me agachando à sua frente.

Ela olhou para a minha calça jeans e camiseta preta e acenou devagar. Seus olhos castanhos eram escuros e seu cabelo cacheado estava bem penteado, formando cascatas de cachos.

Abri a porta e ela entrou devagar, sorrindo tensa. Pamela olhou com tristeza para Lorena e se aproximou da cama, ficando ao lado.

— Oi. — Me aproximei de Lore e beijei o lóbulo da sua orelha. — A surpresa que falei ontem está aqui — disse e pisquei para Pamela.

— Olá, Lore. — Sua voz doce e infantil soou no quarto e seus olhos brilharam. — Eu sou a menina que você salvou... Theo e meus pais disseram que você foi muito corajosa, quero ser como você quando eu crescer. — Pam limpou seu rosto molhado e beijou a bochecha de Lore. — Ainda estou no hospital, pois quebrei minha perna. Vou visitá-la outras vezes se seu namorado me trazer.

Eu acenei, sem desmentir a parte do namorado.

— Trarei sim — afirmei e apertei a mão de Lorena suavemente.

Levei Pamela para seu quarto e voltei ao de Lorena, para me sentar ao lado de sua cama. Seu rosto estava como todos os dias, suave e pacífico. Seu cabelo estava penteado assim desde ontem, quando sua irmã veio.

Eu me inclinei em sua direção e segurei sua mão contra meu rosto.

— Você precisa voltar, está bem? Sei que eles estão te dando medicação, mas a dosagem está bem menor agora e você pode acordar. — Beije seus dedos.

Os dias se arrastavam, e quanto mais tempo passava mais as pessoas se convenciam de que ela não acordaria, mas eu não. Lorena logo voltaria, eu sabia disso.

— Theo, com licença — Janaresmungou, entrando no quarto para dar sedativos a Lorena.

— Já diminuíram essa porcaria? — questionei com urgência.

— Você sabe que sim. Ela logo vai acordar, não se preocupe — Janarespondeu enquanto fazia o seu trabalho. — Ainda é cedo, por que não coloca música para ela como anteontem? — indicou, parando ao meu lado quando já estava de saída.

— Vou fazer isso, obrigado.

Retirei meu fone de ouvido do bolso e coloquei um em seu ouvido e o outro no meu. Apertei o play em uma música que me fazia lembrar dela e engoli em seco, descansando minha cabeça em sua barriga.

Ni ninguém vê, ni ninguém sabe

Nós somos um segredo, não podemos ser expostos

É como isso é, é como isso será

Longe dos outros, perto um do outro

Na luz do dia, na luz do dia

Quando o sol está brilhando

Tarde da noite, tarde da noite

*Quando a lua está cegando
Na vista de todos, à vista de todos
Como estrelas na clandestinidade
Você e eu, quem manda
Junte dois mais dois, pra sempre nunca irá mudar
Junte dois mais dois, nunca irá mudar
Ninguém vê, ninguém sabe
Nós somos um segredo, não podemos ser expostos
É como isso é, é como isso será
Longe dos outros, perto um do outro*

O que estava eu fazendo? Levantei meu rosto, ouvindo os acordes da música e a voz com uma rouquidão suave da cantora. Deslizei os dedos pelo rosto de Lorena quando me perguntei se meus pais estavam certos. Será que vir visitá-la e estar ao seu redor estava me fazendo mal? Estava me consumindo?

Eu apertei meus punhos, descartando essa ideia idiota. Lorena precisava de mim e eu estaria ao seu lado quando ela acordasse. Não importava o que andava sentindo dentro de mim ou o que os outros falavam. Era assim que continuaria sendo.

Passei mais alguns minutos com ela até que Jana avisou que Gabby chegou. Saí do seu quarto depois de deixar um novo beijo em seu lóbulo da orelha e repetir sussurrando o meu novo maior sonho.



Semanas depois, ouvi meu celular tocar ao longe e me ergui contra minha vontade. Praguejei irritado quando os contratos que estava vendo ontem caíram no chão. Era isso que dava trabalhar na cama e desabar de sono.

— O quê? — questionei, suspirando, sem nem mesmo ter olhado para a tela do aparelho. Soltei um gemido quando ouvi a voz dela.

— Hum... você disse que me levaria para o curso, que era caminho para você — Tina resmungou na linha.

Arregalei os olhos, correndo pelo quarto.

— Que horas são?

— Quase sete. Você acordou agora, não é? — Ela riu do outro lado da linha.

— Passo aí em um minuto. — Tirei a camiseta e a calça jeans. — Onde está Alí cia? — questionei, entrando no banheiro.

Deixei o celular no viva-voz e ouvi Tina responder que estava ao seu lado, então pedi que desse o celular para ela.

— Ligue para a Gabrielle e a atrase hoje, pode ser? Por favor? — pedi, sem nem mesmo me dar conta do que tinha acabado de dizer.

— O quê?! Como assim? — A voz da Ali estava confusa.

Soltei um gemido fraco. Porra, ninguém sabia das minhas visitas a Lorena, nem mesmo Luca.

— Eu... — tentei responder, mas acabei falhando. — Estou visitando Lorena e não quero que Gabby me pegue lá. Você pode atrasá-la enquanto eu vou ver a irmã dela? — Eu rezei para que ela não perguntasse mais nada.

— Tu-tudo bem... Theo, você está bem? — Sua voz doce e preocupada me fez reter a respiração.

— Estou. Faça apenas esse favor pra mim, o.k.?

Ela desligou assim que disse que faria.

Eu me arrumei depois do banho bem rápido e corri para meu carro. Passei na casa de Alí cia e peguei Tina. Assim que saí com o carro, vi Gabrielle estacionar, saindo do seu carro bem apressada.

— Lili disse que o bebê está nascendo — Valentina me informou.

— Sério? — perguntei retoricamente e Tina acenou.

— Você se apaixonou por ela, Theo? — ela questionou sussurrando. Eu olhei pela janela, fingindo não ouvir. — Tudo bem. — Seus ombros caíram e ela passou o resto do caminho calada.

Assim que Tina abriu a porta do carro, segurei seu braço.

— Não sei, Tina — respondi com sinceridade antes de sentir sua mão em meu rosto.

— Você merece ser amado. — Ela beijou minha bochecha e saiu andando até o prédio.

Ela nem parecia mais a menina para quem eu comprava mochilas e brinquedos.

Cheguei ao hospital quase às oito horas. Janaí nasuspirou aliviada ao me ver e me seguiu até o quarto de Lorena.

— Pensei que tinha morrido. Nunca se atrasou tanto. — Ela fez careta e eu a observei apenas arrumar Lorena na cama.

— Dormi demais. Ontem tive que rever trabalhos que estavam pendentes — disse e me sentei ao lado da cama, esperando Jana sair

Os sedativos foram suspensos, agora estávamos apenas à espera do momento em que ela acordaria.

— Vamos, sua preguiçosa. Estou cansado de esperar. — Bufeí, beijando sua orelha, bem no lóbulo. — acorde, Lore — pedi, enquanto deixava meus lábios no canto da sua boca. — Você sabe o quanto desejo te beijar? Você estaria se perguntando por que diabos desejaria isso, e eu te diria que não sei. Caramba, eu não sei mesmo. — Cocei minha nuca e encarei seus olhos fechados. — A única coisa que sei é que você entrou na minha cabeça e não sai.

Soltei um gemido e beijei sua testa.

— Você vai me beijar, não vai? Quando você acordar, precisa fazer isso. Não quero ser seu amigo merda nenhuma, e nada dessa

baboseira que gostam de enfeitar relacionamentos — falei de uma vez e morde minha boca, frustrado. — Você vai ser minha quando se levantar dessa cama. Eu juro que vai — sentenciei, me achando um tolo, idiota e estúpido por estar falando essas coisas.

Quando isso começou? Quando passei a querer bem mais dessa garota que apenas amizade? Caralho, eu estava fodido. Não nos conhecíamos a fundo, Lorena nem mesmo sabia que o tempo estava passando enquanto dormia. Nem sabia que eu estava ali, desejando tê-la.

Ela ia me achar um louco.

— Ela chegou — Jana avisou.

Acenei, me erguendo. Eu me aproximei de Lorena e sussurrei em seu ouvido:

— Meu maior sonho hoje é ver você acordada.

Saí do seu quarto e encarei Janaína e Gui, que estava ao seu lado.

— Qualquer novidade...

— Avisaremos — os dois disseram juntos e eu os agradei.



— Como você furou o pneu? Porra, isso foi um estrago. — A voz do Luca saiu abafada enquanto ele trocava a porcaria furada pelo estepe.

— Não faço ideia. Só percebi quando cheguei ao trabalho. — Dei de ombros, sentado na bancada.

Kieran saiu do escritório e parou quando me viu.

— Theo. — Sua saudação era fria.

Eu acenei, sem lhe dar atenção. Não que eu não gostasse do cara, sério, não tinha nada contra, mas ele me ameaçou tempos atrás, pensando que eu estava a fim da Gabby. Idiota.

— Prontinho. — Luca sorriu se erguendo.

Tirei meu dinheiro da carteira para pagar pelo serviço.

O celular do Kieran tocou assim que eu pulei da bancada. Ele atendeu e permaneceu calado por uns segundos enquanto sorria aliviado.

— Estou indo, amor. — Ele se virou para mim e acenou devagar. — Lorena vai voltar para você. Eu te falei que iria.

Eu peguei as chaves da mão de Luca e comecei a sair da oficina.

— Lorena acordou? — Luca perguntou a Kieran, então parei de andar e permaneci esperando uma resposta.

— Sim. Gabby disse que ela acordou.

Não me despedi, apenas corri para meu carro e fui para o hospital, passando todos os sinais vermelhos e infringindo a lei ao andar acima da velocidade permitida. Não me importava. Janae Gui me ligaram assim que estacionei o carro.

— Ela acord...

— Estou subindo — eu os interrompi e desliguei o celular.

CAPÍTULO 03

"O acidente me tirou mais do que maginei,
me fez perceber mais sobre o mundo, eu
só precisava lembrar disso em meio a dor.

Lorena Marinho

Minha cabeça parecia pesada. Tudo estava tão devagar. Tentei apertar minhas pálpebras, mas não consegui, não tinha força nem para isso. Vi um pequeno ponto de luz ao longe quando senti os dedos de alguém em meu rosto, abrindo meus olhos. Apertei as minhas mãos e os dedos apertaram de volta.

— Ela está acordando — alguém pronunciou pouco antes de sentir um beijo contra meu rosto.

— Ela está acordando. Lorena. Ela vai acordar. Respondeu aos estímulos do médico.

Senti novas lágrimas quando ouvi a voz da minha irmã.

Minha cabeça voltou a pesar e a escuridão começou a me engolir de novo. Eu queria ficar acordada, precisava entender o que estava acontecendo. Flashes do avião surgiram, então me lembrei do acidente. Onde estava o Theo. Ele estava bem?



— Ei! — Tentei abrir minhas pálpebras quando a voz grossa entrou em minha cabeça. — Você está quase realizando o meu maior sonho, Medusa. Acorde. Vamos, sua preguiçosa.

Um arrepio subiu pela minha coluna quando seus lábios beijaram o lóbulo da minha orelha.

Theo.

Ele estava bem. Estava conversando comigo. Dentro de mim eu relaxei, Theo sobreviveu. Era isso que importava.

— Vamos, mana — Gabby falou ao fundo, então tentei mais uma vez mover minhas pálpebras.

Elas tremeram e enfim meus olhos se abriram. Pisquei quando a escuridão ainda era tudo o que via. Puxei meu braço com muita dificuldade e toquei meus olhos devagar.

— Lorena. — Theo estava por perto, sentia seus dedos dentro da minha mão.

Ergui meu rosto tentando enxergá-lo, ou até Gabby, mas nada mudou. O breu completo estava à minha frente. Eu fechei os olhos e os abri em seguida, tremendo de medo. Queria fugir da escuridão abrindo os olhos, mas era somente ela que me seguia. O que estava acontecendo?

— Lore? — Gabby parecia confusa.

— Escuro. — Minha voz saiu grossa e logo comecei a tossir.

— Jana, me dê a água — Theo pediu, com a voz um pouco trêmula.

— Ela não pode beber água. Acabou de acordar.

— Lorena, o que está escuro? — Uma voz diferente se fez presente, logo reconheci como sendo do meu cunhado, Kieran.

— Tudo. Eu não enxergo. Gabby? — chamei minha irmã, me mexendo na cama, tentando encontrá-la. Assim que senti sua mão, eu a puxei e abracei seu corpo. — Mana, está tudo escuro. Gabby, por favor. Gabby, por favor, por favor, por favor.

Meu lamento se seguiu enquanto eu sentia o corpo da minha irmã tremer cada vez que eu implorava. Ao sentir a umidade contra meu rosto, tive certeza de que eram nossas lágrimas juntas.

— Lorena, o médico vai te examinar. Deite-se, por favor — Theo falou.

Eu me soltei da minha irmã e procurei sua mão, assim que nossos dedos se tocaram eu a apertei.

— Você está bem? — questionei enquanto encarava a escuridão de olhos abertos.

— Sim, Medusa, estou.

Engoli em seco e sorri um pouco. Pelo menos ele estava bem.

— Onde o médico está? — ansiosa, perguntei e puxei Gabby, que permaneceu segurando a minha mão. — Não me deixe, Gabby.

— Está tudo bem. Não sairei daqui. Eu juro.

Relaxe com sua promessa. De repente, ouvi uma voz rouca e cansada começar a explicar:

— Lorena, estamos muito felizes que acordou. Você sofreu uma pancada muito forte na cabeça, que ocasionou uma lesão no lóbulo occipital. Falando em palavras que possa entender, esse lóbulo é o sistema que cuida da nossa visão. Precisamos esperar a lesão sarar para que eu possa dizer com exatidão se a sua cegueira é temporária ou não. — A voz bem suave sobressaía ao barulho de folhas de papel, talvez os exames que eles fizeram.

Mesmo aterrorizada, tentei me manter calma, então acenei e respirei fundo. Não sei quantos minutos passaram, mas ouvi os fungados da Gabby ao mesmo tempo em que sentia os círculos que Theo fazia na minha mão. O médico abriu meus olhos, um de cada vez, e me perguntou se eu conseguia ver algo.

— Uma luz bem fraquinha — respondi, ouvindo o médico rir e meus amigos suspirarem aliviados.

— Isso é ótimo — o médico falou alegremente.

Theo apertou meus dedos e Gabby beijou minha cabeça.

Eu o ouvi saindo do quarto com a Gabby e eu fiquei receosa com o que estavam conversando. Ao notar uma movimentação no lado onde Theo estava, virei minha cabeça para ele.

— Vai ficar tudo bem — ele prometeu, então apoiei a cabeça no travesseiro.

— Tenho medo de escuro — confessei, fechando os olhos. — Sempre tive, mas agora estou apavorada. — Seus dedos subiram pela pele do meu braço. — Não tanto quando aperto os olhos, mas abrindo-os parece que é o meu pior pesadelo. — Minha voz tremeu.

— Todo mundo tem medos — Theo sussurrou perto do meu ouvido e eu senti seu hálito quente beijar minha pele.

— O que está fazendo aqui?

“Seu cabel o est á mui t o boni t o hoj e, sabi a, Medusa!?”

“Você vai ser mi nhaquando se l evant adessa cama. Eu j uro que vai .”

“Meu mai or sonho hoj e é ver você acordada.”

Frases ecoaram na minha cabeça e eu estremeci. Era a voz dele. Quando ele... droga.

— Enquanto eu estava dormindo você esteve aqui? — falei rapidamente antes que começasse a chorar.

— Eu... — Ele parou de falar.

Ergui minha mão para tocar seu rosto. Meu corpo parecia cansado, erguer a mão para tocar meu rosto e puxar Gabby momentos atrás me deixou exausta de uma maneira que não sabia explicar. Deslizei por sua bochecha e cheguei à sua boca. Não entendia minhas atitudes, mas eu queria tocar nele. Recordar mais ainda seu rosto. A curva do arco do cupido dos seus lábios carnudos era acentuada, senti quando passei meus dedos por ela. Subi para seus olhos e os contornei, lembrando-me devagar do seu rosto completo.

— Você é bonito, sabia? — disse sem perceber, e ele sorriu contra meus dedos.

— Você é mais, Medusa.

— Não me chame assim — respondi com uma careta, ainda com os olhos bem fechados.

— Você gosta. — Theo riu e eu suspirei, sentindo meu coração dar um pulo.

O que era isso? Afastei minha mão da sua pele devagar e me distanciei. Senti a escuridão à espreita, mas não queria fazer Theo achar que estava me apoiando nele. Nem mesmo o conhecia direito, não precisávamos nos aproximar só por termos sofrido o acidente juntos. Isso não ia acontecer

— Ei...

— Onde Gabby está? Pode chamá-la? — Mudei de assunto, querendo ficar sozinha.

— Lorena...

— Preciso conversar com ela — eu o interrompi.

Ele pegou minha mão mais uma vez, mantendo-a para ele quando tentei puxar.

— Vou chamá-la — Theo avisou e acenei, tentando puxar o meu braço. — Pare de puxar o braço...

— Eu estou bem, Theo, é melhor você ir embora — eu disse, mas ele continuou segurando meus dedos.

— Estava preocupado com você... Eu pensei que tinha morrido...

— Eu também pensei que você tinha morrido, mas eu... é melhor você ir — disse, cansada e, por fim, ele soltou meus dedos.

— Medusa — ele resmungou sob sua respiração.

Virei a minha cabeça para o lado oposto ao que ele estava, enquanto segurava minhas mãos em meu colo. Pulei quando senti seus lábios tocarem minha orelha.

— Volto amanhã.
E assim, ele sumiu.



— Como Luca é? Ele parece com você? — questionei à minha irmã quando estávamos sozinhas.

Fazia um tempo que Theo tinha ido embora e Kieran voltou para o trabalho, dizendo que se Gabby precisasse de algo ele voltaria.

— Que nada! É a cara do Kieran, como Nico.

Ao ouvir um sorriso em sua voz, apertei sua mão, sentindo a felicidade transbordar de mim.

— Quero vê-lo, apenas senti-lo. Será que ele pode vir com você?

— Acho que não. Ele é apenas um recém-nascido. — Ela suspirou desanimada. — Você vai amá-lo quando enfim conhecê-lo. Ele é perfeito...

— Eu já o amo.

— Hum... — Gabby balbuciou, mas não finalizou antes de suspirar. — Theo veio aqui, achei estranho como ele se comportou. — Ela passou a mão pelo meu rosto e sua voz se suavizou. — Vocês já ficaram? Digo, ele parecia muito preocupado e...

— Não. Nunca ficamos — respondi depressa.

Minha irmã permaneceu calada por um segundo.

— Lore...

— Eu acho que preciso descansar um pouco — eu a interrompi, irritada, pouco antes de ela se afastar de mim. — Vá para casa. Quero ficar sozinha. — Eu me virei para o lado contrário, dando-lhe as costas.

— Voltarei mais tarde, à noite...

— Não, eu preciso ficar sozinha. Me desculpa.

Segurei as lágrimas até que ela disse um está tudo bem e foi embora. Abracei meu corpo e deixei meu choro fluir. Não sabia quando parei, só que acabei adormecendo e foi então que o meu verdadeiro pesadelo começou.

Gri t eiquando senti um sol avancono avião. Theo agarrou mi nhamão assi mque vi uma mul herse at i radaquase para o t et o do avião.

— *Estamos cai ndo... Theo!* — *gri t ei ,compl et ament e apavorada. El epuxou meus braços, col ocando-osent re as mi nhas pernas.*

— *Fi queassi m.Não se mexa!* — *Theo me ol houcom o rosto chei o de medo e eu senti l ágri mas descerem por meu rosto.*

— *Mant enha sua cabeça para bai xo,abrace para o i mpact o*
Mant enha sua cabeça para bai xo,abrace para o i mpact o.— *A voz da aeromoça surgiu ue eu vi reimi nhacabeça quando me l embreida meni na ao l ado.*

Seu rost oest avaapavorado e el aest avano pi so,não em seu assent o. Engol imi nhasl ágri mæ ret i reio ci nt o,me erguendo e segurando na pol t rona.

— *Lorena, sent a agora!* — *Theo gri t oume puxando pel o braço, mas eu preci sava aj udar a meni na.*

— *El a est á sem ci nt o...* — *gri t ei sob os gri t os.*

Assi m que Theo ol hou para a meni na, eu fui até el a. Col oquei -no banco e passei o ci nt o por seu corpo enquanto el a chorava desesperada. Ol hei para trás e gri t eiquando senti uma pancada na mi nha cabeça. Mi nha vi são escureceu e eu caí .

— *Porra!*

Ouvi o gri t o do Theo ao l onge, mas a escuri dão me engol i

Acordei querendo apagar a visão do rosto da criança dos meus pensamentos e a voz do Theo que ressoou longe. Ao sentir a dor na minha cabeça surgir, abracei meu próprio corpo, me

balançando para a frente e para trás enquanto contava de olhos fechados.

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20.

Recomecei a contagem, sentindo minha respiração acelerada e meu batimento cardíaco descontrolado. Ouvi os gritos do Theo ainda em minha cabeça se repetindo uma e outra vez, porém, bem ao fundo, soava um bipe aumentando.

— O que está acontecendo? — A voz da minha irmã surgiu.

Apertei meus olhos com força, contando novamente. Por um tempo, ouvi Gabby repetindo a pergunta, os gritos do Theo me mandando sentar, os olhos medrosos da garotinha e os bipes idiotas.

Eu parei de contar assim que tudo cessou.

Retirei os braços que abraçavam minha barriga e me deitei suavemente, com os olhos fechados. Senti Gabby segurar minha mão e sussurrar que estava tudo bem.

Eu sabia que não estava nada bem.

Gabrielle mentiu pensando que eu estava fraca demais para suportar que eu estava tendo pesadelos e flashbacks.

Sabia que eu tinha mudado, mas não sabia que era tanto.

CAPÍTULO 04

'Não havia nada que me machucasse mais que o meu passado. Onde estão os motivos?'

Lorena Marinho

DUAS SEMANAS DEPOIS

Estremeci ao sentir as escovadas que Gabby passava em meu cabelo. Peguei nas pontas e percebi que ele estava mais curto que o normal.

— Meu cabelo foi cortado?

— As pontas queimaram um pouco, então cortei apenas para...

— Meu cabelo era tão bonito longo — contrapus, irritada

Peguei a escova da mão dela e eu mesma o penteei.

— O que você tem? Está irritada o tempo todo — Gabrielle falou, me fazendo ter uma vontade enorme de revirar os olhos.

— Nada. Acho melhor você ir para a casa. Vá cuidar dos seus filhos — resmunguei, me concentrando em pentear meu cabelo.

— Eles estão bem, Lorena, eu não entendo por que está me tratando assim...

— Gabrielle, nem tudo gira em torno de você, pelo amor de Deus! Apenas vá embora! — gritei, descontrolada, sentindo minha respiração entrecortada.

— Eu volto mais tarde...

Permaneci calada até ouvir a porta bater. Meu coração doeu e eu queria entender por que estava sendo tão vadia com minha irmã. Ela era a única família que eu tinha.

Se eu fosse sincera, diria que era por meus pais. Onde eles estavam? Eu quase morri e mesmo assim eles não se dignaram a me visitar.

Pouco tempo depois, com meus olhos queimando com lágrimas, procurei o botão ao lado da cama e o apertei, chamando a enfermeira.

— Preciso de um telefone. Quero que ligue para a minha irmã, se possível — consegui dizer assim que a porta foi aberta.

— Claro.

Depois de alguns segundos, ela me passou um celular. Coloquei em minha orelha e ouvi chamar até Gabby atender.

— Janaína, ela está bem? Estou no estacionamento. Espere um segundo que estou voltando...

— Sou eu — sussurrei devagar e me encolhi em uma bola na cama.

— Oi, Lorena, você está bem? Aconteceu...

— Por que eles não vieram me ver ainda? Estão viajando? — eu a cortei, com medo da fragilidade que ouvi em minha voz.

— Mana...

— Com certeza devem estar viajando. Nosso pai saiu a negócios, foi isso? — Abafei meu soluço com a mão e ouvi Gabby respirar fundo.

Eles nunca foram pais de verdade, eu sabia disso. Mas como não sentir pela vida da filha? Quase morri e nenhum dos dois

sequer apareceu.

Eu era uma mulher forte, mas a garotinha que queria a aprovação dos pais ainda estava dentro de mim. Não tinha como apagá-la.

— Eles... Sim, estão viajando. Mas já sabem que acordou, então logo virão te visitar, está bem? — ela prometeu.

Soltei a respiração que nem sabia que estava prendendo.

— Tá bom. Obrigada, Gabby. — Eu desliguei e entreguei o celular para a enfermeira.

Quando ouvi seus passos saindo do quarto, comecei a torcer meus dedos. Onde Theo estava? Será que ficou magoado por eu tê-lo mandado embora?

— Espere, por favor — pedi, engolindo em seco e me sentando.

— A senhorita precisa de mais alguma coisa?

— Theo — respondi e abri meus olhos, ainda encarando a escuridão. — Ele não veio mais aqui? — Esfreguei minha orelha e suspirei. — Tipo, só estou perguntando, pois quando acordei ele estava aqui...

— Theo estava aqui bem antes de você acordar. Ele chega a esse hospital às cinco horas da madrugada todos os dias desde que ele teve alta. E já faz mais de um mês. — Sua voz era carinhosa ao falar dele.

— Co-como assim? — Franzi a testa.

— Theo te visitou todos os dias. Conversou com você, colocou músicas para tocar. — Ela riu um pouco e eu coloquei uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. — Eu sei quando alguém gosta de outra pessoa, quando se apaixona... Theo é assim por você.

— Você está louca — afirmei, balançando a cabeça. — Não nos conhecemos. Como alguém se apaixona por uma pessoa que nem mesmo conhece? Por alguém que está dormindo?

— Não, querida. A gente se apaixona pelo que as pessoas nos fazem sentir. Theo se sente vivo quando está nesse quarto com você. — Ela suspirou e eu me assustei quando sua mão deslizou na minha. — Acho que você deveria conversar com a psicóloga do hospital, ela vai te fazer enxergar que a paixão não está no conhecer, mas, sim, no que nos faz bem. — Janaí rasoltou minha mão e eu mordi meu lábio, sem saber o que dizer. — E ele continua vindo todos os dias. Theo fica sentado no corredor por uma hora, depois se levanta e vai embora.

Apertei a carne da minha boca até sentir o sangue. Como assim ele vinha e ficava lá fora?

— Todos os dias?

— Todos os dias, querida. Às cinco da madrugada.

Acenei indicando que entendi, e logo ouvi a porta se fechar.

Quando terminei de almoçar com a ajuda de outra enfermeira, ouvi a porta abrir. Ergui meu rosto e abri os olhos por um momento, mas voltei a fechá-los.

— Eu entendo sua revolta. Entendo mesmo, e sinto muito por você estar sem poder enxergar — Kieran começou a falar. — Mas, Lorena, se você pensa que pode deixar Gabrielle triste com isso, está enganada. Ela ainda está de resguardo e amamentando Luca, mas a Algodão Doce continua vindo aqui todas as manhãs e à noite, antes de você dormir. E faz mais de um mês. E você, o que faz? Você a trata como se a culpa fosse dela. — Sua voz se elevou um pouco. Respirei fundo, sentindo que ele estava me tratando como eu merecia. — Sua irmã te ama e eu sabia disso desde o momento que nos apaixonamos. Sabia que se eu quisesse ficar com a Gabby, você viria no pacote. E porra, eu te amo, sim. Você é minha família também, mas não faça sua irmã chorar, Lorena. Ela não tem culpa do que te aconteceu...

— Eu sei. — Minha voz era baixa e repleta de culpa. Levantei as mãos aos meus olhos enquanto as lágrimas rompiam e os soluços começavam. — Eu sinto mu-muito... não sei o que está

acontecendo comigo. Sempre fui idiota e impulsiva, mas agora minha raiva está em um ní velmaior. — Os braços do meu cunhado me rodearam.

— Nós estamos aqui, Lore. Gabby e eu não vamos a lugar algum, e se formos você vai conosco, porque é isso que família faz.

— Ela me disse que nossos pais estão viajando — falei devagar enquanto ele se afastava e eu limpava minhas lágrimas. — Gabby mentiu, não é? Eles sabem do meu acidente, da sequela e nunca vieram aqui me ver. Me fale a verdade, Kieran. Preciso virar essa página...

— Eles não são seus pais, Lorena. Eles nunca foram. E, sim, Gabby mentiu, ela não queria te machucar com a verdade. — Ele respirou fundo e segurou a minha mão. — Gabrielle ligou diversas vezes, eles nunca retornaram.

— Deveria ter imaginado.

— As atitudes deles não são culpa sua. Eles são dois monstros, Lorena, e nós, sua família, queremos que tudo continue como está. Eles longe da gente.

— Eu entendi. Obrigada, Kieran.

— Sempre aqui. Agora eu preciso ir, Luca está sozinho na oficina. — Ele riu. — Ah, mais tarde tem uma visita surpresa para você. — Kieran bateu a porta e foi embora.

Vi si t a surpresa?

À tarde, eu estava inquieta quando deu o horário de visitas. Eu não fazia ideia de quem poderia aparecer, até porque quem tinha de vir me visitar já veio. Kieran e Gabby, minha família, como ele falou. E Theo.

Suspirei quando pensei nele sentado lá fora, às cinco da madrugada. Por que Gabby não me contou?

— Visita para você, Lorena — Janaína falou.

Eu me sentei devagar e abri meus olhos, mas apenas encontrei a escuridão.

Algo dentro de mim me pedia para fechar os olhos, mas não ia obedecer aos meus medos. Eles iam crescer e me apavorar.

— Ei! — Eu franzi as sobrancelhas ao ouvir a voz do Luca, amigo do Theo e marido da Alícia, melhor amiga da minha irmã.

— Ah. — Decepção se instalou na minha voz, mas logo forcei um sorriso. Achei que poderia ser outra pessoa. — Oi, Luca.

— Como você está?

Eu o senti se encostar ao lado da minha cama.

— Bem, só está tudo meio escuro. — Sorri devagar.

— É temporário, não é? Seja forte no escuro e se agarre às vozes ao seu redor. — Ele riu, falando. — Alícia está aqui também, mas como vocês meio que se odeiam, ela prefere ficar calada...

Eu arregalei os olhos e ouvi os cliques de um salto.

— Luca, pare com isso! — ela falou, irritada. Mordi meu lábio quando senti vontade de tocar a minha orelha. — Tí nhamos nossas desavenças...

— Eu queria seu homem — eu a interrompi e sorri. — É uma desavença e tanto...

— Sim. Principalmente quando o que sentimos é amor, não apenas uma aventura.

Notei o rancor em sua voz, mas apenas fiquei calada.

— Luca é completamente apaixonado por você, então não tem nenhum perigo por aqui.

— Eu sei. Me desculpe. — Ela suspirou e logo depois pegou a minha mão. — Enfim, viemos saber como está e trazer flores. Espero que se recupere logo.

— Obrigada por terem vindo. De verdade.

— Não foi nada. — Luca apertou minha outra mão e eu apertei a dele de volta. — Fique bem, fique firme, Lorena. — Sua voz era simpática. Sorri diante da certeza que ele tinha.

Os dois foram embora e eu fiquei sozinha, apenas ouvindo o barulho do corredor do hospital. Queria ir para a casa, mas o médico disse que eu precisava ficar mais alguns dias aqui, para me monitorar. Eu me encolhi e abracei meu corpo.

O sono venceu e mais uma vez, em mais um dia, as lembranças surgiram em forma de pesadelos.

Acordei de repente e tentei me virar, mas não senti o colchão. Não cheguei a cair, pois braços envolveram minha cintura e me manteve longe do chão. O aroma forte de madeira com um toque cítrico me fez inspirar. Já tinha sentido esse cheiro.

— Quem é? — questionei rápido.

A pessoa me colocou de volta na cama em silêncio. Engoli em seco, agarrando o lençol, apertando o tecido.

— Me responda — pedi, mas quando o silêncio se seguiu, apertei o botão ao meu lado e chamei a enfermeira. Parei de me mexer quando me lembrei do cheiro familiar. Eu o senti quando estava em coma, eu me lembrava disso.

— Theo? É você? — Minha voz tremeu e eu tateei a cama, tentando me levantar.

Quando a porta se abriu, consegui colocar os pés no chão.

— Jana, é você?

— Oi, querida. Você se ergueu, que maravilha. Podemos ir passear, se quiser. Ainda não anoiteceu, podemos ver o pôr do sol...

— Theo estava aqui? — Ignorei seu convite. Era ele. Ele tinha esse cheiro.

— Eu não sei. Quando entrei não tinha ninguém — ela me respondeu.

— Gostaria de ir passear, Jana. Por favor — pedi, cansada, mas ela pareceu ficar bem alegre. — Posso vestir alguma coisa que não seja essa roupa? Me sinto constantemente feia nela.

— Claro. Sua irmã trouxe vestidos bonitos para você.

Ela continuou falando enquanto eu permanecia calada. Assim que peguei em seu braço e começamos a caminhar, senti arrepios pelo meu corpo.

— Jana, ele está aqui, agora? Por favor, não minta — pedi suavemente quando senti os raios de sol sobre a minha pele, esquentando-a.

— Não está, eu juro

— Preciso que me ajude com algo.

Ela me ajudou a sentar no que parecia ser um banco de madeira.

— Em quê? — Sua voz era superempolgada.

Relaxei, sabendo que podia confiar nela. Contei os detalhes do que eu queria, e quando finalizei, ela prometeu me ajudar.

Me acomodei melhor no banco e abri bem os olhos, olhando para cima. Sorri quando, lá no fim da escuridão que me rodeava, eu vi um feixe de luz. Eu me agarrei a esse ponto com todas as minhas forças e sabia que elas eram maiores do que eu pensava.

CAPÍTULO 05

'Fui no seu tempo, mesmo odiando cada segundo sem poder estar com ela.'

Theo Medeiros

Como ela podia pensar que estava menos que perfeita? Era uma tortura estar no mesmo local que ela e não poder dizer nada. Não queria chateá-la, por isso optei por vir visitá-la, mas me manter longe. Só que isso não queria dizer que era fácil.

Eu me movi para a porta e esperei as duas do lado de fora. Assim que Jana e ela saíram do quarto eu as segui em silêncio. Quando atingimos o jardim do hospital, eu me encostei na parede e deixei as duas conversarem sentadas, longe de mim.

As mechas douradas do seu cabelo brilhavam contra a luz do sol enquanto eu via sua boca se mexer, ainda falando com a Jana. Quando a conversa pareceu cessar, Lorena inclinou a cabeça e abriu os olhos em direção ao sol entre as nuvens.

Meu peito apertou e eu fiz careta para mim mesmo quando senti minha barriga esfriar. Porra, Theo, pare com isso.

Dei as costas para as duas mulheres ao longe e fui embora.



Retirei a camisa e a joguei no cesto de roupa suja enquanto ia para o banheiro, mas meu celular começou a tocar. Cliquei em desligar assim que vi o nome do meu irmão. Não precisava de mais problema vindo de nenhum deles.

“Atenda seu celular e aja como um homem, seu idiota!”

“Vá se foder!”

“É importante, Theo. São apenas duas dias.”

“Eu não irei. Não vou sair dessa cidade.”

“Ele está bem, você sabe disso.”

“Já falei que não vou, Ricardo. Não a coloque no meu odiado.”

“Você que coloque! Ele está vindo em primeira mão, porra. Somos sua família, Theo. É Natal, você precisa passar conosco.”

“Pare de me enviar mensagens, já é do mais, fale tantas. Vá transar!”

Joguei o celular na pia. Assim que liguei o chuveiro, a campainha tocou. Se fosse o Ricardo, eu o mataria.

Quando abri a porta apenas de toalha, Luca fez careta e empurrou a madeira, entrando.

— Péssima hora, mano — resmunguei, voltando para o corredor. — Vou terminar meu banho. Sinta-se em casa...

— Eu estou, idiota. — Ele me mostrou o dedo do meio e se jogou em meu sofá, cobrindo os olhos por um instante com as mãos.

Permaneci parado, encarando-o. Ele tirou a mão do rosto e ergueu a sobrancelha.

— O que aconteceu?

— Não vou conversar com você enquanto está pelado, Theo. Vá se vestir. — Ele franziu o cenho.

Revirei os olhos e fui tomar o meu banho. Voltei para a sala vinte minutos depois, vestido com apenas uma calça de moletom.

— Vai, fala — pedi, me sentando enquanto ele ainda estava na mesma posição desde que chegou.

— Nada, só estou cansado. Alí ciaestá arrumando as coisas dos bebês para levar para a maternidade. — Ele suspirou e se sentou, colocando os cotovelos nos joelhos.

— E por que não está fazendo isso com ela? — Me acomodei no sofá, colocando as mãos atrás da cabeça.

— Porque eu quero conversar com você. — Ele deu de ombros, me encarando.

— O que quer falar? Eu estou morto e quero deitar.

As bolsas pretas embaixo dos meus olhos não deixavam muito espaço para dúvidas. Eu não conseguia dormir bem, fora que acordava muito cedo, então... na verdade, estava exausto.

— É sobre isso — ele pronunciou, me fazendo erguer a minha sobrelha. — Ricardo me ligou. Nem sabia que ele tinha meu número. — Lucariu enquanto meu corpo retesava. — É Natal, mano. É sua família e eles querem passar com você...

— Luca...

— Eu te diria para ficar comigo na minha casa, pois também somos sua família, mas os seus pais e seu irmão estão saindo da cidade. Theo — ele coçou a cabeça —, você nunca passou datas comemorativas longe deles, mesmo que fosse ver a mim e a minha família. Você sempre ficava com eles um pouco...

— Luca, eu não sei por que diabos Ricardo te meteu nessa porra. — Me ergui, andando pela sala. — Eu já decidi que não vou. Não sei por que eles não entendem essa merda de vez...

— É por ela, cara? — A pergunta do Luca, meu melhor amigo, me fez parar abruptamente e ficar de costas para ele. — É pela Lorena?

— Eu só não quero ir...

— Theo, ela está bem — ele afirmou tão certo, mas o que ele ou qualquer outro não entendia era que eu não estava com medo de

que acontecesse algo com ela. Não era isso, eu só queria estar com ela no Natal. Por que não podiam me deixar em paz?

— Eu sei que ela está bem.

— O que vai fazer no Natal? Vai lá em casa, ceie conosco e depois vai para o hospital ver a Lorena dormir?

Me virei transtornado para Luca e apertei meus punhos.

— Não posso? — Minha voz saiu mais alta que pretendia. Trinquei o maxilar ao ver meu amigo se erguer. — Por que eu não posso fazer isso? É simples, caralho! Quero ficar com ela! Não sei por que ou o que me fez desejar vê-la todos os dias, mas é assim. É isso que quer ouvir? Que estou obcecado por ela?

— Theo... — ele começou a falar, mas eu continuei gritando, interrompendo-o.

— Ela não me quer lá, está legal? Lorena me mandou embora e depois desse dia tentei ficar em casa e esquecê-la, mas adivinha? Saí com o carro e quando vi estava na porra do estacionamento do hospital. — Dei um sorriso descontrolado e ele me olhou com pesar. — Há dias que eu apenas fico sentado no corredor do seu quarto. Só isso. Você entende? Quero mantê-la perto de mim... É irracional. Não temos nada, nunca tivemos... Eu acho que ela me odeia, ou odeia o fato de que eu a lembro constantemente do acidente, mas comigo acontece o contrário, eu a quero perto de mim — confessei, baixando meus ombros.

— Theo, essa sua vontade de estar perto dela está te consumindo. Eu acho que chegou a hora de sentar-se com algum psicólogo. Às vezes, esse desejo de tê-la está relacionado apenas ao acidente, ao modo como você cuidou dela na água...

— É mais que isso, Luca — contrapus, fazendo-o suspirar

— Tudo bem, pode ser, mas não acha que é melhor ouvir isso da boca de um profissional? — Os olhos dele estavam firmes e, como sempre, Luca queria me ajudar

— Vou pensar nisso — decidi, por fim.

Meu amigo me abraçou, dando tapas nas minhas costas.

— Vai ficar tudo bem, beleza? Agora preciso ir, Alí cia está meio louca com a chegada dos meninos. — Ele sorriu com orgulho.

— Boa sorte — falei com a maior animação por ele, levando-o até a porta.

— E, Theo?

— O quê?

— No Natal, venha participar da ceia na minha casa.

Eu acenei e o vi ir embora. Respirei fundo, fechando a porta e caminhando a passos lentos até o quarto. Não acendi a luz, meus pensamentos giravam em torno da nossa conversa. Me deitei tentando relaxar o máximo que podia, e depois de um tempo, o sono me puxou.

— Sabi a que essa bunda empina e sorri so matador pertence a você... — eu disse ao ver o rosto da mulher que caminhava à minha frente.

Quando Lorena se viu com as sobrancelhas franzidas, dela o meu melhor sorriso.

— O dia estava bom demais para ser verdade... — falou rabugenta como sempre, enquanto tirava uma máscara de dormir.

Ignorei seu comentário e me enfiei na sua frente, passando para meu assento.

— Adoro olhar as nuvens — eu disse com sinceridade enquanto apontava para a janela.

— Aproveite.

Também ignorei esse comentário e me mexi, tentando encontrar uma posição boa para dormir.

— O que diabos você tem? — A voz irritada dela surgiu enquanto eu tirava a máscara para me olhar.

— Nada. Apenas tentando encontrar uma posição confortável ...

— Ai, meu Deus, estou num avião, não tem posição mais confortável do que sentado.

— Eu sei. — Suspirei relaxeina poltrona. — Como vai sua irmã? E Nico? Ah, foi que sabendo que ele engravidou de novo, não foi?

— Você é sempre tão xereta?

Tive vontade de apertar seu pescoço quando notei a raiva em sua voz. Que merda besteira.

— Eu sei que era uma megera, mas, por Deus, dá para ser um pouco mais amigável? — Perdi a paciência e falei com seriedade. Lorena, no entanto, apenas levantou a sobrancelha, me olhando com ironia. — É realmente uma medusa — reclamei em voz baixa, adorando o apelido para ela. Combinei de rir e não só falei a verdade sobre seu cabelo se transformar em cobras.

— Sinto muito, meu amor, mas estou te incomodando, desça desse avião. Ou melhor, pul e. — Seu sorriso venenoso apareceu e ele jogou as cobras, quero dizer seu cabelo em meu rosto.

— Passei a admirar sua irmã mais ainda nesses poucos minutos seu lado — debochei, vendo-a colocar a máscara e voltar novamente.

Eu me calei olhando pela janela e suspirei quando me lembrei da última vez que foi quei tão próximo de Lorena.

— Se lembra daquela noite, não é?

Seu rosto se contraiu e eu sorri. Ela se lembrava.

— Sim. Estava bem bêbado para lembrar, não?

— Não, princesa. Estava passando mal, mas não estava tão bêbado.

Estávamos numa mesma festa, eu fui quem me embriaguei e ele me levou para casa. Vomitei e banhei-me com ele e me

xi ngando de t udo quant o era nome.

— Obri gado, bel eza? — pedi , sendo gent i l .

El a acenou e deu de ombros.

O avi ãodecol oue eu sent ia mão del aagarrar a mi nhacom força,não dei xandonem o meu sangue ci rcul aent re meus dedos. Tudo no avi ãot remeue percebi que el at i nhamedo de avi ões. Que bel a surpresa.

Acordei ouvindo as batidas irregulares do meu coração e me sentei de repente. Quando percebi que sonhei com a chegada de Lorena no avião, caí na cama, apertando meus olhos. Porra.

CAPÍTULO 06

'O que era tudo isso? Como eu podia
me sentir assim em tão pouco tempo?'

Lorena Marinho

— O quadro ficou lindo no quarto do Luca. É perfeito —
Gabby falou com suavidade assim que se sentou ao chegar.

— Fico feliz. — Sorri.

— Você não sente falta?

— De quê?

— Pintar. Se quiser, posso trazer uma tela, seus pincéis e as
tintas — ela ofereceu, me fazendo ficar completamente parada.

— Gabby...

— Você consegue — ela afirmou.

Eu engoli em seco e acenei devagar.

— Traga, mas não prometo nada...

Ela disse um tudo bem animado e logo Kieran a chamou para
ir embora, pois a babá dos meninos precisava ir para casa.

— Vá. Ficarei bem — eu disse, apertando sua mão enquanto
ela beijava minha bochecha. — E, Gabby?

— Oi?

— Me desculpe por explodir com você, sou uma idiota na maioria das vezes — falei baixo, envergonhada.

— Está tudo bem. — Minha irmã me abraçou e eu beijei seu rosto.

— Boa noite, família.

— Boa noite, Lore — os dois falaram juntos e logo ouvi a porta se fechar.

Desde pequena, senti que por causa dos sentimentos escassos dos meus pais em relação a mim, meu coração foi criando rachaduras profundas e, agora, eu sabia que o acidente fez apenas com que os cacos se estilhaçassem.

A dor de não ter a presença dos meus pais comigo estava amenizando. Eles não eram realmente meus pais, certo? Não dava para esperar amor onde nunca teve.

Adormeci sentindo meu coração se curando.



Theo Medeiros

Talvez eles estivessem certos.

Segurei o volante enquanto pensava nisso. Desliguei o carro e abri a porta, indo para fora. Meus passos eram firmes enquanto seguia para o elevador, apertando meus punhos.

Só hoj ee depoi sparo de vi r pensei enquanto era levado até o andar.

Assim que as portas se abriram, caminhei de cabeça baixa para a minha cadeira de sempre. Eu me sentei, esperando J anaí na começar a tagarelar, mas parei quando vi que tinha alguém ao meu lado.

Lorena estava com o cabelo sobre os ombros e com um vestido de verão. Vi suas mãos retorcidas no colo enquanto seu cheiro invadia meu nariz só de me virar para vê-la.

— Me contaram que vem até aqui e fica sentado no corredor — sua voz começou suave e ela inclinou a cabeça. — Você é um pouco impertinente...

— Não, eu sou perseverante. — Levei meus dedos para seu rosto, sentindo sua pele macia. Sorri quando seus olhos se fecharam.

— Senti saudade. — Suas bochechas coraram quando ela confessou.

— Eu também senti a sua.

Eu me inclinei e beijei seu pescoço, subindo com meus lábios até sua orelha em seguida. Diferente das outras vezes, não apenas deixei um beijo no lóbulo, como também o mordisquei devagar.

— Theo, o que está fazendo?

— Me despedindo. — Suspirei devagar, vendo sua pele se arrepiar. Peguei sua mão, fazendo-a se erguer.

Levei-a para seu quarto e fechei a porta. Lorena se encostou na cama e eu fiquei à sua frente, colocando seu cabelo atrás da orelha.

— O que disse lá fora?

— Senti saudades...

— A última coisa que falou — ela perguntou, engolindo em seco.

— Estou me despedindo?

— Por quê? Você vai embora? — Sua voz tremeu.

— Inclinei sua cabeça para poder olhar dentro dos seus olhos escuros e confusos.

— Vou te dar espaço. Sabe, minha família e meus amigos pensam que estou obcecado por você. — Lorena arregalou um pouco os olhos, em seu rosto se via pura confusão. — Estou vindo aqui todos os dias, Lorena...

— Eu sei, Janaína me contou...

— Eles dizem que não é saudável. — Deslizei meu polegar por seus lábios e eles estremeceram. — Que só estou assim por ter me conectado com você por causa do acidente. — Suspirei e senti suas mãos se erguerem e começarem a tocar meu rosto.

— É piada, não é?

— O que é piada?

— Essa baboseira de obcecado...

— Não sei. Eu só sinto que quero estar perto de você...

— Não pare de vir me ver. Me sinto só, e eu já falei, tenho medo do escuro.

— Você me mandou embora dias atrás.

— Eu estava assustada — ela respondeu rapidamente e encostou sua cabeça em meu peito.

— Com o quê?

— Com as batidas aceleradas do meu coração quando você se aproxima, com o frio na barriga quando me toca, e os arrepios que seus beijos em minha orelha causam. — Eu segurei sua cabeça, inclinando-a para mim. — Theo?

— O que, Lorena?

— Por favor, me beije.

Ela não precisou repetir. Nossas bocas se tocaram com calma e carinho. Entreabri seus lábios e deixei minha língua vagar, provando o gosto viciante que descobri que Lorena possui. Seus braços envolveram meus ombros, e enquanto beijava seu pescoço, ela deixava pequenos gemidos de contentamento escaparem. Minha língua deslizou em seu lábio inferior e seu corpo estremeceu, me fazendo sorrir.

— Theo...

— Lorena...

— Acho que também estou obcecada por você.

Pela primeira vez, eu vi seu sorriso reluzir. Porra, e como ele era lindo.



— Você está com sono?

Lorena, que antes estava sentada na cama, deslizou por ela para se deitar.

— Um pouco. Não é todo mundo que acorda às quatro e meia da madrugada e fica sem sono — ela respondeu atrevida e eu apertei sua mão.

— Não precisava ter acordado cedo...

— Queria te surpreender. Janaína me ajudou. Ela veio aqui, me acordou e me ajudou a me arrumar...

— Você se arrumou para mim, Lorena? — Sorri brincalhão e ela revirou os olhos escuros.

— Bobão. — Ela bocejou e seus olhos pesaram, fechando-se. — Venha, deite-se comigo. — Lore puxou minha mão.

— Não posso. — Suspirei, olhando para a porta. — Você sabe disso.

— Luca se deitou...

— O quê?! — Minha voz elevou um grau.

Lorena arregalou os olhos e depois começou a rir

— Meu sobrinho, seu bobo. E estou brincando. A entrada dele não é permitida aqui, você sabe...

Não respondi, apenas contemplei os sentimentos que essa frase me trouxe.

— Até parece que seu amigo se deitaria na minha cama. — Ela franziu as sobrancelhas

— Ele já se deitou.

Lorena ficou calada ouvindo minhas palavras e eu afastei minha mão da dela. Ela se sentou na cama mais ereta e suspirou.

— Você tem ciúmes por isso? Quero dizer...

— O pensamento não me agrada. — Respirei fundo e me levantei, indo para a janela do seu quarto.

Desfiz as abotoaduras da minha camisa e dobrei as mangas, deixando-as acima dos cotovelos. Me virei olhando o cômodo. Ali tudo era aconchegante. A cama dela era bem diferente das tradicionais dos hospitais, quero dizer, o hospital era um dos melhores do Rio de Janeiro. Gabrielle devia estar gastando muito com isso. Depois conversaria com ela sobre os custos.

— Aprenda a conviver com isso — falou depois de um tempo. Voltei a me aproximar e peguei sua mão. — Ele é seu melhor amigo e é casado. Não sinto nada por ele.

— Eu sei, sinto muito. — Cocei minha nuca e retirei os fios do seu cabelo que estavam em seu rosto.

— Deite comigo, quero dormir.

Tirei meus sapatos e subi em sua cama. Abracei Lorena enquanto ela colocava sua cabeça em meu peito. Os raios do sol das seis entraram pela janela e eu respirei seu perfume, me sentindo relaxar contra a cama.

— Você não deveria estar deitado na cama dela. Isso é proibido — Janaí nafalou ao entrar no quarto, deixando Lorena tensa ao meu lado.

— Eu não deveria vir todos os dias aqui, mas venho e você permitiu, então agora que estou bem com essa menina, nos deixe em paz — respondi sorrindo e ela me deu um beliscão.

— Seu malcriado! — vociferou e foi para perto de Lorena. — Só verificando. — Jana deixou um beijo na testa dela e saiu pela porta.

— Um amor de pessoa — resmunguei e logo senti Lorena rir contra mim.

Ficamos em silêncio, e quando olhei para Lorena percebi que adormeceu. Quando meus olhos pesaram, me surpreendi com o quão rápido comecei a dormir também.



— Mas...

Ouvi alguém falar ao longe e despertei, esfregando o rosto. Soltei um gemido quando senti um beliscão em meu braço. Que diabos?

Foquei minha atenção ao meu lado e vi Gabrielle com o cabelo preso, me olhando com completa perplexidade.

— Theo, o que está fazendo aqui? — perguntou baixo.

Tentei não acordar Lorena e suspirei quando saí da cama e ela permaneceu dormindo. Levei meu dedo aos lábios, mandando Gabby ficar quieta. Calcei meus sapatos e saí do quarto com ela.

— O que está acontecendo? Você e ela...

— Eu só estava com Lorena na cama...

— Theo, o que está fazendo? Vocês nem mesmo se conheciam antes do acidente. A não ser pelas vezes no racha, mas isso faz muito tempo...

— Gabby, eu gosto dela. É simples. — Suspirei devagar, soltando o ar pela boca.

— Só não quero que a magoe. — Ela me olhou, mordendo o lábio. — Ela está fragilizada... — Ela riu um pouco e me observou com lágrimas não derramadas. — Nunca pensei que falaria Lorena e fragilizada na mesma frase. Ela é forte, sempre foi.

Eu fiquei rígido quando ela soluçou. Toquei seu ombro e depois abracei seu corpo trêmulo, tentando consolá-la. Quando Gabby começou a chorar, engoli em seco.

— Está tudo bem. Ela está bem.

— É melhor se afastar da minha mulher — Kieran falou assim que passou pelas portas do corredor com café nas mãos.

— Kieran, pare com isso. — Gabby revirou os olhos e eu me afastei, entrando no quarto sem responder. Não estava com disposição para discutir.

Lorena estava sentada quando entrei. Seu rosto se ergueu ao ouvir a porta e eu me sentei à sua frente.

— Theo.

Eu me inclinei, beijando o canto da sua boca.

— Como sabe que era eu? Poderia ser outra pessoa...

— Outra pessoa não tem seu cheiro. — Lorena sorriu de lado.

— Isso é bom...

A porta abriu novamente e Gabby entrou, com Kieran em seu encalço. Lorena segurou minha mão e se aproximou mais.

— Ei!

Assim que ela ouviu a voz da irmã, seus lábios formaram um sorriso e ela se afastou de mim.

— Oi, Gabby. Kieran veio também? — ela perguntou devagar e seu cunhado foi para o lado dela para beijar sua testa.

— Claro que vim. Vou ficar pouco tempo, pois preciso ir para a oficina. Luca me disse que veio te visitar — Kieran falou, se

sentando na cadeira e puxando Gabby para seu colo.

— Veio, achei gentil da parte dele.

Estranhei o fato de Luca não ter me contado que foi ali. Porém deixei isso de lado. Porra, ele amava Alicia, ela era seu mundo. Não tinha por que estar incomodado com isso.

— Verdade — Gabby concordou com Lorena.

— Eu já vou. Tenho que ir para o escritório — eu disse quando olhei para o relógio. Analisei minha roupa de trabalho e suspirei ao ver que estava toda amassada.

— Gabby, vocês podem pegar café para mim? Estou com fome — Lorena pediu e segurou a minha mão, me mantendo perto dela.

Gabby olhou para nossas mãos e me fitou apreensiva. Kieran percebeu e franziu as sobrancelhas, apertando o ombro da mulher.

— Gabby? — Quando Lorena chamou a atenção da irmã, Gabby acordou do transe.

— Claro. Logo voltaremos. — Ela se levantou e saiu do quarto com Kieran.

Eu me sentei na cama de novo e Lorena se aproximou de mim.

— Você vem aqui depois, não é?

— Sim, hoje à noite. — Eu me inclinei querendo beijá-la, mas parei antes de atingir sua boca e mudei para sua bochecha.

— Não dê muita importância ao que eles falam. Não é nada relacionado ao acidente. Só... — Ela suspirou, se afastando um pouco. — Só estamos atraídos, e isso pode acontecer com qualquer pessoa. — Suas palavras me fizeram sorrir.

— Sim, isso é verdade. — Beijeí sua testa e me levantei. — Bom dia, Lorena.

— Bom dia, Theo...

Antes que eu abrisse a porta, eu me virei e a vi olhar para o quarto com os olhos ainda confusos, sem enxergar.

— E, Theo?

Me assustei quando ela sussurrou.

— Oi? — respondi e seus olhos mudaram de direção, vindo para onde eu estava.

— Meu maior sonho hoje é poder te enxergar.

CAPÍTULO 07

"Eu queria mais. Sair da escuridão e voltar a minha vida.
Não totalmente. Ele tinha que estar comigo."

Lorena Marinho

Uma semana depois...

— Meu cabelo está arrumado? — questionei, sentada na cama. Ainda eram quatro e meia da madrugada, mas eu tinha criado uma rotina. Acordava cedo, me arrumava e esperava Theo.

O horário que ele vinha me ver não tinha mudado. Ele disse que tinha que ir para o trabalho às sete e meia, mas que precisava de um tempo comigo pela manhã, então eu estava me adaptando.

Faltavam poucos dias para o Natal e o médico disse que amanhã eu poderia ir para casa. Estava me sentindo dividida sobre querer sair dali. Não queria incomodar Gabrielle na sua casa. Porém, desde que o médico falou sobre a alta, ela estava arrumando o quarto e levando todos os meus pertences do meu apartamento para sua casa.

— Lindo como todos os dias — Janaína falou, rindo.

Tomei café da manhã com a ajuda dela e esperei o barulho da porta, me avisando que Theo chegou.

— Bom dia! — Uma voz diferente surgiu assim que ouvi o barulho. Franzi as sobrancelhas e me sentei mais ereta. — Theo

não me falou que você estava cega. — A mulher soava genuinamente envergonhada.

— Onde ele está?

Mesmo ela estando envergonhada, a dor não diminuiu ao ouvir alguém afirmar que eu estava sem enxergar. Doe.

— Foi comprar café para mim. — Sua voz era suave, imaginei que ela devia ser jovem. — Me desculpe, eu sou Lorena. Amiga do Theo. — O modo como ela falou dele me fez lembrar de mim quando falava do Luca com Alicia.

Será que ela era o meu eu de anos atrás, na minha história?

— Ah, eu sou Lorena. Namorada dele — informei, sentindo uma pitada da antiga Lorena surgir. Não éramos namorados, nunca falamos nada sobre relacionamento. O nosso jogo era simples — ele vinha me ver todos os dias, me beijava e me fazia suspirar. Ponto final.

— Namorada? Ele não mencionou isso, na verdade, não falou muito ontem à noite. Estou ficando na casa dele, vim fazer faculdade aqui. Terminei o ensino médio esse ano — ela sussurrou.

Trinquei meus dentes. Porra, uma adolescente?

A porta abriu de novo e o cheiro dele invadiu meu quarto.

— Eu mandei esperar do lado de fora, Lorena.

Franzi as sobrancelhas mais uma vez, mas para o tom ríspido com que ele falou.

— Só queria conhecer a mulher que vai te impedir de passar o Natal com sua família...

— E eu só quero que você entenda que não tem nada a ver com as minhas decisões. Tome o seu café e vá embora

Me espantei com esse lado autoritário de Theo, mas fiquei calada ouvindo a porta se fechar.

Ficamos em silêncio por um bom tempo enquanto eu ouvia apenas sua respiração acelerada. Ele não ia passar o Natal com a

família por minha causa? Como assim?

— Desculpe — sussurrou e se sentou à minha frente. Seus dedos deslizaram por meu rosto e eu me afastei antes que ele pudesse beijar meus lábios.

— Por que não vai passar o Natal com seus pais? — questionei tensa quando suas mãos seguraram as minhas. — Não entendi o que a pentelha falou...

— Eles vão viajar, eu decidi não ir.

Mordi meu lábio quando senti suas mãos subirem.

— Por quê?

— Não quero ir. Quero ficar com você. Só isso.

— Vou ter alta amanhã — avisei e ele encostou sua testa na minha.

— Isso é maravilhoso — falou baixinho e beijou minha bochecha.

— Eu ficarei na casa da Gabby enquanto... — Apontei para meus olhos. — Enfim, você deve ir com sua família...

— Eu não quero...

— Essa menina é o que sua? — indaguei, tentando deixar meu desagrado escondido. Não fiz um bom trabalho. — Ela falou que está ficando na sua casa.

— Lá ela é louca. Ela é filha de uma amiga da minha mãe, e não está na minha casa. Está na casa dos meus pais...

— E ela te encontrou aqui?

Theo ficou em silêncio por alguns segundos. Revirei os olhos, me recostando na cama.

— Não sou criança, Theo. Sei muito bem o que acontece quando um homem e uma mulher, que obviamente quer algo com ele, fazem quando estão sozinhos em uma casa. — Eu ri e esfreguei meu rosto. — Cara, eu acho legal, sabe? Tirando o fato de ela ser uma idiota novinha, posso colocar fé em vocês...

— Por que está rindo? Está falando de mim com outra mulher e está rindo. Por quê?

— Como assim? — Não demonstrei o quanto isso me incomodava, só minha máscara de bem resolvida. Se pudesse olhar para as minhas unhas, estaria analisando-as com o maior tédio que podia.

— Eu estaria socando algo se falasse de você com outro cara, mas você está rindo, Lorena — ele grunhiu, eu quase podia imaginar seu rosto furioso.

— Não me apego fácil, Theo. De verdade, está tudo bem. A Larissa é legal...

— Láí sa. E foda-se que ela é legal. — Ele se ergueu e eu me deitei bocejando. — Não tenho nada com ela, e sim, ela dormiu ontem na minha casa, mas foi isso. Nada mais.

— Tudo bem. — Dei de ombros, fechando os olhos.

— Você é a mesma de antes, Lorena?

Engoli em seco quando ele perguntou isso.

A mesma de antes.

Quem eu era antes? Uma menina mimada, imatura e superficial? Uma garota estúpida que gostava de magoar as pessoas? Ou talvez, uma menina amargurada e egoísta que tinha prazer em falar coisas dolorosas na cara das pessoas?

A terceira opção era a verdadeira, no entanto, eu não sabia se ainda era ela. Às vezes, sentia que não tinha mudado, em outras, queria mudar. Mas, na maioria, queria permanecer a mesma. Eu gostava dela. Ela sempre me protegeu, protegeu meu coração.

— Você se incomoda por eu ser a de antes?

— Sim. — Não estava surpresa com a sua resposta. — A de antes me magoaria em um piscar de olhos. A de antes faria eu me odiar por gostar dela...

— Então esse é o momento...

— Qual momento?

— Que você percebe que eu não vou mudar. Posso ter parado de fazer coisas estúpidas, mas a de antes é quem eu sou.

— Você pode mudar...

— Se eu mudar, não serei mais eu. Você gosta de mim, Theo, não de quem me tornaria.

— De onde você tirou isso?

— Eu tirei de tudo. Da nossa relação. — Ouvi os sapatos dele contra o chão, ele devia estar andando de um lado para o outro. — Somos opostos. Você ajuda a todos, eu os ataco. Você é gentil e eu sou egoísta. É por isso que somos atraídos um pelo outro...

— Você está falando besteira. Você não é egoísta. Eu me lembro de você ajudando sua irmã...

— É por isso que ajudei. Ela é minha irmã, meu alicerce, me mantém em pé. Ela é minha família e eu nunca vou virar as costas para ela.

— Então, você não é egoísta. Quando somos egoístas não diferenciamos. Ninguém é importante o suficiente para ser ajudado pelo egoísta. — Ele suspirou. — Minha medusa, você só cresceu achando que era má, mas não é. Foi um rótulo que colocaram em você e que você acha que merece, mas não é.

— Sua frase ficou sem sentido a partir do momento que me chamou de Medusa. — Eu sorri de verdade e o senti se aproximar. Seus dedos deslizaram pelo meu braço e então, seguraram meu queixo.

— Você fica linda com ciúme.

Me sentei devagar, ansiosa pelo seu toque, e quando ele aconteceu parecia que eu estava nas nuvens. Sua boca era macia e sua língua explorava a minha enquanto a garganta dele fazia sons emocionantes. Tentei me movimentar em direção ao seu colo e ele me ajudou a subir. Chupei seus lábios e soltei um gemido quando desceu a boca pelo meu pescoço e chegou aos meus seios. Assim

que suas mãos desceram a alça do meu vestido, senti seus lábios mordiscarem o meu mamilo.

— Theo...

— Porra, como você acha que vou acreditar nessa pose de malvada? Você é um anjo, Medusa.

Senti um assopro em meu seio e suspirei, gemendo. Theo me deitou na cama e veio para cima de mim, então tomei seus lábios mais uma vez e contemplei o prazer que era tê-lo sobre mim, desejando meu corpo e minha alma.

Ele estava enganado, mas não queria mais falar. Precisava saciar minha vontade por seus lábios.

— Merda!

Theo colocou a cabeça ao lado da minha quando ouvi a voz de Gabby praguejar. Arrumei meu vestido, cobrindo meus mamilos. Minhas bochechas esquentaram e eu queria me bater. *Meu Deus, mi nha i rmã.*

— Eu vou comprar café. Volto em um segundo, então é melhor você sair de cima da minha irmã, Theo.

Sorri contra o peito dele antes de ouvir a porta se fechar. Ele se afastou e eu me sentei.

— Gabby vai me matar. — Ele riu e eu bati em seu peito. — Amanhã não poderei vir muito cedo, mas já falei com Janaí nãe ela vai me cobrir para entrar aqui e dormir com você...

— O quê? Não precisa. Podemos nos ver à noite, na casa da Gabby.

— Você não quer dormir comigo? Droga, estou falando só dormir mesmo, Lorena. Meu Deus, você é uma pervertida. — Ele gargalhou quando abri minha boca e a fechei, horrorizada.

— É claro que não! Ah, seu idiota. — Ele segurou minha cabeça e beijou meus lábios devagar. — Só não quero que fiquem comentando. Amanhã você dorme comigo na casa da Gabby. Kieran e ela não irão se incomodar.

— Sim, pode ser.

Ele se deitou ao meu lado e ficamos juntos até Gabby chegar dizendo que era melhor Theo ir para o trabalho.

Assim que ele foi embora, eu e minha irmã ficamos caladas.

— Você também acha, não é? — questionei de olhos abertos, encarando meu medo, a escuridão.

— Acho o quê?

— Que não é saudável que eu e ele estejamos conectados apenas por causa do acidente...

— Quem falou uma coisa dessas? É claro que não! — ela rugiu, assustada. — Como não é saudável? Eu vejo sua melhora todos os dias, sei que é por ele vir aqui te ver. Theo te faz sorrir e isso é a coisa mais saudável do mundo. Eu já o adorava antes do acidente, agora o admiro mais por te fazer feliz. Você é meu mundo, Lore, tudo que te faça sorrir vai ser saudável para mim.

Eu tentei segurar a umidade em meus olhos e virei minha cabeça para o lado enquanto os limpava.

— Você me ama — falei devagar e senti os dedos dela se esgueirarem entre os meus.

— Você não imagina o quanto.



Depois do jantar, me sentei na cama, tentando não dormir. Janaí nadisse que Theo viria, mesmo depois de eu ter falado que poderíamos dormir juntos no dia seguinte. Então, me arrumei e fiquei esperando-o.

Tentei me erguer depois de algum tempo. Devagar, dei passos lentos para a janela do quarto. Jana me ensinou outro dia onde tudo ficava e como eu poderia me locomover. Ao sentir a brisa fria da noite soprar contra meu cabelo, abracei meu corpo.

Depois de alguns minutos, tentei voltar para a cama. Praguejei quando meu braço bateu na mesa. Fiquei parada por alguns segundos e voltei a andar.

Tal vez ele tenha desistido pensei ao me deitar na cama. Ficaria em sua casa... sei lá. *Tal vez com Laís* Meus pensamentos eram tão ou mais venenosos que eu. *Ele poderia estar dormindo com ela agora mesmo.* Apertei minhas têmporas e mordi meu lábio.

Ouvi a porta abrir e sorri aliviada. Me sentei, porém, em seguida, percebi pelo cheiro que não era ele.

— Boa noite. Trouxe sua medicação — a enfermeira que ficava à noite falou.

Suspirei, recebendo o comprimido e a água. Assim que ela saiu, voltei a deitar na cama e tentei dormir. Ele não viria. Não sabia por que sentia meu coração doído. Era só o Theo. Não tínhamos nada.

Eu adormeci minutos depois. Porém, no lugar dos pesadelos recorrentes, sonhei com outro momento.

— *Abre isso aqui* — resmunguei, impaciente. *Esse idiota não sabe beber. Onde Luca está agora? Deveria estar cuidando amigo dele, não eu.*

— *Lorena, Lorena* — ele cantou ou sorria, enquanto me dava as chaves do seu carro.

Abri o carro e o ajudaria entrar. Passei o cinto de segurança pelo seu corpo e o travei no lugar. Entrei no lado do motorista e saí do estacionamento, dirigindo pelas ruas sem saber onde ir.

— *Onde fica sua casa?* — questionei, parando o carro no acostamento. *Eu me virei para vê-lo e encontrei Theo me encarando.*

— *Centro* — ele murmurou e pegou o GPS, apertando no seu endereço.

Assim que entramos em seu apartamento, eu coloquei o sofá. Fui para a cozinha e bebi água. Quando voltei, uma caret

ao vê-lo todo vomitado. Que nojo!

Pensei em deixá-lo assim mesmo e ir embora. Peguei minha bolsa e andei para a porta, porém, quando toquei a maçaneta, algo me disse para não abrir. Eu mordi meu lábio e grunhi frustrada.

Você vai se arrepender disso, sua idiota.

— Ei, seu porco! Levanta, vamos. — Puxei seu braço e o levei para o banheiro, prendendo a respiração. O cheiro era insuportável.

Coloquei o seu adorno vaso sanitário e o ajudaria a tirar a blusa e a calças jeans. Meu corpo se arrepiou ao ver seu peitoral largo e sua cueca boxer cheia. Sua pervertida parece com isso! Suspirei e puxei seus braços, levando-o ao boxe. Theo não se aguentou em pé por muito tempo, então logo se sentou no chão.

Li que chuvei e observei enquanto a água molhava seu cabelo e seu rosto. Devagar, as gotas desceram por seu peitoral e eu desviei os olhos. O que tinha de errado comigo?

Eu o ajudaria a ensaboar rapidamente e logo fechei o chuveiro. Peguei em seus braços e o forcei a levantar. Vesti um roupão branco e felizmente pude ir para o banheiro.

— Preciso escovar os dentes. — Ele me fez parar quando comecei a andar para o quarto, querendo levá-lo até sua cama.

Assim que Theo se deitou na cama com a boca limpa, eu me ergui para sair.

— Você é gostosa, sabia? Muito bonita — ele murmurou sorrindo antes dos seus olhos se fecharem. — Eu fiquei cavando para você nessas festas... cara, você é mais do que quer passar para os outros...

— Do que está falando?

— Você não é a vadia que quer que os outros pensem. Quando pensa que não tem ninguém molhando, limpa os lábios que foram beijados por um idiota qualquer, faz caretas para as meninas

*dançando, por mais que você mesma, minutos também
estivesse. — Eriu.*

— Você não me conhece...

*— Isso é verdade. — Ele bocejou se aconchegou em seu
travesseiro. — Mas eu sei quando alguém é uma farsa...*

*— Cal a boca. Você nem sabe do que está falando. Você...
está bêbado...*

*— Quero te beijar — ele falou me cortando. Abri e fechei a
boca, me afastando. — Venha, Lorena. Eu sou o cara mais bonito
daquela festa...*

*— De jeito nenhum... — Parei de falar quando percebi que
meus movimentos eram contrários às minhas palavras. Eu me
aproximei dele e logo seus braços me envolveram, me fazendo
deitar sobre seu corpo e acabando com a nossa distância beijando
meus lábios.*

Eu acordei do sonho assim que senti tocarem o meu corpo.

CAPÍTULO 08

"Ver que ela se importa mexe comigo.
Eu queria isso. Queria Lorena."

Theo Medeiros

Seus olhos estavam arregalados, sorri ao tentar acalmá-la.

— Sou eu, Medusa — avisei e a vi relaxar, sorrindo preguiçosamente.

Antes de abrir os olhos, parecia que ela estava rezando. Sua boca estava tensa e suas pálpebras bem apertadas. Não comentei nada sobre isso, só me aproximei.

Sentei-me na sua cama e me inclinei, beijando devagar sua bochecha. Lorena segurou meu rosto e procurou meus lábios com desespero. Assim que minha boca atingiu a dela, Lorena me beijou faminta. Me surpreendi com isso, mas apenas segurei sua cintura e a ajudei a se sentar em meu colo.

— Você demorou... — ela reclamou, tentando tirar minha blusa e deslizando as mãos pelo meu peito.

— Precisei deixar Lorena casa dos meus pais. Mandei-a ir hoje de manhã, mas parece que ela é surda, então eu mesmo a levei até lá — expliquei, irritado.

Lorena pensava que eu tinha alguma responsabilidade com ela. Meus pais ainda davam força para a idiotice da garota, mas

hoje deixei claro que eu não a queria em minha casa, nem mesmo para visita.

Lorena me daria um murro se soubesse o que Láí ssa fez ontem. Porra, como uma adolescente ficava nua na cama de um homem? Só de lembrar tinha pesadelos. Aquela menina era maluca.

— Entendo. — Lorena não pareceu dar muita atenção e logo começou a me beijar de novo. Suas mãos tatearam minha calça, procurando meu zíper, então eu as peguei, parando-a. — O que foi? — ela questionou, com os olhos completamente confusos.

— Não vamos transar, Lorena — avisei.

Ela sorriu, beijando meu queixo.

— Não quer, Theo? Porque eu quero. Sempre quis.

Eu franzi as sobrancelhas com a sua resposta. Como assim sempre quis?

— O quê?

— Acha que eu nunca quis ir para sua cama? Você, o cara certinho da turma, tão lindo quanto precioso? — Lorena sorriu sensualmente e eu apertei meu pênis, que estava ficando duro.

— Caralho...

— Vamos lá, Theo, não me faça implorar...

— Você não pode fazer essa merda comigo...

— Sempre peguei os caras maus, porém, meu fetiche sempre esteve sobre você. Tão lindo, bem-vestido e astuto na frente daqueles idiotas no racha...

— Não fale dos outros quando estiver comigo, Lorena. — Eu me levantei, deixando-a sobre a cama. Apertei meus punhos e esfreguei meu rosto, irritado.

Era completamente estúpido ter ciúmes do passado dela? Sim, porra, era! Mas eu sentia. Era louco. Talvez tenha sido por ter conhecido todos os caras que já tocaram em seu corpo, que beijaram sua boca.

Eu queria matar alguns só de pensar.

— Deixe de ser bobo...

— É besteira? Beleza. — Fiquei exasperado e olhei para seu rosto. — Então posso te dizer que Láí ssa estava na minha cama completamente nua ontem, quando cheguei do trabalho. Mas é besteira...

— Theo! — Ela abriu e a fechou a boca, sem saber o que falar. Seus olhos escuros se encheram de lágrimas e eu apertei meu punho contra meus lábios.

— Eu sinto isso, quando escuto você falar dos caras com quem ficou...

— Nunca, nenhum deles me faz temer o que sinto. Você faz. — Seu queixo tremeu e ela limpou as lágrimas, respirando fundo. — Espero que tenha tido o melhor sexo do mundo com ela.

— Deixe de ser boba. Nunca transaria com ela — resmunguei com nojo. Láí sa era apenas uma garota. Não tinha desejos por meninas tolas.

Eu me aproximei da sua cama e peguei sua mão, porém, ela se afastou em seguida. Suspirando, peguei de novo e a fiz se erguer. Deixei-a sentada na cama e fiquei entre suas coxas grossas.

— Porém sei que vou ter o melhor sexo do mundo com você — sussurrei, beijando o lóbulo da sua orelha macia. Lorena soltou um gemido quase inaudível e eu deslizei minhas mãos por seus seios e descí para seu vestido, tirando-o e deixando-a nua. Estremeci ao ver sua calcinha de renda preta.

Deslizei um dedo entre o tecido e sua boceta molhada. Entrei devagar, vendo Lorena se arquear e deixar seus seios fartos à minha frente. Segurei um mamilo entre meus lábios e chupei a carne quente na minha boca. Ela gemeu enquanto eu a fodia com meu dedo.

Dei atenção ao outro seio e ela começou a gemer mais alto. Olhei para a porta e agradei por ela estar fechada. Coloquei outro dedo dentro dela e senti os espasmos do seu clí max contra eles.

— Você é barulhenta, Medusa. Como vou comer você aqui, hum? — perguntei, tirando meus dedos de dentro dela e levando-os à minha boca. Chupei o suco dela em meus dedos e agarrei seus quadris, erguendo-a da cama e me deitando antes de a colocar sobre mim.

Suas coxas se abriram e ela se sentou, esfregando-se contra meu pau. Porra.

— Por favor, Theo. — Quando Lorena mordeu seu lábio inferior, senti minha calça ficar mais apertada. Caralho. O que essa menina estava fazendo comigo?

Lorena abriu meu zíper e desceu a calça. Seus olhos cintilaram de prazer quando ela baixou minha cueca, me deixando nu. Sua mão pequena encontrou meu membro e se fechou ao meu redor. Quase gozei quando ela se ergueu um pouco, colocando meu membro na sua entrada.

Lorena era apertada e seus quadris reboavam de uma maneira que eu precisava pensar em tudo, menos na sua boceta em volta do meu pau.

— Diga quem está fodendo você, Medusa. Hum?

— Meu playboy. Deus, é bom. Tão bom. — Ela esfregou os seus seios em meu rosto e eu segurei um deles, amassando a carne generosa.

Levei minha boca a um mamilo e o chupei, enquanto minha outra mão agarrava sua bunda, amassando contra meu pau. Lorena jogou a cabeça para trás e gemeu, então levei minha mão à sua boca.

— Você quer acordar os pacientes, Lorena? Hum? Quer que saibam que estou fodendo você, na sua cama de hospital?

— Theo... — Suas mãos se apoiaram em meu peito e ela gemeu.

A visão dela cavalcando meu pau, com o rosto franzido e perdido em desejo, era deliciosa. Tão louca pelo orgasmo, que fazia

sua boceta me chupar como sua boca, querendo que eu despejasse a minha porra nela.

— Vou foder você na sua cama amanhã, Lorena, e você vai poder gritar. Tão alto, que vou tapar sua boca com meu pau.

Ela gritou ao gozar, com as coxas tremendo. Segurei seu quadril, continuando sua subida e descida, fodendo sua boceta saciada. Prendi a respiração ao sentir o orgasmo chegar. Tirei-a de cima de mim e me libertei em sua barriga.

Lorena sorriu de olhos fechados e eu mordi seu lábio inferior, chupando logo em seguida. Eu me ergui e a peguei no colo, então entramos no chuveiro juntos e eu a lavei devagar, amando a sensação da sua pele na minha.

Enquanto a observava no banho, me peguei pensando se isso entre nós era algum feitiço. Como começamos a gostar um do outro tão depressa? De forma tão avassaladora?

Depois que a sequei, ainda estava com um sorriso de merda no rosto, e ela estava tão deslumbrante que eu mal conseguia acreditar que a toquei. Lorena se vestiu devagar, Tateando o local onde deixou suas roupas antes que eu penteasse seu cabelo.

Eu a deixei na cama e me vesti, ficando pronto para dormir. Assim que nos deitamos colados um ao outro, Lorena beijou meu peito. Fechei os olhos querendo guardar esse momento para sempre. Não sabia o que estava acontecendo comigo, mas essa mulher estava virando meu mundo de cabeça para baixo.

Observei os traços do seu rosto e beijei sua têmpora.

— Eu estava sonhando com você quando chegou. — Sua voz se elevou no quarto.

Eu me virei para ver melhor seu rosto bonito.

— Sério? — Sorri devagar e ela lambeu seus lábios vermelhos e inchados dos nossos beijos.

— Sim. Era o dia em que te deixei em casa, você estava bêbado. — Lorena se ergueu um pouco e descansou o queixo sobre

meu peito.

— Sei...

— A gente se beijou aquele dia, Theo. Se lembra disso?

Franzi as sobrancelhas, confuso. Lorena se sentou devagar e eu imitei seus movimentos.

— Não, disso eu não me lembro. Está falando sério?

— Sim, você me pediu um beijo e eu dei. Depois fui embora.

— Ela deu de ombros, falando como se isso fosse algo banal.

— Eu não me lembro. Pensei que nosso primeiro beijo tivesse sido aqui, nesse quarto, tempos atrás. — Sorri, colocando o seu cabelo atrás da orelha.

— Sei disso, e na verdade foi, não é? — Ela riu e se aproximou, beijando meu queixo.

Apenas repuxei meus lábios, deixando sua pergunta no ar. O que ela revelou era importante para mim, pois dizia muita coisa que ainda não tinha percebido.

Lorena e eu permanecemos calados por um tempo e quando pensei que ela tivesse dormido, sua voz surgiu.

— Eu não sou assim. — As palavras saíram sussurradas, mas eu entendi.

— O que quer dizer? — questionei, levantando seu queixo para que pudesse olhar para os seus olhos. A confusão de não poder me enxergar estava neles, mas eu gostava de observá-los.

— Carinhosa.

Deslizei meu dedo anelar por seu lábio inferior e me inclinei, beijando sua boca macia.

— Se quer saber, gosto dessa sua versão — brinquei, cutucando suas costelas.

— Sim, eu sei. — Ela sorriu, se afastando.

Lorena se deitou na cama mais uma vez e eu a segui. Puxei seu corpo junto ao meu e adormecemos de conchinha.

Quando acordei na manhã seguinte, tomando cuidado para não despertar Lorena, saí do seu quarto. Fui à lanchonete do hospital e peguei alguns pães, suco e um pedaço de bolo, levando tudo numa bandeja. J ana sorriu do balcão ao me encontrar

— Como foi a noite, hein, bonitão? — Ela riu com Gui.

Revirei os olhos para os dois e peguei duas flores amarelas do vaso em cima do balcão da minha amiga, piscando para sua cara de poucos amigos.

Abri a porta do quarto e coloquei a bandeja na mesinha ao lado da cama de Lorena. Abri as cortinas e me aproximei da mulher que estava me deixando louco. Depositei beijos em seu rosto e aos poucos eu a vi despertar. Novamente, Lorena permaneceu como se estivesse clamando por algo para só depois abrir os olhos.

— Bom dia, dorminhoca.

— Theo, bom dia. — Ela beijou meu rosto de volta.

Sorri, me afastando para pegar a bandeja e a colocando em seu colo em seguida. Eu a ajudei a tocar na comida e, por último, peguei as flores.

— Olha o que eu trouxe para você. — Coloquei perto dela e a ajudei a pegar as flores.

Seus olhos brilharam com umidade assim que ela as cheirou.

— Theo — Lorena respirou fundo e sorriu de lado, ainda agarrada às rosas —, nunca ganhei flores. Obrigada.

Me inclinei, beijando suavemente seu rosto.

— Acostume-se, isso vai acontecer com frequência — brinquei, mas nós dois sabíamos que era verdade.

— Obrigada. — Ela beijou meu rosto, mas voltei a agarrá-la e beijei seus lábios. — Nem escovei os dentes, Theo!

— Não importa. Preciso ir. À noite, eu vou à sua casa, tudo bem? — perguntei enquanto fazia círculos em sua mão.

Ficava cada vez mais difícil ficar afastado dela, cada vez mais insuportável os minutos que precisava ser outra pessoa e não o Theo da Lorena.

Nós nos despedimos e eu fui para o meu trabalho, resignado. Quando cheguei, não demorou muito para alguém entrar na minha sala para comentar o episódio de ontem. E hoje, era ninguém mais e ninguém menos que minha mãe.

— Você nos envergonhou — ela sibilou depois de se sentar na cadeira à minha frente.

— Oi? Não entendi...

— Não se faça de tonto, Theo! Lá está filha de amigos de longa data. Você carregou a menina até nossa casa pelo braço...

— Lá está uma doida que estava nua na minha cama quando eu cheguei do trabalho — respondi, tecendo em meu notebook. Lançei um olhar enviesado para a minha mãe e vi o choque em seu rosto. — Ela ainda não tem nem dezoito anos. Quer que eu seja preso? E só a puxei pelo braço porque Lá não queria sair do carro. Birrenta. — Esfreguei meu rosto e voltei a teclar, fazendo correções em um dos contratos do escritório.

— Não sabia disso. Sinto muito. — Eu me virei para olhar minha mãe e deixei o trabalho de lado. — Vou conversar com os pais dela. — Ela suspirou. — E o Natal? Já decidiu se irá conosco? — Minha mãe cutucou a unha sempre bem-feita quando falou.

Minha mãe era uma mulher linda. Ninguém dizia que tinha dois filhos já adultos. Seu cabelo loiro era impecável, as unhas, estavam sempre feitas. Suas roupas sempre alinhadas. Ela era maravilhosa, meu pai babava por ela até hoje.

— Mãe, eu amo nossa família. Você sabe disso, mas estou me apaixonando. A Lorena está ganhando espaço em meu coração, e sim, vou ficar com ela no Natal.

— Tudo bem. Fico feliz por você e por ela. — Mãe levantou seus olhos para mim. — Só estou estranha por não poder

ficar com minha família toda no Natal. — Seus ombros subiram e eu me ergui, indo para seu lado.

— Vai ficar tudo bem. Eu juro. — Beijeí sua têmpora e minha mãe me abraçou apertado.

— Ainda estou assustada, Theo. Quase perdi você...

— Eu sei, mãe. Mas está tudo bem. — Abracei-a de volta e, em seguida, ela se afastou.

— Tudo bem. Agora preciso ir. — Ela se aproximou da porta. — Se cuide, filho.

— Eu vou, mãe.

Passei a manhã no escritório, e na hora do almoço liguei para Luca, perguntando se queria almoçar comigo. Ele disse que me encontraria no restaurante perto da oficina. Era uma viagem chegar lá, mas como ia visitar um cliente à tarde, ficava melhor para mim.

Avistei um Luca distraído em uma mesa distante, então fui até ele.

— E aí ?

Eu o abracei e me sentei.

— E Alícia? Pensei que viria. Ouvei a voz dela quando falei com você — eu disse, olhando o cardápio. Pedi bife à parmegiana, e Luca, macarronada.

— Ela saiu para fazer mais compras para os gêmeos. De verdade, eu acho que naquele quarto não vai caber tudo. — Luca fingiu reclamar, mas seu olhar era sonhador.

Porra, eu queria isso também.

— Depois vou dar uma passada lá. Como Tina e Felipe estão? Esse fim de semana irei pegá-los para saírem comigo. Cinema, talvez...

— Eles estão bem. Valentina está meio distante, não conversa mais tanto conosco, estou estranhando isso pra caralho. — Luca bebeu seu refrigerante.

— Ela ainda anda com seus amigos antigos? — questionei, preocupado. Valentina era calma, claro, na medida do possível, mas nunca preocupou Luca ou a mim.

— Sim, anda. — Ele suspirou.

— Vou conversar com ela.

O garçom voltou e nos entregou nossos pratos. Comemos falando sobre o futebol e em como a oficina dele e do Kieran estava crescendo.

— E a Lorena? Como está?

— Bem, vai ter alta hoje. — Sorri e me inclinei. — Acredita que a gente já ficou e eu não lembrava? Estava bêbado como um porco...

— Caralho, sério? — Acenei. — Você estava dopado? Só assim pra não lembrar. — Ele riu e eu mostrei o dedo do meio para ele.

Assim que terminamos a nossa refeição, fomos embora. Liguei para o celular de Gabrielle, pois Lorena ainda estava sem, mas ela não atendeu. Mudei a direção de onde estava indo e passei no shopping. Sorri, saindo e tentando ligar novamente

— Ei! E aí, tudo certo?

— Sim, ela já está aqui. Parece ótima, então obrigada por cuidar dela ontem — Gabby falou baixinho. Eu sabia que ela devia estar morrendo de vergonha.

— Foi um imenso prazer...

— Seu porco! Tchau!

Sorri, guardando o celular. Gabby era uma figura. A noite de ontem com Lorena, porra, não tinha palavras. Tudo nela era perfeito.

Um sorriso escapou de mim quando me lembrei do seu rosto, mas logo morreu ao ver meu passado bem à minha frente.

— Precisamos conversar...

— Pensei que tinha morrido. Não quero conversar com você, então suma. — Minha voz saiu tensa, irradiando irritação.

Mas ela não sumiu, pelo contrário, ficou parada com os olhos cheios de olheiras, corpo magro e suja.

— Theo, por favor.

— Não, Beatrice.

CAPÍTULO 09

"Eu queria ver ele sorrir.
Queria ser o motivo da sua alegria."

Loirena Marinho

Me sentei no sofá da casa da minha irmã e segurei Luca em meus braços, deslizando meus dedos por seu rosto, imaginando como ele deveria ser.

— *Nuca.*

Sorri ao ouvir a voz do Nico. Ele tocou a minha coxa e eu peguei sua mãozinha.

— *Isso, o nome dele é Luca.*

— *Titia Nore.*

— *Sim.* — Eu ri e engoli em seco, com medo de chorar. — *Te amo, sabia? Titia Nore te ama.* — *Beijei sua mãozinha e também a de Luca.*

Nico deu uma gargalhada supergostosa e eu sorri, querendo poder enxergá-lo. Querendo ver essa alegria. Quando a tristeza quis se apossar de mim, eu a reprimi.

Tudo ficaria bem.

Tudo fica bem.

Esse se tornou meu melhor mantra.

— Nico, deixe sua tia — Gabby falou, se aproximando.

— Deixe o menino. Pegue Luca aqui. — Estendi meus braços e ela pegou o filho mais novo.

Puxei Nico para meu colo e abracei seu corpo. Ele não ficou por muito tempo, mas os segundos abraçando-o foi o suficiente para fazer meus olhos brilharem.

— Ele gosta muito de você — Gabrielle falou. Sorri, esfregando minhas mãos na minha calça jeans. — Theo ligou ainda agora. Perguntou como você está e disse que virá à noite te ver.

Meu coração acelerou e minha barriga ficou gelada. Fiz careta para essas coisas. Não gostava disso.

— Posso ligar para ele? — questionei, estendendo minha mão.

Gabby murmurou um sim e me passou o celular depois de ligar para o número dele. Tocou algumas vezes até que ele atendeu.

— Gabby? Ela está bem? — Ao ouvir sua voz preocupada, mordi meu lábio querendo sorrir.

— Estou ótima, obrigada. — Sorri quando ele deu um suspiro aliviado.

— Ei! Posso ligar daqui a pouco? — Sua voz estava estranha, franzi as sobrancelhas com isso.

— Onde você está? — perguntei, me erguendo tateando o braço do sofá. Gabby estava por perto, eu sentia seu cheiro e sua presença.

— Não consigo encontrar um cliente.

— Não, Theo, agora. Onde você está agora? — Minha pele arrepiou e eu engoli o gosto amargo da desconfiança. Mas de quê? Não conseguia entender.

— Estou na saída de um shopping. Lorena, está tudo bem. Eu prometo. — Sua voz diminuiu, então outra sobressaiu ao fundo. — *Theo, é sério. Preci samos conversar* — Era de uma mulher.

— Quando chegar conversaremos. — Desliguei o celular e caí no sofá.

O silêncio preencheu a sala antes de ouvir os passos da minha irmã.

— Você acha que o Theo tem alguém? — perguntei, cruzando meus braços. — Tinha uma mulher com ele agora — expliquei, querendo não parecer uma idiota ciumenta sem necessidade.

— Eu acho que ele deve ter encontrado uma amiga. Sei lá. Theo não faz o tipo duas mulheres, Lorena. Você sabe, é certinho demais para isso. — Gabby riu enquanto falava.

Queria que ela não se preocupasse com a minha loucura, então fingi deixar de lado.

Minha irmã me ajudou a ir para o quarto que preparou para mim, então me sentei na cama, querendo dormir. Deixei Theo de lado e respirei fundo, lembrando-me que ainda não contei a Gabby sobre nossos pais biológicos.

— Gabby...

— Oi?

— Senta aqui — pedi, batendo no colchão. Senti quando o peso do seu corpo caiu sobre a cama. — Sabe, enquanto eu estava em Paris...

— O que é que tem?

— Procurei por nossos pais biológicos...

— Co-como assim? — Sua fala saiu incerta, então procurei suas mãos e as apertei.

— Eu procurei. Não sei de fato o que queria encontrar, mas eu tinha esse desejo, sabe? Contratei um detetive particular e ele me enviava tudo por e-mail. A gente nasceu aqui mesmo, no Rio. Nossos pais eram pobres, bastante — sussurrei enquanto minha mente viajava até as fotos que o homem me mandou da casa que eles moravam antes de morrer.

— Lorena, por que não me contou?

— Não sei. — Pisquei para afugentar as lágrimas. Esse ainda era um ponto tão dolorido para nós duas.

— E onde eles estão?

— Eles faleceram alguns anos atrás. — Ouvi sua respiração longa e apertei mais seus dedos. — Sinto muito.

— Eu só estou em choque. — Gabby apertou meus braços e me puxou para que pudesse envolver meu corpo. — Ponto final. É isso que querí amos, né? Ainda bem que estamos cientes da nossa história.

— É isso. Obrigada por entender.

— Não tem de quê. Preciso ir arrumar algumas coisas.

— Claro, vai lá.

— Seus materiais estão aqui. Descansa, depois, se você quiser... — Sua fala morreu.

— Obrigada. Vou descansar agora.

Estava aliviada por ela saber o que descobri, mas sabia que, como estava doendo saber que eles estavam mortos, o mesmo acontecia com ela. Ambas tínhamos o desejo de sermos amadas por pais, o que nunca ia acontecer.

Minha cabeça voltou para Theo e tentei engolir a desconfiança. Mas era como minha irmã falou, Theo não era assim. Fora a preocupação óbvia comigo. Peguei meu travesseiro e gritei contra a maciez dele. Quando parei e minha garganta começou a doer, senti que estava mais calma.

Depois de me revirar na cama, eu me ergui com cuidado e me sentei no chão, procurando a tela que Gabby me indicou hoje pela manhã. Minhas tintas estavam ao lado e logo consegui encontrá-las, então, devagar, peguei um pouco. Não tinha como distinguir as cores, mas não queria nada certo. Só desejava extravasar.

A textura do tecido contra meu dedo me fez suspirar. Devagar e sem nada na cabeça, comecei a pintar. Quando afastei meu dedo da tela, percebi que tentei desenhar uma pessoa, a minha pessoa. Theo.

Minha boca secou e eu sorri ao perceber que seu rosto ainda era vivo em meus pensamentos. Eu me lembrei de ele me atazanando no avião, seu sorriso, seu cabelo besta impecável. Estava me apaixonando por ele e isso me assustava.

Sentir o que andava sentindo estava me dando nos nervos, não por ser chato ou me irritar. É porque quando se ama alguém, você fica refém dela.

Sua felicidade se torna refém.

Eu me afastei da tela e suspirei. Assustando-me quando a voz dele ecoou em meu quarto.

— Ei! — Sua fala era calma, podia apostar que ele estava sorrindo. — Deixa-me ver... — Ele se sentou ao meu lado e eu inspirei seu cheiro. Sua mão deslizou pela minha coxa e a apertou devagar.

— É você... deve tá uma confusão, mas é...

— Você é muito talentosa. Eu sei que sou muito bonito, mas você me deixou mais ainda — ele afirmou convicto e eu empurrei seu ombro. Quando Theo me puxou para seu peito, tentei deixar meus dedos longe dele.

— Você vai se sujar de tinta! — falei alto quando envolveu meu corpo e se deitou no chão, me colocando sobre ele.

— Não ligo. I reitomar banho com você. Sabe que está suja, não é? Olha isso aqui. — Quando ele tocou em meu rosto, senti seu dedo tocar um pingo de tinta. Em vez de limpar, Theo começou a espalhar pela minha bochecha.

— Theo!

— Me beije, Lorena. — Sua voz se tornou rouca e eu parei de sorrir.

Devagar, me inclinei em sua direção e tomei posse dos seus lábios. A urgência com que nos beijávamos poderia confundir alguém que nos visse, talvez, pensassem que não nos víamos há tempos, que estávamos saudosos um do outro. Porém, esse beijo desesperado só deixou mais concreta a nossa paixão. E eu estava com medo disso.

Me afastei sem fôlego e sorri quando Theo continuou beijando meu pescoço, colo e rosto.

— Senti saudades, Medusa. — O apelido não mais me desagradava. Era engraçado que mesmo ele me achando uma medusa, queria ficar comigo.

— Também senti, *St arboy*. — Eu engasguei rindo quando ele se levantou rapidamente, me colocando à sua frente.

— O quê!? Como... — ele balbuciou.

Eu me inclinei, sentindo-o ainda sentado à minha frente.

— O que, *St arboy*? — Prendi minha gargalhada esperando Theo entender o apelido.

— Não me chame assim. Que nome é esse? — perguntou, logo eu o ouvi tecendo no celular. Theo ficou em silêncio por alguns segundos antes de eu ouvir sua voz. — Não tem tradução no Google tradutor. O que é?

— The Weeknd? — questionei e ouvi um gemido de desgosto.

— Não acredito nisso. — Ele gargalhou e me puxou de novo para seu colo.

A música do cantor falava sobre um riquinho que gostava de gastar. Theo era rico e gostava de coisas caras. Lembrei dele quando ouvi. Não todas as partes, óbvio.

— Você me deu um apelido, encontrei um para você. — Dei de ombros e beijei seu pescoço. — *St arboy*..

— É estranho — ele resmungou, gemendo enquanto eu cheirava seu pescoço.

Era em momentos assim que eu começava a sentir medo. Medo de perder isso, nossas risadas, brincadeiras e a segurança de estarmos perto um do outro.

Não queria perder o Theo.

— Então, não quero dar uma de ciumenta, mas quem era a mulher falando com você no shopping? — Mudei de assunto, ainda abraçada a ele. Seu perfume invadiu minhas narinas e eu sorri, apreciando o cheiro de Artemísia.

— Era uma velha amiga — ele respondeu enquanto beijava meu ombro.

Nada de nomes? Tudo bem. Esqueci isso e foquei minha atenção nele. Suas mãos acariciaram minhas costas e ele deu pequenas mordidas em minha pele.

— *St arboy*, o que quer fazer hoje?

Desde que acordei naquele hospital, desejei poder ir a um lugar especial para mim. Nunca levei ninguém lá, mas achava que Theo ganhou o direito de ir quando comecei a gostar dele mais do que eu deveria.

— Nada. E você? — Ele se afastou um pouco.

Eu queria ver seu rosto nesse momento. E ia dar um pedaço de mim a ele, e nem mesmo poderia ver seus olhos.

— Quero te apresentar o meu lugar favorito no mundo — eu disse, deslizando minha mão por seu rosto e sentindo seu sorriso contra meus dedos.

— Que bom. O meu lugar favorito você já sabe qual é...

— Não. Você nunca me contou, pode me levar até lá? — Minhas palavras saíram frenéticas. Ouvei seu suspiro contra meu rosto enquanto ele se inclinava em direção ao meu ouvido.

— É aqui, Medusa. É onde você estiver. Você é meu lugar favorito no mundo, Lorena.

Eu encarei a escuridão sem conseguir falar nada. As palavras sumiram e os batimentos do meu coração aceleraram de maneira

extraordinária. Senti dedos em meu rosto e despertei do transe em que me colocou.

— Theo... — eu murmurei, mas ele não me deixou falar. Sua boca cobriu a minha e nos beijamos sem pressa alguma, apenas provando o sabor um do outro.

Quando nos afastamos, ele me ajudou a levantar e me levou até o banheiro. Theo limpou a tinta da minha pele, então troquei de roupa para irmos ao lugar que queria.

— Vamos lá!

Sua voz risonha enviou calafrios para a minha barriga. Ainda não tinha me acostumado com essa sensação. Ao sairmos do quarto, ouvi risadas. Quando chegamos à sala, o barulho cessou e eu me aproximei mais de Theo, sem saber quem além da minha família estava ali.

— Ei! — Theo falou alegre, logo ouvi cadeiras sendo arrastadas.

— Oi, Theo. Lorena, como vai? — Ouvi a voz de Alícia, em seguida, a do Luca. Sorri e disse que estava bem.

— Vou dar uma saída com a Lorena. Eu a trarei para casa sã e salva, Gabby e Kieran. Não se preocupem — Theo disse depressa, mas eu sabia que Gabby estava pronta para falar algo.

— Ela precisa descansar. Você disse que estava cansada, Lorena — minha irmã contrapôs.

— Descansei um pouco. Não se preocupe — menti e ouvi seu suspiro em seguida. Eu pinteí por horas e depois Theo chegou. Não deu tempo de descansar.

— Tudo bem. Se cuidem.

Nós saímos da casa deles depressa e logo estávamos no carro do Theo. Ele riu, saindo com o veículo enquanto eu fechava meus olhos e ele segurava minha mão.

— Para onde, Medusa?

— Pista de corrida, *St arboy*.

O silêncio se fez presente assim que as palavras saíram da minha boca.

— Tem certeza? — Sua voz estava incerta.

Somente acenei, então ele não falou mais nada. Minutos se passaram até chegarmos à pista de corrida, e assim que saí do carro, sorri ao ouvir os carros correndo.

— Ainda tem corridas aqui? — ele perguntou, confuso

— Sim. Porém é a nova geração, sabe? São os garotos mais novos dos bairros — expliquei. Eu sabia disso porque tinha vindo aqui algumas vezes antes do acidente.

— Entendo. Então, para onde quer ir?

— Precisamos atravessar a pista e andar um pouco.

Theo me ajudou a andar sem que eu tropeçasse ou caísse. Quando senti a grama mudar para terra, eu parei e dei passos para a esquerda. Senti algo roçar na minha perna, então sabia o que era. Me abaixei e peguei um dente de leão.

Segurei a pequena flor com firmeza e assoprei, tentando formar a imagem das pétalas voando. Pedi a Deus que devolvesse a mim a visão. Suspirei e afastei a emoção.

— Tome aqui. — Peguei a mão de Theo e o fiz segurar uma flor também.

— Um dente de leão. — Notei o sorriso em sua voz.

— Assopre e faça um pedido.

— Um pedido?

— Isso! Vamos, faça um. O que você mais quer que aconteça na sua vida — expliquei, excitada por ele estar comigo. Participando de um ritual só meu.

— O.k. — Ele respirou e logo ouvi seu assopro forte. — Pedi...

— Não me conte! Vai que perde o efeito e não se realiza? — resmunguei, rindo — Vamos lá.

Respirei profundamente e dei alguns passos para a direita, voltando para a passagem de terra. Tateei à minha frente e sorri quando senti a árvore. Procurei a pedra que me deu auxílio para subir e senti Theo segurar meu braço.

— Ei! Você vai se machucar..

— Não vou. Juro. Espere um pouco — pedi. Mesmo contra sua vontade, ele me soltou.

Subi na árvore que já tinha decorado de tanto que ia ali e me sentei sobre o galho grosso como o tronco dela. Ela devia ser centenária, pois nunca vi uma árvore tão forte. Eu me afastei um pouco e olhei para baixo por instinto.

— Vem! — gritei para o Theo e não ouvi nada até que o senti se sentar ao meu lado.



Theo Medeiros

Faça Lorena enxergar de novo. Esse foi o meu pedido.

Subi na árvore assustado, enquanto Lorena fez o mesmo sem dificuldade alguma. Eu me sentei ao seu lado e apoiei minhas costas no tronco. Segurei sua cintura e a puxei em minha direção. Ela sorriu e relaxou em meu peito.

— Amo sentir a brisa da noite daqui de cima. Olha para a frente, no final tem o mar. Antes dele tem um prédio grande, é o maior deles. Sempre que venho aqui, as luzes de lá se acendem e em alguns minutos se apagam. Eu gosto de imaginar que são os pais de alguma garotinha que estão colocando-a na cama.

Segundos depois, sorri ao ver que o que ela falou aconteceu. A luz de uma janela do último andar do prédio se acendeu. E alguns minutos depois, ela se apagou. Observei Lorena e beijei seu pescoço.

— Aconteceu do jeito que disse — avisei devagar e vi seus olhos brilharem encantados.

— Gosto de vir aqui para ver isso. Esse amor de pais para filhos. — Sua garganta subiu e desceu antes de um lampejo de dor aparecer em seu olhar.

— Me fale sobre seus pais. Sei que é algo que dói, mas quero te conhecer mais — pedi, porém, a sua resposta foi um longo silêncio.

Fiz círculos em sua mão e tirei os fios do seu cabelo da frente do rosto, que escaparam do rabo de cavalo.

— Meus pais não são os meus pais biológicos. Nem mesmo sei quem são. Eles adotaram a mim e Gabrielle em troca de algum dinheiro, pelo que minha mãe falou. — Lorena subiu os ombros e sorriu triste. — Sempre nos trataram com descaso, nunca foram atenciosos ou preocupados. Eles só nos deixavam viver na casa. Descobrimos apenas meses atrás que fomos adotadas. Esperei que eles fossem ao hospital me visitar, mas nunca nem ligaram para saber como eu estava.

Seus olhos se encheram de lágrimas e eu tentei limpá-las, mas Lorena empurrou minha mão devagar e as limpou sozinha.

— Eu não deveria chorar. É estúpido! Eles nunca gostaram de mim, talvez um pouquinho da Gabby, mas de mim, nunca. Eu os odeio com todo o meu coração, principalmente por terem feito Gabby sofrer tanto, privando-a de ter o filho como seu.

— I maginoque sim. Não sei o que falar, mas obrigado por contar. — Beije seu cabelo, absorvendo a informação.

— Obrigada por estar aqui. — Sua voz diminuiu.

Eu a abracei mais uma vez, deixando-a relaxar contra meu peito.

E foi assim, agarrado a ela enquanto estávamos em cima de uma árvore enorme, que eu soube que essa menina me estragou para qualquer outra.

CAPÍTULO 10

"A esperança me acompanhava de mãos com o medo. Quando esse pesadelo ia acabar?"

Lorena Marinho

DIAS DEPOIS

Por favor, por favor, por favor..

Rezei baixinho quando acordei na tarde da véspera de Natal. Desde que saí daquele hospital, me via rezando e pedindo a Deus que me devolvesse a visão. Ontem fui ao médico com Gabby e ele disse mais uma vez que era questão de tempo, então minha irmã estava bem otimista.

— Com licença. — Gabby bateu à porta, e eu resmunguei mandando-a entrar. — Bom dia! Vamos acordar?!

— É claro. — Suspirei mal-humorada ao abrir os olhos e encontrar, mais uma vez, a tenebrosa escuridão.

Gabby ficou calada por alguns instantes e eu me ergui da cama. Comecei a andar em direção ao banheiro, mas acabei trombando com o meu abajur.

— Merda!

— Lore...

— Estou bem. — Mais uma vez elevei a voz antes que ela me alcançasse. Senti picadas em meus olhos e tentei respirar fundo

para afastar as lágrimas fujonas.

— Irmã...— Gabby deslizou os braços por meu corpo e me abraçou apertado.

Minhas emoções pareciam um redemoinho, me afogando, e com seu toque, a água me engoliu. Encostei minha cabeça em seu ombro e soluzei descontrolada.

— Shiu. Não precisa chorar, está tudo bem, eu estou aqui...

— Estou cansada... quero poder te ver de novo, quero enxergar o rostinho do meu sobrinho pela primeira vez. Eu preciso olhar para o Theo e ver o que ele sente por mim refletido em seus olhos... — Minha voz estrangulada ecoou pelo quarto enquanto soluçava contra minha irmã mais nova. — Eu quero fugir da escuridão que me rodeia, Gabby... preciso fugir...

Gabrielle continuou me abraçando, fazendo com que eu sentisse os tremores do seu corpo. Ela estava chorando. Eu me afastei devagar e levantei as mãos, tateando seu rosto em busca das lágrimas. Assim que senti suas bochechas molhadas, eu as limpei devagar.

— Sempre fui tão forte, né? Olha no que me transformei. Numa reclamona, numa irmã chorona...

— Você tem todo o direito do mundo de chorar, Lorena. E eu estou aqui para te segurar e limpar suas lágrimas, não importa o momento. Eu estou aqui e não irei sair do seu lado. Nunca.

Suas palavras enviaram ondas de amor e carinho para meu coração ferido e desolado.

— Obrigada. Juro que irei melhorar. — Beije seu rosto e me afastei por completo dela.

Voltei a fazer o meu caminho para o banheiro e cheguei lá prendendo um enorme suspiro de alívio. Fiz minha higiene da melhor forma possível e depois saí do quarto.



Passei o dia com meus sobrinhos e irmã. Kieran precisou ir para a oficina, pois ainda tinham serviço para entregar. Gabrielle brigou com ele e Luca por isso, ela estava empenhada em fazer o nosso Natal o mais maravilhoso possível. *Vai ser épi* falou.

No final da tarde, me sentei na varanda e fechei os olhos, sentindo as rajadas de vento açoitando meu cabelo. O dia estava muito bom, o calor deu uma trégua e estava mais fresco. Relaxei na poltrona macia e deitei minha cabeça.

Ao sentir algo ser colocado em meus dedos, abri os olhos devagar.

— Ele, de novo — Gabby resmungou e eu sorri, levando o celular à minha orelha.

— Gabrielle está de saco cheio das suas ligações — avisei baixinho enquanto abraçava minhas pernas.

— Diga que pedi desculpas — ele pronunciou, nervoso. Queria ver seu rosto nesse momento. Certamente, ele estava vermelho como um pimentão. — Só liguei para avisar que talvez eu chegue um pouco tarde hoje. Estou indo deixar minha mãe no aeroporto, ela ficou para trás depois de pensar que eu iria com ela... enfim, só liguei para avisar. Beijo, Medusa. — Ele desligou sem esperar por resposta.

No instinto, eu liguei de volta para ele.

— Como se atreve a desligar na minha cara? — Fiz pouco esforço para a minha voz sair chateada.

— Meu Deus, desculpe. Minha mãe me enlouquece — ele resmungou.

Ouvi uma voz suave lhe dizer que ele estaria bem encrencado quando desligasse o telefone.

— Você é um péssimo filho, Theo — sussurrei devagar, instigando-o.

Do outro lado da linha, ouvi algo cair.

— Pelo amor de Deus... — sibilou. Sorri, sabendo que o fiz corar na frente da mãe de novo. — Não faça essa voz e nem diga essas coisas...

— Estou com saudade. — Mudei de assunto, mas minha voz ainda era suave e sussurrada.

— Também estou. Não se esqueça, depois da meia-noite a gente vai para a minha casa — ele avisou.

— O.k. Agora preciso ir.

Desliguei depois de nos despedirmos e sorri contra minhas mãos.

— Hummm... estou com saudade... — Gabby imitou minha voz.

Abri e fechei a boca, embasbacada.

— Gabrielle! — eu a repreendi, ouvindo sua gargalhada estrondosa reverberar pelo ambiente.

Eu me ergui e entrei, deixando-a sozinha. Fui para sua cozinha a passos lentos e incertos enquanto meus braços estavam estendidos. Assim que alcancei o balcão, respirei fundo e me sentei devagar. Já estava decorando onde ficavam todos os cômodos da casa.



— Ele deve ter se atrasado — Gabby avisou ao se aproximar de mim.

Eu estava na varanda há algum tempo, esperando o Theo chegar.

— Onde está o Theo? — uma mulher perguntou.

Reconheci a voz da irmã do Luca. Gaby resolveu que deveríamos comemorar todos juntos. O resultado foi a família do Luca e a nossa na mesma casa.

— Deve ter pegado trânsito, Tina — Gabrielle respondeu enquanto eu me sentava na poltrona. Minha irmã me ajudou a comprar a roupa que iria usar hoje. Decidi que seria melhor comprarmos pela internet. Ela detalhou o vestido inteiro para mim, enquanto eu ficava olhando para a janela do quarto, sentindo o vento contra meu corpo.

O vestido era vermelho, longo e tinha um decote pouco generoso. Meus peitos quase estavam cobertos por completo. As alças da peça eram finas, e uma fenda profunda deixava minha perna esquerda à mostra. O vestido na parte de trás era costas nuas. Gabby também fez minha maquiagem, ela falou que não foi nada além de um batom também vermelho, rímel e base com contorno básico.

Mesmo sem conseguir me ver, eu me sentia bonita. Bati o meu pé incontáveis vezes no chão enquanto minha paciência de esperar por Theo começou a se esvaír. Toquei em meu brinco e suspirei. Queria que ele me visse, queria saber o que achava da minha roupa, se estava bonita.

Meu Deus, em que eu me transformei ?

— Eu estou com fome — uma voz mais baixa pronunciou.

— Estamos esperando o Theo, Lipe — Luca respondeu para o seu irmão mais novo.

Eu me levantei de novo assim que a porta da frente foi atacada por batidas. Parecia que meu coração ia colapsar. Suas batidas eram mais rápidas do que na porta e isso, ao mesmo tempo que me animava, me assustava.

Como minhas emoções se reduziram a esperar alguém? *Não era qual queral guém, era o seu al guém.* Minha consciência gritou raivosa para mim e eu suspirei, sabendo que certamente ela devia estar correta. Ele era o meu alguém.

— Ei! Pensei que não chegaria mais! — Luca gritou na sala.

Eu me virei, e mesmo sem enxergar, senti sua presença. Mordi meu lábio querendo parar o sorriso que teimava em crescer.

— Levei mais tempo que o esperado.

Meus pelos do corpo se eriçaram com sua voz baixa e controlada.

Levou alguns segundos para que seu cheiro invadisse minhas narinas. Todos à nossa volta retomaram a conversa no exato momento em que senti Theo bem na minha frente. Esperei que ele falasse algo, mas os segundos se transformaram em minutos e ele não disse nada.

— Você não vai falar comigo? — Minha voz saiu trêmula e incerta.

— Meu Deus, Medusa, se eu te tocar agora... caralho — ele praguejou. Molhei meus lábios, sentindo minhas bochechas corarem. — Você está linda. Um espetáculo. — Ele fez a distância entre nós sumir quando me puxou para seus braços.

Seus lábios tocaram os meus por um segundo e logo se afastaram. Fiz careta por isso e ouvi sua risada baixa.

— Preciso ir ao banheiro — ele disse, colocando a cabeça em meu pescoço.

Sorri e o segui para o meu quarto. Assim que ouvi a porta bater, Theo avançou em mim. Seus lábios eram famintos e sua língua explorou minha boca com desespero. Segurei seus ombros enquanto ele me levantava e me colocava sobre uma cômoda do quarto. A fenda do vestido me deixou abrir as pernas e o acomodar entre elas.

Suas mãos seguraram meu cabelo escovado e o colocaram de lado, deixando meu pescoço à sua mercê. Meu *Starboy* beijou e mordeu minha pele enquanto gemidos baixinhos saíam por meus lábios.

— Theo... — lamentei quando suas mãos avançaram para os meus seios.

— Eu imaginei que estaria linda, mas, porra, Lorena, não assim. Você me deixa louco — falou com tanta firmeza que me arrepiei toda. Mesmo sem poder ver, senti o desejo intenso que ele sentia por mim.

— Mas...

— Theo! Eu quero comer! O Luca disse que estamos esperando só por você.

Gargalhei quando Theo se assustou com a voz do garoto, pulando em cima de mim.

— Caralho! — ele sussurrou contra meu pescoço enquanto eu continuava rindo. — Felipe, seu esfomeado, estou ocupado! — Theo gritou em direção à porta, mas belisquei seu braço. — Ei! Tá bom. Já estamos indo, Liipe! — ele gritou de volta e me ajudou a descer da cômoda. — Vamos comer e saímos, o.k.? Não sei como diabos vou conseguir sentar à mesa com meu pau assim — ele resmungou e eu comecei a rir mais ainda.

— Chame Gabby para mim. Preciso que ela arrume a bagunça que você fez.

Fiquei parada esperando minha irmã, sorrindo contra meus dedos. Ele ficou louco. Eu o deixei louco.

— Estou vendo que aqui ferveu...

— Nada disso. Só nos beijamos...

— Sei. Vamos, me deixa retocar seu batom. Seu namorado estava todo sujo, ainda bem que eu já estava vindo aqui e entreguei a ele um lenço. — Ela riu e minhas bochechas queimaram ainda mais.

Todos estavam esperando, eu não conseguia enxergar seus rostos, mas apostava que tentavam não olhar para mim. Gabby passou minha mão para Theo e anunciou que estava na hora de comer.

Lipe quase soltou um grito de animação.

Theo me ajudou a sentar à mesa, então comemos em silêncio, digo, eu comi em silêncio. Theo era ovacionado pela Tina e Felipe. Os dois o amavam e queriam sua atenção para tudo.

— Theo — Tina o chamou assim que terminamos de jantar. — Domingo eu preciso ir ao shopping, você se incomoda de me levar? — Sua voz era suave, reconheci o toque de mentira nela.

Já menti o bastante para saber quando alguém mente. Tina queria ir para outro lugar, o shopping era só o ponto de partida.

— Claro. Te busco que horas? — Theo parecia alheio e todos também, já que nunca mentiram tanto quanto eu.

— À noite. Umas sete horas.

O jantar passou sem maiores conversas. Na verdade, eu achei até legal. Tudo ocorreu bem e isso deixou Gabby feliz. Se ela estava contente, eu também estava.

Entrei no carro do Theo com sua ajuda e o esperei se despedir dos outros. Ouvi a porta do lado do motorista abrir e relaxei no assento.

— Você pegou trânsito? — questionei quando ele saiu do estacionamento e segurou minha mão.

— Bastante. Acho que muita gente se atrasou para a ceia de Natal — ele brincou, notei o sorriso em sua voz.

— Entendi — sussurrei e acariciei sua mão. Apenas alguns minutos depois já estávamos em sua casa.

Lembrei-me da vez que conheci o lugar. Era arrumado e aconchegante. Hoje eu não sabia e nem iria descobrir. O pensamento me trouxe agonia. Será que nunca ficaria boa? Sabia que o médico me disse para ter paciência, mas perdia um pouco de fé cada dia que acordava.

— Ei... — Theo segurou meu queixo entre seus dedos assim que se sentou ao meu lado em seu sofá. — O que passa em sua *cabeci tã*

Sua pergunta descontraí da me fez me aproximar do seu peito. Seus braços rodearam meu corpo e eu me segurei neles, querendo nos fundir em um só.

— Desesperança. É isso que se passa — expliquei, suspirando ao mesmo tempo que ele acariciava meus braços nus.

— Esperança é renovável. Sempre podemos moldá-la. Ela é um sentimento. Por mais que às vezes eles nos dominem, a gente também pode controlá-los. — Sua voz era decidida.

Coloquei meu queixo em seu peito, querendo olhar para seu rosto. Eu só queria ver. Ver sua expressão nesse momento. Isso me angustiava e me dava raiva, e eu sentia que já tinha raiva demais dentro de mim.

— Obrigada — sussurrei devagar e avancei para cima do seu corpo.

Beijei os seus lábios com leveza e senti as mãos do Theo deslizarem pelas minhas costas, em direção à minha bunda. Seu aperto me fez suspirar. Sua língua entrou por meus lábios e, sem pressa alguma, ele provou o sabor da minha boca.

Theo se afastou de repente e eu respirei fundo, sem saber por que ele fez isso.

— Levante-se. — Sua voz estava rouca.

Fiz o que pediu sem questionar e segurei minhas mãos juntas, esperando que ele dissesse algo, mas nada saiu por alguns segundos.

— Vire.

Me arrepiei com seu comando e logo fiz o que foi mandado. Pulei quando senti seus dedos no zíper do meu vestido. Theo desceu de maneira vagarosa, abrindo-o. Suas mãos subiram para os meus ombros e ele afastou as alças, fazendo com que o vestido caísse.

Meus seios ficaram livres e estava apenas com a calcinha minúscula que escolhi. Não minto ao dizer que a escolhi sem pensar

nesse momento.

— Caralho. Eu mereço você? — ele questionou quando eu me virei.

— Honestamente, acho que não — brinquei, enquanto dava um passo em sua direção.

Theo se afastou, me levando consigo. Meus pés bateram no sofá e eu percebi que ele se sentou. Assim que subi em seu colo, seus dedos passaram sobre meu mamilo intumescido, me fazendo arquear as costas.

— Como consegue? — Ouvi sua voz fazer uma pergunta.

Tentei falar algo, mas soltei um gemido alto quando sua boca tomou meu seio.

— Como você consegue me enlouquecer? — Theo perguntou e começou a lambear o vale entre meus seios. Sua língua deslizou pelo meu pescoço e eu suspirei, fincando minhas unhas em seus ombros.

— Não faço nada. — Sorri enquanto seus dedos desciam para minha calcinha.

Quando Theo afastou a calcinha de renda, senti seus dedos rasparem sobre os meus lábios. Minha boceta estava molhada, ansiosa por ele. Sufoquei um gemido quando seu polegar pressionou meu clitóris enquanto os outros dedos me abriam.

— Oh, meu Deus!

— Sou, amor. Meus dedos em sua boceta molhada. Diga meu nome. — Seus dedos pegaram impulso, e então ele enfiou lentamente um deles.

Rebolei meus quadris, querendo mais e mais. Theo mordeu meu mamilo e lambeu meu colo, vindo ao meu pescoço em seguida. Era tão bom.

— Theo... — choraminguei quando sua mão me abandonou.

Ele me tirou do seu colo, me colocou no sofá e afastou minhas coxas. Meu peito subia e descia rapidamente. Gritei quando

a boca dele atacou minha boceta.

— Segure suas coxas, me deixe comer minha sobremesa.

Meu rosto pegou fogo, mas obedeci a ele, ficando aberta para que ele pudesse me comer. Seus lábios deslizaram pelas dobras, passando a línguas superficialmente. Tremi cada vez que ele parecia vir, mas não vinha.

— Você queria comer, não brincar. Faça isso! — eu disse, irritada por não ter o que desejava. Ouvi seu riso e ergui meus quadris, levando minha boceta à sua boca. — Me coma, Theo!

Um tapa foi desferido em minhas dobras e eu gritei assustada. A ardência foi rápida, e o prazer, inesperado.

— Não seja malcriada!

Gemi quando seus dedos espalharam minha boceta e ele capturou meu clitóris. Meu orgasmo varreu meus sentidos no mesmo segundo, mas Theo me comeu no seu tempo.

— Agora, eu vou comer você. Direito dessa vez.

Como assim direito? Ele me fodeu bem demais no hospital. Tinha um melhor? Minha boceta encheu de fluidos com o pensamento. Theo me virou no sofá, agarrou minha bunda e afastou minhas coxas. Estremeci quando ele deslizou a glândula do seu pau em meus lábios doloridos. Ansiosa, empurrei a bunda em sua direção, mas ele recuou.

— Você sabe qual meu lugar preferido no mundo?

O quê? Tentei respirar mais forte, me recompondo para entender do que Theo estava falando.

— Não, não sei...

— Sua boceta, Medusa.

Seu pau entrou dentro de mim em um único golpe. Eu gritei, me sentindo cheia dele. Seus quadris empurraram e suas mãos me puxavam, o encaixe perfeito e gostoso. Girei minha bunda, amando a sensação da sua glândula empurrando minhas terminações nervosas.

— Grite, amor, aqui você pode.

Não me contive, meu orgasmo veio explodindo em minha mente e corpo. Meus gritos ecoaram e eu senti Theo gozar dentro de mim, me enchendo.

Eu apostava minha vida que ninguém jamais me fodeu dessa maneira. Theo acabou de me viciar em seu pau mágico. Nesse momento, desejei poder enxergá-lo.

CAPÍTULO 11

"O ciúme nos cega e nem mesmo
o amor consegue nos alcançar."

Theo Medeiros

Lorena adormeceu em minha cama e eu fiquei parado olhando para seu rosto. Se alguém a visse não imaginaria o quão diaba essa mulher podia ser. Sabia que estava apaixonado por ela, porém já senti e presenciei sua hostilidade.

Mesmo ela não acreditando que essa personalidade foi coisa de momento, ela não era daquele jeito. Era só ver no seu olhar perdido a bondade morando dentro dela.

Deslizei meus dedos pelo seu rosto e ela se aconchegou mais em meu peito. Seu cabelo estava espalhado pelo travesseiro, os fios brilhando ao receberem a luz do abajur.

Beijei sua testa suavemente e suspirei, fechando meus olhos. Será que eu era louco por querer ficar com ela para sempre? Se eu contasse isso a ela, será que surtaria? Lorena era como uma gata arisca, que cada vez que recebia carinho te atacava, ou fugia. Não queria imaginar que um dia essa mulher me faria sofrer, tampouco desejava que ela fugisse de mim.

Aos poucos Lorena, minha *Medusa*, estava tomando controle do meu coração e isso era perigoso.



Acordei ao escutar um grito longo e doloroso. Pulei da cama olhando para o quarto, mas saí correndo ao ver que Lorena não estava aqui. Meu peito apertou quando a vi no chão da minha cozinha. Eu me aproximei depressa e a peguei em meus braços.

— Meu Deus, o que aconteceu? — Aflição tomou conta de mim enquanto a carregava até o sofá da sala.

— Ah, droga! — ela gritou quando sentiu meus dedos em sua cintura. Levantei minha camisa que ela pegou para dormir e fiz careta ao ver o vermelho na sua pele.

— Merda. O que aconteceu? Fale comigo — pedi, encarando seus olhos perdidos.

Ela olhou para mim, mas não havia reconhecimento.

— Eu só queria água. Eu... bati no balcão enquanto tentava chegar à geladeira. — Ela tinha dificuldade para formular as frases.

Eu me aproximei e beijei sua testa.

— Quando quiser algo precisa me pedir, tá? É perigoso, já que você não decorou os cômodos daqui — insisti, preocupado. Arrumei seu cabelo atrás da orelha enquanto via seus olhos encherem de lágrimas.

— Entendi. — Ela enxugou o choro com as mãos.

— Agora vamos cuidar desse machucado. — Puxei seu braço e a mantive comigo até chegarmos ao quarto.

Lorena se contraiu diversas vezes enquanto eu passava gelo e pomada. Encarei-a deitada na cama quando escolhi músicas para tocar durante o café da manhã.

— Coma. — Entreguei um pote de frutas a ela e recebi um sorriso de agradecimento.

Tomamos café em silêncio absoluto. Lorena se perdeu em pensamentos enquanto estava comendo. Eu suspirei, me

aproximando mais e pegando o pacote que deixei ao lado da cama ontem.

— Theo.

— Oi?

— Desculpa. Eu fui imprudente. — Ela cutucou suas unhas.

Eu me inclinei, deixando um beijo sobre seus lábios vermelhos.

— Não se preocupe com isso — eu a tranquilizei e peguei suas mãos. Coloquei a caixinha pequena entre seus dedos e sorri para seu olhar arregalado. — Feliz Natal, Medusa.

A boca dela abriu e fechou algumas vezes, enquanto eu sorria apreensivo, coçando a minha cabeça. E se ela não gostar?

— Theo, eu... não comprei nada. Sinto muito. — A voz saiu baixa e suas bochechas coraram. Quem diria que Lorena poderia corar?

— Não tem problema. Espero que goste.

Ela começou a abrir o embrulho e sorriu quando sentiu o aparelho celular.

— Da mesma marca do seu antigo, porém, um que foi lançado recentemente — expliquei enquanto retirava os fios de cabelo que caíram em sua testa.

— Ah, Theo, obrigada...

— Já está configurado para que você possa usar normalmente. Quando você toca na tela, o aparelho começará a dizer o que está escrito. Vai ficar bem mais fácil, já que você já possuiu um e sabe como mexer.

Lorena se entreteve mexendo no celular e eu me deitei ao seu lado. Ficamos na cama até a hora do almoço, quando propus que fôssemos almoçar fora. Tomamos banho juntos e Lorena pegou uma mochila que tinha trazido consigo ontem. Eu a observei vestir uma saia cinza de cintura alta que ia até seu joelho. A blusa parecia

um top, pois ficava um dedo acima da parte superior da saia. Nos pés, ela calçou um tênis branco e pegou uma jaqueta preta.

Eu a admirei por alguns minutos e só me levantei quando Lorena chamou por mim.

— Você está linda — afirmei, enquanto ela tentava passar algo nos lábios que os faziam ficar mais vermelhos e brilhosos. — Vou te ajudar. — Limpei um cantinho do seu lábio que estava borrado.

— Obrigada.

Saímos de casa minutos depois. Segurei sua mão na minha e a ajudei a descer a escada do prédio. Sorri para o porteiro e vi seu olhar de aprovação para Lorena. Sua mão se ergueu e ele fez positivo. Revirei os olhos e segui em direção ao meu carro.

— Lorena?

Eu me virei quando ouvi alguém a chamar. Franzi as sobrancelhas para o cara. Ele tinha tatuagens como as de Luca, eu podia até dizer que talvez frequentasse o racha.

— Ah, oi. — Lorena olhou na direção de onde a voz soou.

Os olhos do cara se arregalaram quando ele percebeu que ela não o enxergava.

— Quanto tempo. Eu sou o Camilo. Lembra? — Ele estava sem graça.

Eu só não arrastei Lorena para longe porque ela se soltou de mim e deu um passo na direção dele.

— Oh, mas é claro. Como está? — Ela sorriu para ele e eu já queria matá-lo. Não sabia por que, mas seu sorriso em outra direção me enfureceu. Eles já dormiram juntos? A pergunta ecoou na minha cabeça de repente.

— Estou bem. A Paula estava procurando você esses dias, mas seus pais disseram que tinha viajado — ele explicou e se inclinou, beijando a bochecha dela.

— Eu viajei, sim, mas estou de volta. Estou com o número antigo, peça para que ela me ligue. — Ela sorriu novamente e eu cruzei meus braços.

— Claro. Você está linda, como sempre — o moleque falou com malícia, os olhos presos nos seios dela.

Eu dei um passo em sua direção, querendo arrancar seus olhos. O filho da puta sorriu para mim e deu de ombros, como se não tivesse culpa por sua atitude.

— Obrigada. É... Theo? — ela chamou, olhando para os lados, então me aproximei. — Esse é Camilo, irmão de uma amiga. Camilo, esse é o meu Theo.

Beije sua testa ao ver suas bochechas coradas.

— Seu? Ah, cara, felicidades — o idiota desejou.

Respirei fundo, apertando a cintura da Lorena. Tive o cuidado de não apertar o lado ferido.

Ela se despediu do cara e eu a guiei até o carro. Ajudei-a entrar e saí do estacionamento segundos depois.

— Por que está tão calado? — Sua voz chegou a mim e eu me virei, vendo-a sorrindo.

— Nada — respondi quando estávamos quase chegando ao restaurante.

— Camilo é irmão de uma amiga. Ele é legal...

— Você já falou isso — eu a cortei depressa e ela mordeu o lábio, ficando calada.

— Está irritado. Por quê? Por que eu falei com um cara? Por ele ser alguém que era meu amigo quando eu era apenas uma pessoa estúpida?

— Para de falar! — mandei, de repente, surpreendendo a nós dois pela minha irritação. Apertei o volante com força quando ela empurrou meu braço.

— Não, Theo, eu não paro. Meu passado está bem ali, você precisa se acostumar...

— Quer que eu me acostume com os caras, seus amigos ou que diabos tenham sido, olhando para a porra dos seus peitos na minha frente? Ou que eles te chamem de linda na minha cara? — vociferei enfurecido.

Ela fechou a boca, mantendo seus lábios em uma linha fina.

— Estou cega, Theo, se acha que alguém além de você vai se interessar por mim...

— Meu Deus, você não sabe o que fala, sabia? Você é linda. A garota mais linda que já vi, não importa se não consegue enxergar, ainda é você...

— Só fala isso porque estamos apaixonados...

— Se mesmo apaixonada você não acredita no que eu digo, então temos um problema.

— O problema não é Camilo ter olhado para meus peitos, o problema é você! Seu ciúme. De coisas que nunca aconteceram...

— Eu não sei se aconteceram ou não. Você fodeu com o meu juízo, Lorena — lamentei enquanto estacionava o carro. Eu me inclinei sobre o volante e respirei fundo. — Não precisamos brigar. Eu não quero brigar. Fiquei puto por causa daquele idiota, mas passou.

— Isso nunca vai passar. Se tiver alguém que eu conheço lá dentro? Com quem transei? Você vai enlouquecer de novo?

Suas palavras retumbaram na minha mente e eu suspirei, querendo socar alguma coisa. Não era possível que eu precisava passar por essa merda.

— Não enlouqueci até agora vendo Luca e você no mesmo lugar, então acho que estou bem. — Abri a porta do carro e saí do veículo.



Lorena Marinho

Cansada.

Era isso. Estava exausta de tentar controlar o ciúme do Theo com meu passado.

Ele saiu do carro e eu fiquei ouvindo sua frase mais e mais. Ainda nisso? Ele ainda se martirizava com o fato de que eu já sai com seu amigo? Meu peito apertou e eu me obriguei a deter a vontade idiota de chorar que queria se apossar de mim.

Ouvi minha porta abrir e saí do carro. Theo pegou meus dedos nos seus e eu segurei sua mão com força. Não queria que se machucasse por causa das coisas que fiz. Theo era o melhor cara que eu conhecia, e eu sabia que se um dia ele me deixasse, irí amos sofrer.

Jurei a mim mesma que iria ajudá-lo a superar isso. Precisávamos disso se quiséssemos ficar juntos.

Assim que entramos, fomos levados à mesa que ele reservou. Theo me ajudou a sentar e se sentou ao meu lado. Quando o garçom veio, ele colocou água em nossos copos e perguntou se já sabí amos o que í amos pedir

— O que quer comer? — Sua voz enviou calafrios pelo meu corpo. Theo apertou minha mão e eu voltei a mim.

— Pode ser qualquer coisa. Peça — eu disse devagar enquanto ouvia o tilintar de talheres pelo espaço, a conversa alta e uma música ambiente.

Theo pediu por nós dois e logo estávamos envolvidos em nossa refeição. Comi o macarrão com molho devagar. Evitei elevar a cabeça e conversar com ele. Sabia que precisávamos de espaço.

— Theo! Cara, que bom que te encontrei — uma voz masculina ecoou.

Engoli em seco e limpei meus lábios antes de tentar pegar a taça com água, mas esbarrei nela e ouvi o som do vidro se quebrando ao cair no chão.

Meu peito queimou de vergonha, porém, assim que senti os braços dele ao meu redor, voltei a respirar com mais calma.

— Você está cega?

Pulei na cadeira quando ouvi uma voz feminina gritar.

— Jéssica, cala a boca — a voz que falou com Theo mandou autoritária.

— Desculpe... — Senti meu coração acelerar de maneira assustadora.

— Ela me molhou inteira. Que porra? Para que tem dois olhos na cara? — ela falou pouco antes de eu sentir Theo se erguer.

— Cale a boca, caralho! — ele rugiu, furioso. Eu me levantei e segurei em seu braço.

— Sinto muito por tê-la molhado, mas respondendo à sua pergunta, sim, eu estou cega. — Minha mão tremia com a vontade de estapear seu rosto.

Me afastei da cadeira e pedi a Theo para ir para casa. Ele se despediu do rapaz que se chamava Eduardo e me guiou para fora do restaurante.

— Eu quero torcer o pescoço daquela vadia! Quem ela pensa que é? — Theo abriu a porta do carro para mim e a fechou em um baque barulhento.

— Está tudo bem — Tentei acalmá-lo. Também estava com raiva e, sim, gostaria muito de dar alguns tapas na idiota, porém, eu não queria confusão.

— Não está tudo bem — ele me cortou depressa.

Procurei sua mão ao meu lado, em alguns segundos nossas palmas estavam juntas.

— Theo, de verdade, acho que eu me vi nela. Entende? Eu faria algo daquele tipo, claro, eu ficaria mal depois ao saber que a pessoa está mesmo cega, mas falaria aquelas palavras.

— Pare...

— Confesso que hoje não faria nada daquilo. Aceitaria as desculpas e pronto, mas eu era daquele jeito. E, Theo, estou envergonhada, irritada e com ódio da pessoa que eu era, não da mulher lá dentro. — Uma lágrima solitária desceu por meu rosto e alcançou meus lábios. Eu odiava quem fui. Ouvir suas palavras e me enxergar nela me fez ter nojo.

Theo capturou a lágrima ao beijar meus lábios suavemente.

— Isso é bom. Se arrepender e se envergonhar pelos erros é algo bom. Eu me orgulho de você, Lorena — ele sussurrou contra meus lábios devagar.

Meu corpo implorava para que seus lábios pudessem capturar os meus, mas ele tinha outra escolha. Um arrepio longo ultrapassou meu corpo quando senti o beijo molhado em minha orelha. Sorri ao me lembrar dos beijos no lóbulo que ganhei assim que acordei naquele hospital. Meu coração aprovou o gesto, arrisco dizer que ele consolou meu coração mais que um beijo em meus lábios consolaria.

— Você é preciosa, Medusa. — Ele continuou dando beijos em meu corpo. Da orelha, seguiu para meu pescoço e de lá para o vale entre meus seios.

Por último, nossas bocas se encontraram e minha barriga deu cambalhotas exageradas enquanto minhas palmas suadas iam para seus ombros. Senti que a sua camisa social estava com as mangas arregaçadas e os botões abertos, deixando um pouco do seu peito à mostra.

Sua língua invadiu minha boca e eu soltei gemidos, apreciando a fúria com que sua boca provava a minha. Theo era impiedoso ao me beijar.

— Você adora isso... — ele sussurrou ainda com os lábios encostados nos meus.

— O que eu adoro?

— Me deixar louco.

Eu sorri e ele perdeu o juízo novamente. Depois de mais beijos de tirar o fôlego, eu o fiz me soltar e dirigimos para sua casa.

CAPÍTULO 12

A desconfiança nunca trouxe nenhum benefício a minha vida. Isso não mudaria agora

Lorena Marinho

A respiração dele era contida e eu me forcei a escutar mais e mais enquanto encostava meu ouvido em seu peito. Theo se mexeu e abraçou minha cintura, me prendendo em seus braços.

Passei a mão pelo meu cabelo, tentando arrumá-lo. Apostava que ele estava completamente desgrenhado pelo cochilo que ambos tiramos depois de chegarmos do almoço.

Recordei a nossa briga depois de ver Camilo e engoli em seco. Será que isso ia se tornar corriqueiro? Nunca estive em um relacionamento, nenhum dos caras com quem eu fiquei me levou a sério até esse ponto. Achei que por isso estava tão abalada com esse ciúme dele com o meu passado. Tentei me colocar em seu lugar. E se fosse ele que tivesse ficado com alguma amiga minha? Ou tivesse ficado com várias garotas que frequentavam o mesmo local que eu?

Acreditava que não seria tão diferente dele.

Deslizei meus dedos por seu peito e suspirei por um longo momento. Queria poder ter certeza de que íamos conseguir passar por isso, mas não tinha, então só podia continuar ali, esperando.

Ao ouvir o celular do Theo começar a tocar, cutuquei suas costelas. Ele resmungou e escondeu sua cabeça em meu pescoço enquanto me puxava mais para seu peito.

— Theo — chamei tentando afastá-lo, porém ele nem se mexeu. Meu Deus.

O toque estridente parou, mas logo voltou a ecoar. Tateei o lado da cama e achei a mesa de cabeceira. Toquei o seu celular e o peguei. Voltei para a posição anterior e cutuquei suas costelas novamente.

— O quê!? — Sua voz grogue me fez rir.

— Estão ligando. Atenda, por favor. — Entreguei o celular em sua mão e me sentei na cama. Senti quando seu corpo retesou e o toque do celular continuou. — Theo? Acorda e atende. Pode ser importante.

— É... alô? — Sua voz saiu incerta. Voltei a deitar e fechar os olhos para lhe dar privacidade. — Não. — Ele adquiriu um tom agressivo, estranhei isso. Quem era? — Não se atreva, porra.

Coloquei a mão em suas costas quando ele gritou.

— Theo — chamei quando se ergueu da cama. — Está tudo bem?

— Não me ligue mais. — Senti quando seu celular aterrissou no colchão.

Ficamos em silêncio enquanto eu permanecia sentada na cama, sem saber se ele ainda estava ali ou tinha saído do quarto.

— Eu vou precisar sair agora. Te levarei para a casa, tudo bem? — Sua voz estava controlada e baixa. Senti sua indecisão só de ouvir suas palavras.

— Aconteceu alguma coisa? — questionei, me levantando. Eu me apoiei na cama até firmar meus pés no chão e o senti se aproximar.

— Sim, mas não quero falar sobre isso. Vamos lá. — Ele segurou minha mão e me ajudou a vestir minha roupa. Arrumei

minha camiseta e saia, e Theo se abaixou, colocando meus tênis.

— Não precisa fazer isso...

— Eu sei. Só quero ajudar...

— Você está com pressa para que eu dê o fora? — indaguei, apertando minhas mãos. E se ele estivesse esperando alguém? — Alguém está vindo aqui? É isso?

— Lorena, pelo amor de Deus, é lógico que...

— Olha... — Engoli em seco e suspirei. — Tudo bem. Deixa para lá. Me leva para casa, Gabrielle deve estar preocupada...

— Lore...

— Por favor — eu o interrompi e me afastei dele.

Theo suspirou e me guiou para a saída depois que se vestiu. Fiquei calada o caminho inteiro até o carro. Coloquei o cinto de segurança e ouvi sua porta bater fechada.

— Mais cedo avisei sua irmã que está bem, ela não está preocupada.

— O.k. Obrigada.

Fechei meus olhos enquanto relaxava no banco. Theo parecia compartilhar comigo a vontade mínima de conversar sobre quem ligou para ele. Não queria parecer a louca ciumenta, ou como ele próprio mais cedo. A questão não era nos deixar quites, isso era até estúpido de pensar. Só queria entender o que estava acontecendo com Theo para deixá-lo tão tenso e chateado.

Seu carro estacionou e eu sabia que tinha chegado à casa de Gabby. Abri a porta, não esperando por ele. Andei reto, sentindo as pedrinhas que faziam caminho até a varanda da minha irmã. Antes que eu fosse mais que um metro, senti sua mão entrelaçar à minha, porém, me soltei.

— Apressada? — Sua tentativa falha de me fazer rir me deu nos nervos, mas permaneci calada. Abri a porta e entrei, deixando-o parado. — Medusa...

— Lorena... — Gabby indagou atrás de mim e inclinei minha cabeça para baixo.

— Depois nos falamos — eu disse a Theo e fechei a porta.

Andei para meu quarto, ouvindo os passos de Gabrielle ao meu redor. Eu me sentei na cama e tirei os tênis, jogando-os pelo quarto, em seguida, escorreguei para o chão onde sabia que tinha uma tela limpa, pronta para receber pinceladas ou deslizes de dedos, no meu caso. Minha irmã fazia a mudança todos os dias, claro, depois que me perguntava se elas estavam finalizadas ou não.

— Não tenho costume de voltar para a mesma tela. Quando eu paro de pintar, ela está pronta. Isso é estranho? — Minhas palavras saíram emboladas, percebi o grande caroço em minha garganta.

Deus, Lorena, você é tão patética Quem é você? Você não chora por nada além da sua irmã. O que fez com você? Minha consciência me infernizou. Eu tinha o conhecimento de que ela estava certa. Quem diabos eu era? No que me transformei? Eu chorava por tudo, me tornava uma bagunça em segundos quando Theo fazia algo.

— Claro que não. Acho que isso faz parte da gente, sabe? Não esse seu ritual, mas ter um. Entende? A arte pode ser bem simplória para alguns, mas para a gente que a faz, ela é estranha, intensa... Sei lá, viajei um pouco.

Sorri para suas palavras. Gabby se sentou ao meu lado e eu senti sua mão acariciar meu cabelo.

— Gabby...

— Seu cabelo está enorme. Não quer cortar? É só uma pergunta, pois eu acho que está lindo.

Suas palavras fizeram flashes de ontem piscarem em minha memória. Senti Theo pegando em meu cabelo, colocando-o atrás da minha orelha. Engoli em seco e balancei a cabeça.

— Não. Eu gosto dele assim também.

Ela ficou calada por alguns segundos, mas percebi que queria falar.

— É, eu sei que não quis me contar...

— Hoje não, Gabby. Só preciso pintar e depois desço para jantar — cortei sua fala.

— Tudo bem. — O desânimo em seu tom não passou despercebido.

Depois que Gabby saiu, abri algumas tintas e coloquei um pouco de cada na paleta. Toquei na tinta com a ponta dos meus dedos e devagar comecei uma nova pintura. Essa eu sabia quem era desde o primeiro deslize. Era eu.

De olhos fechados, eu me vi em frente ao meu espelho, na minha casa, na casa que eu cresci. Eu estava arrumada, pronta para sair. Meus seios estavam quase pulando para fora, meu cabelo em ondulação grossa e meus lábios vermelhos. Tudo parecia ser normal aos olhos de qualquer pessoa, até mesmo para mim, se não fosse o meu sorriso. Cruel. Essa era a definição e eu tinha certeza de que na tela à minha frente esse era o mesmo sorriso.



DIAS DEPOIS

— Você deveria ver sua cara agora. Sério — Gabby falou enquanto eu tentava entrar em uma das minhas saias antigas. — Você parece em pânico...

— É porque estou! Não acredito, eu engordei. — Minhas palavras eram gemidos desconexos. Eu engordei quantos quilos, por Deus? A saia não passa da minha bunda. Como assim... — Meu rosto está redondo? Gabby, por que não me disse que eu estava gorda?

— Você é tão dramática. É normal engordar, você ficou um tempo em coma e emagreceu muito, está repondo o que perdeu...

— Estou ganhando extras e odeio extras — eu a interrompi, saindo da saia e jogando-a em cima da cama atrás de mim. — O que vou vestir? — perguntei, cansada.

Theo viajou depois do Natal. Ele estava chegando hoje e eu nem mesmo estava arrumada para recebê-lo. Tudo bem, a gente brigou, mas fazia uma semana que não o via... o sentia. Não podia alimentar a raiva para sempre, não é?

Olha a *Lorena Nutella*. Revirei os olhos para meus pensamentos. Agora era classificada em nutella e raiz, como esses posts idiotas do Facebook.

— Olha, eu acho que ficará linda vestindo shorts e blusa normal. Ele só quer te ver, não importa o que estará vestindo...

— Eu não ligo para o que ele quer, queria vestir a saia, pois gostava dela. — Minha frase saiu tão raivosa e minha consciência sorriu, vendo a *Lorena raiz*

— Lorena, o que houve entre vocês...

— Ele recebeu um telefonema, ficou puto e me mandou embora. Foi isso que aconteceu. Theo não me disse quem tinha ligado ou o que o deixou com tanta raiva. Ele só disse que teria que sair e veio me deixar. Está bom para você ou quer mais?

Minha irmã permaneceu calada, percebi o motivo no segundo que o cheiro dele me envolveu.

— Hum, eu... hum, mana...

— Eu sei. Nos deixe sozinhos, por favor — pedi para Gabby, que saiu do quarto sem falar nada. Eu me virei, apanhando minha saia do chão e indo para o meu guarda-roupa. Deslizei a mão pelo short e encontrei um jeans com bordados na frente e o peguei, jogando na minha cama.

— Você vai ficar só de calcinha? — Sua voz rouca me fez morder o lábio. Felizmente, estava de costas para ele, pois logo

coloquei minha máscara de frieza.

— Minhas roupas não estão mais cabendo. Acho que esse será meu visual daqui pra frente — respondi séria e me sentei na cama. — Como foi de viagem?

— Bem. — Ele arranhou sua garganta e eu franzi as sobrancelhas. — Se cubra, pelo menos. Estou longe de você há uma semana, não é como se te ver seminua não vá me fazer ficar duro.

— Ah, você está de sacanagem... — resmunguei, balançando a cabeça.

— Não, eu não estou. Sou homem, Lorena. Uma semana é tempo demais...

— Tudo bem. — Peguei o short e deslizei pelas minhas pernas, agradecendo por ele ser um número maior que o que eu vestia antes. Assim que o tecido cobriu minha bunda eu suspirei. Obrigada, Deus.

— Vem aqui — ele pediu suavemente, mas fiquei parada no meu lugar, sentada na cama.

— Venha você — mandei, cruzando os braços.

Em questão de segundos, ele estava na minha frente, com as mãos em minhas coxas, talvez de joelhos, pois estava na minha altura sentada.

— Estava com saudades, Medusa.

Suspirei ao sentir o atrito da minha pele contra o tecido do seu terno. Ele veio direto do aeroporto.

— Quero mais que isso, você sabe...

— Eu sei, mas aquilo era trabalho. Nada de mais...

— Tem certeza? Não parecia. — Fui irônica ao falar e ele percebeu isso.

— Você pensa que tenho outra? — A surpresa em sua voz me fez revirar os olhos.

— Não era ela te ligando? — Seu silêncio prolongado me fez engolir em seco e empurrar seu peito. — Acho melhor você ir, Theo...

— Porra, Lorena, o que pensa que eu sou? — questionou, pegando meus pulsos e os prendendo nas minhas costas. — Estou aqui cansado de um voo de quatro horas, mas meu primeiro pensamento desde que entrei naquele avião era te ver, Medusa. Te ver.

Fiquei calada. Por que o que eu falaria? Outra ironia? Estava cansada disso, e se fosse sincera, diria que estava com tanta saudade quanto ele.

— Acho melhor calar a boca e me beijar, Theo.

Não precisei repetir. Suas mãos soltaram meus pulsos e uma delas agarrou meu rosto enquanto a outra prendia meu cabelo. Deitei na cama com seu corpo sobre o meu quando sua boca se chocou contra a minha. Abri meus lábios, abrigando sua língua doce com gemidos de nós dois ecoando pelo quarto.

Segurei sua cabeça, querendo nos aproximar mais ainda, e deslizei meus dedos por seu pescoço e ombro. Theo puxou meu cabelo, e meu pescoço ficou à sua mercê. Beijos molhados e pequenas mordidas foram espalhados pelo meu corpo, me fazendo gemer descaradamente. Por que ele tinha que ser tão gostoso? Por qual motivo precisava ter tanto controle sobre meu corpo?

— Porra — Theo gemeu enquanto eu nos virava, ficando em cima do seu corpo. Esfreguei meu ponto dolorido e sedento de atenção em seu pau duro, arrancando mais gemidos de nós dois.

Suspirei em seus lábios enquanto mais beijos esfomeados eram protagonizados por nós dois. Ao me inclinar para um novo beijo, ouvi seu celular começar a tocar. Não sabia por que me irritou tanto, mas dentro de mim cresceu uma vontade de jogar o aparelho longe.

— Atende — mandei, irritada, e saí de cima dele.

— Inferno! — ele praguejou e logo atendeu. — Tina? Onde diabos você está? — Sua voz se elevou furiosa.

Franzi as sobrancelhas, mas em seguida o entendimento me atingiu.

A irmã do Luca. E não é que a pequena encenqueira precisava ser salva?



— O que ela está fazendo aqui? — Essa foi a primeira coisa que Valentina falou ao me ver com Theo.

O que não me surpreendeu em nada, porém, o fato de ela estar no racha em que conheci Theo e toda sua turma, sim.

— Ela é minha namorada e, no momento, estou mais preocupado com o que você está fazendo aqui. — A voz de Theo era irritada, mas tanto eu quanto Tina sentimos a apreensão nela. Ele estava preocupado.

— Precisamos conversar, posso explicar, eu juro. — Suas palavras se tornaram mais flexíveis, pude notar o toque de medo nela.

Eu me assustei quando senti uma mão em meu ombro e esbarrei em Theo. Sua mão enlaçou minha cintura e eu encarei a escuridão, mas sabendo que tinha alguém ali.

— Lorena? — A voz familiar me fez franzir a testa. — Meu Deus, você está cega?

Minha respiração travou e um sentimento envolveu meu corpo inteiro.

Nostalgia.

Bea.

CAPÍTULO 13

'O passado e o presente.
Cara a cara.'

Lorena Marinho

— Meu Deus, Bea, quanto tempo. — Sorri, puxando-a para meus braços.

Conheci Bea aqui mesmo, nesse racha. Ela fazia parte do passado que eu tentava apagar desde que Gabrielle ficou grávida. Bea me ajudou a infernizar a vida de tanta gente. Ela era tão malvada quanto a antiga Lorena, porém, eu sempre gostei dela. Ainda gostava.

— Eu sinto muito. — Sabia ao que ela se referia, então apenas assenti e dei de ombros. Minha cegueira não era motivo de vergonha, estava sim, e quanto mais tempo passava, mais começava a aceitar minha condição.

— Não tem problema. Como você está?

— Estou... estou... Você ainda está com o número antigo? — Sua voz quebrou entre as palavras e eu franzi as sobrancelhas.

— Sim, é o mesmo. Você está bem?

— Sinceramente? Não tanto, mas gostaria de conversar. — Ela suspirou e eu apertei sua mão devagar.

— Claro. Me liga e saímos.— Dei um passo em sua direção, mas a mão do Theo apertou minha cintura, me mantendo em seu peito.

— Vocês... — A frase dela morreu e eu sorri.

— Estamos namorando. Eu sei! Maluco, não? Depois te conto tudo. — Eu abracei Theo e beijei seu queixo enquanto ele me abraçava de volta.

— Bea — ele a cumprimentou enquanto sua mão acariciava a minha.

— Theo. Como vai?

— Bem, obrigado. Precisamos ir, Lore — ele me avisou e eu acenei.

Me despedi da Bea com um beijo na bochecha e fomos embora com Tina, que ficou silenciosa de repente.

— Amanhã vou na sua casa e vamos conversar — Theo avisou assim que chegamos à casa da irmã do Luca.

— Tudo bem. — Nervosa, ela respondeu, se despediu e saiu do carro.

— Que tal ir jantar comigo? — Theo questionou e eu aceitei, tentando focar na gente.

— Você deve estar cansado, não é? — Vir direto do aeroporto, lidar com uma Lorena insegura e raivosa e ainda salvar a protegida dele devia ser cansativo ao extremo.

— Um pouco. Você vai me fazer massagem quando chegarmos à minha casa. — Ele riu enquanto entrávamos no restaurante, juntos.

— Theo, não vou dormir na sua casa — avisei, mordendo meu lábio. Não queria me enfiar na vida dele assim.

— Olha, sei o que está fazendo e se fosse outro dia eu ficaria puto e aceitaria, mas não hoje. Hoje vou ficar muito puto e não concordarei. Passei dias longe e quero você comigo. Quero te ter perto. Isso não tem nada a ver com sexo. E se quiser, não fazemos

nada. Eu só preciso ficar com você. Acordar no meio da noite e poder te puxar para o meu peito. Te encontrar ali, entende? Hoje não aceito distância, Lorena. Então, por favor, não insista.

Não percebi o quanto suas palavras mexeram comigo até meus lábios estarem contra os seus. Não sabia como encontrei sua cabeça, mas foi instinto. Eu sabia que ele estava ali do lado, com a boca a centímetros de distância.

— Não mereço você. Nunca irei. Quem escreveu nossa história estava louco por escolher justo a mim para ser seu par. Sou uma bagunça, enquanto você é a mais perfeita arrumação. É gentil e atencioso, eu sou arrogante e despreocupada. Somos opostos...

— Já dizia alguém que não conheço: os opostos se atraem. — Sua voz soou risonha. Balancei a cabeça, não acreditando nesse homem. — E, porra, sou atraída do pra caralho por você.

Jantamos rindo e brincando. Theo me levou para seu apartamento e, sim, nós só dormimos. Porque, às vezes, não é sobre sexo. É sobre estar lá. Acessí vel para o outro.



Theo Medeiros

— Vocês... — Beatrice questionou para Lorena e eu
ti veontade de apertar seu pescoço. Ela ficou ouca? Que diabos
veio falar com Lorena vendo que estávamos juntos?

— Estamos namorando. — Medusa sorriu e eu engoli em
seco. — Eu sei! Maluco, não? Depois te conto tudo. — Ela se
agarrou a mim e eu senti seu beijo em meu queixo. Sob o olhar de
Bea, eu abracei Lorena e a vi desviar o olhar.

— Bea — cumprimentei vendo seu olhar seguir minha mão
pela pele da Lorena. Por que ela parecia estar tão doente?

— Theo. Como vai? — Sua voz tinha uma pitada de
sarcasmo, mas apenas eu peguei isso. Valente nesta vida ocupada
demais olhando para seus pés, e Lorena... bem, não podia ver.

— Bem, obrigado. Preciso sair. — eu disse e firmei
segurei sua mão. Lorena se soltou e abraçou Beatrice, se
despedindo. E Bea apenas me encarava. Antes que afastasse, o
sorriso em seu rosto fez minha barriga se contorcer.

Beatrice enganava a todos, menos a mim, por isso a máscara
caiu.

Apertei meus olhos tentando em vão dormir. Encarei o rosto
pacífico de Lorena e suspirei, beijando sua têmpora. Puxei-a para
meu peito e fechei os olhos, enfim encontrando o sono.



Lorena Marinho

No dia seguinte, Theo fez questão de me deixar, mesmo Gabby dizendo que poderia vir até aqui. O burburinho por isso era que os pais dele queriam que o filho fosse passar o dia na casa deles. Segundo eles, se Theo quisesse me levar para lá mais tarde, poderia sem problema. Não achei que o convite tivesse sido de boa-fé. Eles queriam mesmo era o filho junto deles, e eu não os culpava. Theo estava ao meu redor desde o acidente.

Assim que acordei, pedi para vir para casa. Amanhã seria Ano Novo e eu precisava me arrumar para a virada. Não que eu precisasse de um dia inteiro, longe disso, mas Gabrielle queria ir ao salão enquanto sua cunhada e o avô dos seus filhos e Kieran ficavam com os meninos.

— Lorena!

— Estou indo — resmunguei ao ouvi-la me chamar de novo. Ouvi os pingos de chuva cair no telhado e me perguntei como minha irmã queria sair numa chuva dessas.

Tateei o lado das minhas bolsas no guarda-roupa e achei uma pequena com franjas. Saí do quarto devagar e sorri quando senti Nico em minhas pernas.

— Ei, meu príncipe! Para onde vai com tanta pressa? — perguntei, pegando-o em meus braços.

Abri meus olhos e pisquei diversas vezes quando uma imagem desfocada surgiu à minha frente. Cabelo escuro, corpo pequeno, mas gorducho, e olhos grandes... Eu me ajoelhei com Nico em meus braços e me sentei no chão.

— Não sou *príncipe* Nore. Sou um *soldado*. — Vi sua boca se mexer, mas não com nitidez. Como isso aconteceu de repente?

— Gabby! — gritei, puxando meu sobrinho para meus braços. Nico riu, porém logo esperneou, querendo fugir.

Soltei seu corpo ainda de olhos arregalados e soluzei quando Gabrielle surgiu no meio da sala. Seu corpo curvilíneo, seu cabelo novamente cor-de-rosa, tudo na minha frente, porém, como se eu

estivesse dentro de um carro no meio de uma chuva torrencial com nuvens cinzentas. As janelas embaçadas, borrando tudo que via.

— O que... Oh, meu Deus! Kieran! — ela esbravejou, se ajoelhando na minha frente.

Eu abri mais meus olhos, tentando fazer o foco surgir, mas não aparecia.

— Ai, meu Deus. Gabby, eu estou te vendo. — Deslizei as mãos por seus cabelo e abracei seu corpo sem conseguir fechar os olhos. — Estou com medo. Estou sonhando, não é? — Solucei em seus braços enquanto via a sala dela à minha frente, ainda desfocada.

O sofá bege estava logo à frente, a mesa de centro com um jarro de flor artificial e os tapetes felpudos. Brinquedos do Nico e Luca espalhados pelo chão e Luca bem ali, no seu carrinho.

— Não está. Não está, mana. — Ela me puxou, me erguendo.

Andei até Lucano carrinho enquanto olhava para os lados da casa. Era tão grande, tão acolhedora.

— Luca — murmurei, levando a mão aos meus lábios. Seu rosto era alongado como o do seu pai. Olhei para Gabby, que fez careta. — Nenhum vai se parecer com você? — perguntei rindo e me virei para seu filho mais novo. — Sou eu, Titia Nore — me apresentei enquanto tocava sua bochecha gorda.

— O que aconteceu? — Kieran falou atrás de mim e eu me virei, vendo-o de pé, vestido todo de preto.

— Algumas coisas não mudam, não é mesmo? — eu disse, rindo.

Sua boca abriu quando ele percebeu que eu estava olhando sem nenhuma confusão. O desfoque ainda estava ali, mas só de ver isso, as formas deles, bastou para fazer tudo ser melhor. Bastou para que eu sorrisse com mais facilidade e felicidade.

— Lorena. — Emocionado, ele riu e me abraçou.

Meu queixo tremeu e eu senti lágrimas grossas encherem meus olhos.

— Eu estou enxergando. Eu estou — afirmei diversas vezes enquanto os dois me abraçavam.

Solucei nos braços de Gabby, olhando pela janela enquanto meu mundo preto, escuro e sem cor, se desvaneceu e me presenteou com todas as cores do arco-íris que apareceu pela janela.

— Precisamos levá-la ao hospital — Kieran lembrou a Gabby. Ela acenou se afastando no mesmo momento em que a porta foi aberta e a irmã e pai do meu cunhado apareceram.

Esperiei os dois no carro, sorrindo enquanto observava o painel à minha frente. Vi os brinquedos e as cadeirinhas dos meninos ao meu lado e suspirei. Peguei o celular em meu bolso e engoli em seco, pensando em Theo. Fiquei indecisa sobre contar ou não a ele, mas optei por esperar até estar no hospital. Queria fazer surpresa. Sabia que ele ia gostar.

— Ligou para o Theo? — Kieran perguntou ao lado da Gabby quando já estávamos perto do hospital.

— Não, eu quero fazer surpresa mais tarde — expliquei eufórica. Ele olhou para a minha irmã, ficando sério. — O que foi?

— Sua ideia é ótima. Ele ficará muito feliz — Gabrielle respondeu, porém, Kieran virou o rosto. Ele, com certeza, não compartilhava dessa opinião.

— Kieran?

— Se eu fosse ele, gostaria de saber logo. Gostaria de estar com você no hospital.

— Ela está bem — minha irmã balançou a mão em desdém —, a visão está voltando. O médico disse que essa mudança era parte do processo de cura. Se quer fazer surpresa, não vejo problema. Ele ficará feliz do mesmo modo. O importante é que está bem.

As palavras dos dois retumbaram em minha mente. Será mesmo? Não tive tempo de optar pelo plano do Kieran, pois chegamos ao hospital. Fui levada até meu médico e ele sorriu animado quando contei que estava vendo um pouco embaçado.

— Vamos fazer alguns procedimentos e exames. Esse é um passo importante e foi maravilhoso, Lorena — ele informou baixo enquanto me sentava em seu consultório. — Você é sortuda, pois eu perdi meu voo para passar a virada com meus familiares. Então, sem ter o que fazer, vim trabalhar

— Sinto muito por isso, mas em algum lugar aqui dentro, eu também estou grata. Desculpe.

Eles riram e o médico me mandou para a sala de exames. Depois de algumas horas, finalmente estava em meu quarto.

— Bom, Lorena, cá estamos nós — doutor Flávio brincou, sentando-se em uma cadeira ao lado da minha cama. — Quando se acidentou, eu já até expliquei isso, mas faço questão de frisar novamente, você sofreu uma pancada forte que acarretou uma pequena lesão no seu lóbulo occipital. Essa é a parte do nosso cérebro que coordena nossa visão. Por causa da lesão, você ficou sem enxergar durante esse período. Também te falei que seria algo temporário, mas que eu não poderia dar um prazo. Felizmente, o seu prazo se encerrou.

Doutor Flávio ajustou seus óculos sobre o nariz e sorriu.

— Você está vendo embaçado, borrado ou o que quiser chamar, pois ficou bastante tempo sem ter domínio sobre a visão, então estou indicando que tenha mais um pouco de calma. Vamos nos ver semana que vem.

Flávio continuou sua fala dizendo o quanto a volta súbita da visão era maravilhosa e que eu deveria festejar o Ano Novo com minha família.

Saí do hospital e fui com Gabrielle diretamente para o salão. Sorri ao ver a árvore de Natal que ainda não foi retirada da praça de alimentação. Minha irmã pegou minha mão e nos guiou até o salão.

Como marcamos horário para manhã, estávamos atrasadas, porém, Gabrielle conversou com o dono e puderam nos encaixar.

Depois de uma hora, Gabby e eu estávamos em casa. Meu celular começou a tocar assim que saí do banho. Meus dedos tremeram quando percebi o formato do nome de Theo na tela.

— Oi...

— Liguei várias vezes durante o dia e você não me atendeu. Quero dizer, ninguém me atendeu. Gabrielle, Kieran... — Suas palavras saíram emboladas, percebi sua preocupação. Não fiquei com meu celular, Gabby e Kieran com certeza não atenderam para não ter que mentir para ele.

— Desculpe. Deixei o celular em casa — expliquei incerta enquanto arrumava meu vestido em cima da cama. Seu comprimento não era lá tão curto, porém, também não era longo como o do Natal. O tecido branco era macio e se encaixava em meu corpo perfeitamente. A renda branca por cima do forro macio o deixava com ar sofisticado que apreciei bastante. O decote era um pouco grande, mas as mangas até os pulsos o deixavam mais comportado.

— Tudo bem. — Ele suspirou e eu ouvi barulhos ao fundo. — Posso te buscar que horas? — Ele mudou de assunto.

— Estou me arrumando. Que tal daqui a uma hora? — indiquei enquanto ainda segurava o vestido em meus dedos.

— Ótimo. — Sua voz morreu. Estranhei seu silêncio prolongado. — Tem certeza de que quer fazer isso? — Mordi meu lábio ao escutar suas palavras.

— Sim, mas você tem? — inquiri, olhando para minhas unhas pintadas com um esmalte claro.

— Só não quero que faça algo que não quer. Não quero que faça isso porque quer agradar minha mãe. Podemos sair só nós dois...

— É isso que você não entende. Não é sobre querer ou não. Isso é sobre sua família ter quase te perdido, Theo. Saber do seu

acidente criou pensamentos de que poderia não estar com eles nas festividades. E isso é desolador. — Suspirei e fechei meus olhos, tentando me acalmar. — Eles pensaram que não te teriam hoje, mas você está aqui, então podemos sim ficar com eles e mostrar que nada mudou. Você sempre estará com eles.

Seu silêncio permaneceu por vários segundos e, quando pensei que a chamada tinha caído, ouvi sua respiração.

— Eu... não tinha pensado nisso — confessou baixinho.

Me peguei desejando estar com ele nesse momento. Theo parecia mesmo confuso, e até angustiado.

— Estarei te esperando daqui a uma hora completamente deslumbrante. — *E enxergando*. Quase completei, mas isso estragaria a surpresa, então apenas brinquei.

— Você sempre está, Medusa.

Desliguei assim que nos despedimos e corri para me arrumar.

CAPÍTULO 14

"Amava suas curvas e a maneira fácil
que eu me perdia nelas."

Theo Medeiros

Guardei o celular no bolso e me virei, vendo minha mãe parada ali. Ao ver seu sorriso pequeno eu suspirei, indo até ela e a abraçando. Ela parecia surpresa, porém logo envolveu meu corpo também.

— Ei! Não me diga que sua namorada não quer vir para cá.
— Minha mãe se afastou, fazendo uma careta de desagrado.

— Não. Ela me disse que, palavras dela, no dia do acidente vocês tiveram pensamentos sobre eu não poder estar aqui hoje, e o quanto minha presença apaziguaria esse medo.

Minha mãe arregalou os olhos e colocou a mão sobre seus lábios. Suas unhas estavam pintadas, o cabelo, impecável, e as roupas eram as mais belas e elegantes.

— Oh, querido, desculpe — ela disse enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas. — É completamente verdadeiro o que ela falou.

— Eu sei. Me desculpe. — Beijeii sua testa para transmitir meus sentimentos.

— Que bonito. — Meu pai riu, entrando na sala.

— Você é o único bonito hoje, querido — mamãe brincou enquanto passava por ele. Sua bermuda era simples e a camisa branca estava suja de carvão. Ele resolveu fazer churrasco. — Vá tomar banho. A namorada do Theo vem nos conhecer hoje. — Ela saiu da sala e eu vi a sua careta

— Ela pensa que manda em mim. — Riu e deu de ombros enquanto dava mais um gole na cerveja do seu copo.

— Agora, Carlos! — Minha mãe gritou, fazendo-o se assustar e ir em direção à escada.

— Estou indo, caramba! — reclamou e eu arqueei a sobrancelha em ironia. — Não tem muito o que fazer, logo saberá disso. Elas mandam em tudo.

Gargalhei da sua cara e ele terminou de subir a escada. Andei até a varanda da casa enorme e vi Ricardo em frente a uma loira alta. Devia ser sua namorada.

Voltei para o meu antigo quarto e me arrumei. A bermuda e a blusa de botões eram brancas, meu chinelo era marrom e parecia ser de couro. Subi as mangas da blusa e fechei apenas três botões no meio. Arrumei meu cabelo e sorri. Isso devia bastar

— Estou indo buscar minha mulher! — gritei quando estava na sala, pegando as chaves do meu carro de cima da mesa de centro.

— Já vai tarde! — Ricardo gritou, colocando a garota em seu colo quando passei por ele.

— Morrendo de rir. Pare de beber ou não vai nem ver o ano entrar — brinquei, levantando as sobrancelhas.

Ele me mandou dar a bunda e eu gargalhei. Ainda era difícil acreditar que eu estava tão feliz. Minha família e Lorena comigo, tudo estava como deveria.

Assim que cheguei à casa da Lorena, Gabrielle abriu a porta. Ela estava arrumada, e os meninos também. Kieran apareceu logo atrás e me deu tapinhas nas costas, saindo da casa com Luca, o filho mais novo, em seus braços.

— Ela está no quarto. Estamos atrasados, então entre. — Gabby saiu também, segurando a mão de Nico, que estava bem maior que da última vez que o vi.

— Claro, obrigado. Boa virada para vocês. — Sorri e fechei a porta.

Caminhei para o quarto de Lorena e suspirei quando a porta dela se abriu e ela apareceu. Suas pernas estavam nuas, e seu vestido tinha um decote um pouco revelador. Seu cabelo estava liso e alinhado.

— Deslumbrante é pouco — falei suavemente quando ela ouviu meus passos.

— Obrigada. — Seus olhos foram para o chão e em um segundo se elevaram não mais confusos, não mais procurando minha voz ou meu rosto. Ela me encarou como se pudesse me enxergar. O ar foi roubado de mim quando percebi, pelo olhar certo e brilhante, que ela me via.

— Lorena? — Seu nome saiu sussurrado, tão baixo.

Ela sorriu, colocando o cabelo atrás da orelha. As pontas batiam logo acima da sua cintura.

— Você também está deslumbrante — ela disse e seus olhos deslizaram pela minha roupa.

Caralho.

— Você está me vendo, bebê? — questionei, puxando sua cintura.

Sua boca se abriu um pouco e tive vontade de retirar o batom escuro dos seus lábios.

— Sim. — Seu queixo tremeu e eu olhei para seus olhos atentos, vivos. — E eu posso dizer, com certeza, que você é a melhor visão que já tive — ela afirmou enquanto eu levava minha mão para seu pescoço e prendia seu cabelo sedoso.

— Meu Deus — falei baixo segundos antes de me inclinar e beijar seus lábios com desespero. Sua língua deslizou por minha

boca e ambos gememos enquanto provávamos o gosto um do outro. — Não acredito nisso — murmurei rindo, quando me afastei.

Seus lábios estavam um pouco borrados, porém, muito menos do que imaginei que estariam. Minha medusa se colocou na ponta dos saltos para me dar um selinho.

— Foi tão de repente, Theo. Passei o dia fazendo exames e não conseguia parar de pensar nesse momento. Em poder te ver de novo. Você é tão lindo, tão elegante e metido. Eu tenho sorte — ela disse tão rápido que me surpreendi por entender.

— Você que é linda. Porra, não quero sair daqui. Minto, quero sim, quero ir ao meu apartamento e ficar lá apenas olhando para você. Tirar esse vestido e te sentir.

— Eu também, mas precisamos ir para sua casa, lembra? — Suas mãos tocaram meu rosto e eu suspirei, acenando.

— Tudo bem.



Ajudei Lorena a descer do carro e segurei sua mão enquanto ela encarava a casa dos meus pais. A mansão que meu pai deu de presente à minha mãe quando se casaram era intimidante, mas eu fui feliz aqui. Meus pais se amavam, e esse amor refletiu na criação dos filhos. Ricardo e eu éramos sortudos.

— Eu sei — resmunguei, vendo Lorena engolir em seco.

— Minha casa era grande, mas essa é o dobro. — Ela riu e eu abracei seus ombros, enquanto cheirava seu cabelo.

— Um mimo do meu pai para minha mãe — respondi irônico e ela beijou meu queixo.

— Um mimo, não é?

Andamos para a casa e sorri ao ver outros familiares. Procurei minha mãe pelo emaranhado de gente e a encontrei com a mãe de Lorena, Soraia.

— Mãe — chamei e parei longe das duas. Não queria que se conhecessem na frente dos outros.

Ela olhou em minha direção e sorriu iluminada ao ver Lorena. Soraia também se virou e seus olhos percorreram Lorena, como se estivesse a inspecionando. Eu não gostei disso. Vários dos rostos da festa nos olharam também, e eu peguei o olhar de todos para minha Medusa.

Entrelacei meus dedos nos de Lorena e seus lábios se estenderam em um sorriso. Ficar ao seu lado, dentre todas essas pessoas, me acalmava. Conhecia os rostos que olhavam para ela com curiosidade, mas nenhum deles fez com que eu relaxasse por completo.

— Lorena, é um prazer finalmente conhecê-la. Sou Dafne, mãe do Theo. — Mamãe sorriu.

Os olhos da Lore se arregalaram quando ela foi envolvida em um abraço.

— Dafne, o prazer é meu. Obrigada pelo convite — ela agradeceu, voltando para o meu lado e apertando meus dedos.

— Você é namorada do meu filho. Já é quase da família. — Minha mãe sorriu e eu me inclinei, beijando seu cabelo.

— Relaxe e curta a noite. Depois voltarei para conversarmos mais.

Vi Lorena acenar e minha mãe sumir entre os convidados. Abracei a cintura da Lore e me inclinei para beijar seus lábios. Tentei aprofundar o beijo, mas Lorena se afastou.

— Não aqui. — Ela suspirou e eu encarei seu rosto. — Quero conhecer seu quarto, seu antigo quarto, quero dizer...

— Lorena, você quer transar sob o teto dos meus pais? — questionei brincando enquanto mordida sua orelha.

— Aham. — Sua resposta com um gemido me fez ficar duro instantaneamente. — Não sou uma puritana. A ideia de transar aqui me agrada.

Sua voz sexy me fez gemer. Segurei sua mão e a puxei em direção à entrada da casa dos meus pais. Ouvei sua risada e apressei mais ainda meus passos.

— Ei, *St arboy!* Calma aí ! Estou de salto. — Ela riu.

Suspirei assim que começamos a subir os degraus que davam acesso aos quartos da casa.

Assim que fechei a minha porta, Lorena estava em cima de mim. Suas mãos trabalhavam nos botões da minha camisa, enquanto eu deslizava o zíper do seu vestido. O tecido deslizou pelo seu corpo, deixando-a nua. Abri e fechei minha boca incontáveis vezes quando vi que ela estava completamente nua. Nenhuma calcinha.

— Nossa! — Encarei seus olhos determinados. Ela saiu do vestido, ainda com seus saltos. — Você estava sem calcinha esse tempo todo — murmurei, engolindo em seco.

— O vestido pedia. — Ela sorriu, se aproximando e desabotoando o último botão da minha blusa, tirando-a de mim em seguida.

Lorena se afastou até a parte de trás dos seus joelhos baterem na cama. Ela se sentou e eu apertei minha bermuda. Lorena conseguia ser sensual até sorrindo, mas agora... porra, ela parecia uma deusa.

Eu me aproximei já tirando a bermuda e a cueca. Inclinei-me sobre seu corpo e, faminto, beijei seus lábios. Lorena gemeu quando deslizei pela sua pele em direção aos seus seios. Eram naturais, mas tão grandes. Suas aréolas eram rosadas e os bicos, endurecidos. Deslizei um deles por meus lábios e sorri, ouvindo seus gemidos e sentindo suas unhas arranharem meus ombros.

— Theo... — Ela abafou um grito quando mordeu seu seio.

— São tão grandes. — Apreciei, parecendo a porra de um adolescente.

— Pare de me torturar — ela sibilou, se afastando e me empurrando para o colchão. Lorena se sentou em cima de mim com

uma perna de cada lado do meu corpo enquanto sua mão pequena
guiava meu membro até sua entrada.

Loirena Marinho

Eu me inclinei, beijando seu peito e o sentindo me invadir rápido e forte. Seus olhos se fixaram em meu rosto enquanto eu descia e subia, me apoiando em seu peito largo e forte. Lágrimas grossas começaram a se formar em meus olhos enquanto sentia a intensidade do seu olhar. Paixão, cuidado, amor... tudo misturado.

Suas mãos que guiavam minha cintura vieram para meu rosto e gentilmente ele limpou as lágrimas fujonas.

— Você é minha, Lorena — ele afirmou, me encarando.

Eu acenei, certa de que essa era a coisa mais verdadeira que escutei hoje. Eu era dele. Acho que sempre fui, só não estava enxergando isso.

— Você é meu, Theo — sentenciei assim que senti espasmos se alastrarem pelo meu corpo.

Encontrei libertação e tremi sobre o peito dele enquanto gemidos de nós dois soavam pelo quarto. Theo me acompanhou e logo caí sobre seu peito. Suas mãos ergueram minha cabeça, e quando nossos olhos se encontraram, ele se inclinou e beijou minha boca com fome.

— Você me salvou — eu disse emocionada enquanto ainda estávamos conectados, comigo ainda sobre seu peito. — Você me salvou, Theo.

— Nós nos salvamos, Lorena.



— Você é mais bonito do que merece — falei enquanto o observava pegar algo do chão, talvez roupas, pensei quando ele começou a se vestir.

— É mesmo? — Ele sorriu e eu suspirei ao ver que acabei de me apaixonar mais um pouco. — Você é a melhor visão que já tive,

sabia? Meu maior sonho. — Suas palavras me fizeram sorrir. Segurei o lençol, pronta para me levantar e me vestir para que pudéssemos sair do quarto e voltar à festa, porém, Theo se aproximou e puxou o pano, me deixando nua novamente.

— Você faz ideia do quanto é linda? — ele questionou, ficando sobre meu corpo. Sua boca pegou um dos meus mamilos e ele começou a chupar.

— T-Theo..

— Quinze minutos e pronto.

Engoli em seco, mas acabei acenando.

E ele mentiu, passamos mais meia hora no quarto.

E quando saímos, ninguém pareceu perceber nossa ausência. Conheci seu pai e irmão, e logo depois conversei mais com sua mãe. O Ano Novo foi mais legal do que imaginei que seria.

CAPÍTULO 15

"Mais que renovar, eu precisava me refazer."

Lorena Marinho

TRÊS SEMANAS DEPOIS

Coloquei a última caixa dentro do carro e me virei, vendo Gabriele de braços cruzados mordendo seu lábio inferior. Eu me aproximei sorrindo e abri meus braços. Gabby correu até mim como uma garotinha indefesa e eu engoli em seco, vendo flashes dela pequena brincando comigo.

A visão retornou por completo devagar, como o doutor falou que seria, e quando tudo começou a ficar nítido, foi como se eu estivesse renascendo. A nova Lorena surgiu e parecia justo trilhar meu caminho.

— Você não precisa fazer isso — Gabby disse contra meu pescoço antes de nos afastarmos.

— Eu sei. Porém você está casada, tem seus filhos... não acho legal ficar atrapalhando. Por favor, entenda. — Sorri devagar e ela acenou, enquanto enxugava seu rosto.

— Me ligue quando chegar, o.k.?

— Com certeza — afirmei, andando de costas até meu carro.

— Eu te amo — Gabby falou piscando, querendo impedir que mais lágrimas se formassem.

— Eu também te amo...

— Nico, Luca e Kieran também. Todos amamos você! — ela se apressou em falar. Então me lembrei do dia em que eu falei que apenas ela me amava. Peguei as lágrimas quase derramadas e enxuguei, não querendo começar a chorar.

— Eu sei e sou sortuda por isso. — Pisquei e soltei um beijo para ela antes de entrar em meu carro e dar partida.

Olhei pelo retrovisor e a vi ainda parada. Meu coração acelerou e eu senti um medo desconhecido se propagar pela minha barriga. Não queria ficar sozinha.



Assim que cheguei ao meu antigo apartamento, liguei para Gabby e avisei que estava em casa. Levei todas as minhas coisas para cima e suspirei, me afundando no sofá quando vi as caixas se amontoarem pela sala minúscula.

Meu celular tocou e eu imaginei que fosse Gabby ligando novamente, porém, me surpreendi ao ver que não era ela, mas, sim, um número desconhecido.

— Hum... oi. — Atendi a chamada enquanto me levantava e seguia para a cozinha.

— Oi, sou eu, a Bea. — A voz dela tremeu.

— Ei! Tudo bem? Demorou para ligar — constatei, sabendo que fazia um tempo que tínhamos nos visto.

— Realmente... — Ela deixou a frase no ar por alguns segundos. Olhei para a tela e vi que a ligação não tinha caído. — Só não queria te incomodar — Bea sussurrou, por pouco eu não entendi o que falou.

— Está tudo bem? Se quiser conversar...

— Eu... na verdade, quero... — Sua voz morreu antes de eu ouvir sua respiração longa. — Podemos nos encontrar agora?

A pergunta repentina me surpreendeu. Virei e olhei para a sala, dando de ombros. Depois arrumava essa bagunça.

— Claro. Podemos ir àquele café que você trabalhava...

— Era uma lanchonete, e sim, podemos ir.

Desliguei o celular depois que nos despedimos. Saí de casa assim que peguei minha bolsa e a chave do carro. Demorou um pouco até chegar lá, porém, Bea não estava em lugar algum do estabelecimento.

Apertei a alça da bolsa sobre meu ombro e deslizei a mão pelo jeans da calça enquanto andava até uma das mesas. Uma garçonete se aproximou mascarando um chiclete de boca aberta e eu fiz careta ao olhar para seus dentes.

— O que vai querer?

— Uma lata de Coca-Cola — respondi enquanto pegava o celular na minha bolsa.

— Acho melhor você guardar isso daí! Roubos estão acontecendo aqui com muita frequência — ela aconselhou. Franzi a sobrancelha, analisando seu rosto. — É só um aviso.

Ela foi embora e eu guardei o aparelho na bolsa. A porta da frente abriu e eu vi Bea entrar, com a roupa suja e cabelo tão oleoso quanto um pastel de feira. Eu me assustei com sua visão. Beatrice sempre foi tão cuidadosa consigo. Não a imaginaria assim nem em um milhão de anos.

— Bea. — Tentei sorrir, porém, não tive tanto sucesso. — O que aconteceu?

— Você... — Seus olhos se arregalaram, olhando para mim. — Está enxergando novamente?

— Era uma cegueira temporária. Sofri um acidente — expliquei por cima e aponte para a cadeira, pedindo que se sentasse.

A garçonete voltou e colocou a Coca-Cola à minha frente. Bea olhou para a minha bebida e eu enxerguei o desejo refletido.

— Mais alguma coisa?

— Outra bebida e uma porção de batata frita.

Bea abraçou uma mochila surrada enquanto a garçonete saía.

— O que aconteceu com você?

— Posso dizer que estou perdida. — Bea sorriu, mas seu sorriso era tão triste que eu senti pena.

— Como assim? — questionei, confusa.

— Depois que aconteceu merda demais na minha vida, eu perdi tudo. Apartamento, minha família... tudo. Agora estou sozinha e doente...

— Você está sozinha? Como assim doente?

— Estou com câncer no pulmão. — Ela suspirou e prendeu o cabelo sujo em um coque. — Moro na rua agora. Minha vida virou um verdadeiro inferno. — Sua voz era amarga, infeliz.

Eu franzi as sobrancelhas, sentindo meu coração doer por ela.

— Na rua?

— Sim, ruas abaixo dessa é onde me escondo — ela falou isso com naturalidade.

Eu me peguei pensando no que acarretou tudo isso.

— Eu me mudei hoje. Estou morando sozinha novamente — expliquei suavemente. — Estava morando com Gabrielle, minha irmã. Porém, como minha visão voltou e estou bem, decidi morar sozinha... então, se quiser, pode ficar um tempo lá em casa.

— Sério? — Seus olhos tinham um tom de esperança. — Lorena, muito obrigada.

— Mas e sua doença? Você já está fazendo tratamento?

— Sim, mas não precisamos falar disso. — Ela parou de murmurar assim que a garçonete voltou.

Dei as batatas e o refrigerante para a Bea e pedi mais dois sanduíches.

Meu celular tocou assim que Bea terminou de comer e eu a chamei para irmos. O nome do Theo piscou na tela, porém, guardei o celular. Falaria com ele mais tarde. Bea precisava de mim agora.

— Hum... e o Theo? Estão juntos mesmo?

Eu me virei para Bea quando entramos no carro.

— Sim. — Sorri com a menção ao nome dele. — Ele é tudo para mim, sabe?

— Sei, sim.

— Theo sempre esteve ali, na minha frente, mas eu nunca enxerguei. Deus, como era idiota — resmunguei rindo e Bea me acompanhou.

Quando chegamos à minha casa, procurei cobertores e um travesseiro e coloquei no sofá para Bea enquanto ela tomava banho. Peguei meu celular para ligar para Theo, mas bateram à porta no mesmo instante. Empurrei a maçaneta para baixo e lá estava ele. Terno, gravata e um monte de músculos.

— Ei! — Sorri, me jogando nos braços dele.

Theo sorriu e cheirou meu cabelo enquanto me segurava pela bunda.

— Medusa, como foi seu dia de mudança? — questionou com a voz rouca.

Beije seu pescoço, queixo e subi para sua boca.

— Maravilhoso. — Chupei os seus lábios e ele gemeu, me colocando contra a porta.

Sua língua correu pela minha boca e eu suspirei quando ele esfregou seu pau mágico no meio das minhas pernas. Eu me

assustei, lembrando-me de Bea quando a porta do banheiro foi aberta. Empurrei o peito do Theo e desci para o chão.

— Mas que porra é essa? — ele gritou, me fazendo pular quando viu Bea parada bem ali na frente. Franzi as sobrancelhas ao vê-la dentro de uma das camisas dele. — O que está fazendo com minha camisa? Lorena!

— Desculpe... Minhas roupas estão sujas... eu só peguei a primeira coisa que vi... — ela murmurou.

Balancei a cabeça, espantando o descontentamento.

— Tudo bem. Só não pegue novamente. Quando quiser algo, me peça — falei séria, ainda que eu entendesse. Ver outra pessoa com as camisas dele fez meu estômago vibrar com ciúme.

— Lorena, quarto, agora! — Theo gritou e passou pela Bea com passadas firmes.

— Desculpe, eu vou lá. Deixei travesseiros e lençóis para você no sofá. Se quiser comer algo, tem na geladeira, minha irmã deixou várias coisas aqui ontem antes de eu me mudar...

Fui para o quarto e tranquei a porta nas minhas costas. Me virei para Theo e me surpreendi ao vê-lo andando de um lado para o outro.

— O que ela está fazendo aqui? — ele questionou alto e firme. Seus olhos estavam escuros, Theo exalava ódio.

— Ela está passando por problemas...

— E você a trouxe para cá?

— Ela estava morando na rua... eu não vou deixá-la ficar sem um teto quando tenho espaço aqui...

— Bea não presta! Nunca prestou! Como você a traz para dentro de casa? — ele gritou ainda mais alto para Beatrice escutar.

— Theo, eu sei as coisas que ela fez, sei que não é a melhor pessoa do mundo, mas Bea é minha amiga...

— Ela não é sua amiga! — Ele esfregou o rosto e se sentou na cama, respirando fundo diversas vezes. — Olha para Alícia, Lorena, essa Bea quase fez com que ela nunca perdoasse Luca. Ela fez um inferno da vida dos dois. Se passou por amiga da Lili...

— Eu também fiz isso... não amiga, mas as outras...

— Você é diferente! Sabe disso...

— Ela amava o Luca...

— Beatrice não ama ninguém!

— Theo, ela vai ficar e isso não está em discussão — decidi de maneira firme e cruzei meus braços.

Ele se ergueu e andou até mim. Theo colocou as mãos na porta, me prendendo no meio dos seus braços, e se inclinou para mim. Seus lábios a centímetros dos meus me fizeram querer me inclinar também e beijá-lo.

— Então eu não preciso mais ficar aqui. — Seus olhos queimaram.

O que ele queria dizer?

— Theo...

Ele segurou meus ombros para me tirar da sua frente, mas eu peguei a chave da porta e fui para perto da cama.

— Lorena, abre a porra da porta! — ele gritou, tremendo.

Balancei a cabeça. Seus olhos brilhavam com uma raiva que eu desconhecia.

— O que quer dizer com eu não preciso mais ficar aqui? — perguntei, sentindo minha barriga gelar. Se ele estivesse me deixando...

— Entenda como quiser. Enquanto ela estiver aqui, eu não venho à sua casa. Juror Deus, Lorena. — Sua fala controlada me fez me aproximar dele.

— Não faça isso com a gente. Eu só quero ajudá-la...

— Ajude, mas não espere que eu esteja aqui.

Ele tomou a chave da minha mão e abriu a porta. Theo saiu do quarto sem nem mesmo olhar para trás. Eu senti lágrimas descerem por meu rosto, mas as limpei rapidamente. Saí do quarto e fui até Bea. Ela estava deitada no sofá, assistindo a um programa na TV.

— Eu... — ela começou, porém, levantei minha mão pedindo que parasse.

— Estou indo dormir, então nos vemos amanhã — eu disse e tentei sorrir, porém, não tive sucesso. Voltei para meu quarto e tranquei a porta. Liguei a tevê e me deitei, mas nada fez a vontade de chorar passar. Eu preendi, sufoquei, mas não adiantou. O choro veio com soluços e eu me enrolei, tentando fazer a dor passar.

Nunca o tinha visto com tanta raiva e tão convicto. Bea fez mal, sim, mas como ele queria que eu a deixasse na rua? Ela estava doente, pelo amor de Deus!

Eu me ergui da cama e peguei um dos meus pijamas surrados e fui para a sala. Bea me olhou quando entrei e eu joguei o conjunto em cima dela.

— Só troca, *tã*? Não quero parecer doida, mas... só troca, por favor — pedi.

Ela se levantou rapidamente acenando e foi para o banheiro se trocar. Peguei a blusa dele das suas mãos quando ela saiu e agradei, voltando para meu quarto em seguida.

Joguei a blusa entre as outras dele na minha caixa de roupas e peguei outra, levando-a comigo para a cama. Ainda não eram nem oito da noite, por isso peguei meu celular. Seu número estava ali brincando comigo, me desafiando a ligar para ele. Mas para quê?

Joguei o celular do meu lado e me forcei a dormir



Bebi café sentada à mesa, esperando Bea sair do banheiro. Minha cabeça doí a e eu sabia que as olheiras imensas em meu rosto denunciavam a minha noite de merda.

— Bom dia — ela murmurou e eu acenei sorrindo.

Coloquei o café sobre a mesa e preendi meu cabelo em um rabo de cavalo. Vesti leggings e um top para que eu pudesse deixar minha casa em ordem.

— Vou precisar sair daqui a pouco. Tenho que ir ao médico — Bea avisou.

Eu acenei, pegando um pão e passando manteiga.

— Tudo bem.

— Lorena, sobre ontem...

— De verdade, não se preocupe. — Ergui meus olhos e dei de ombros. — Meu homem é difícil, sabe? — Me peguei questionando se ele ainda era *meu*.

— E de verdade, eu entendo. Eu fiz muita merda com a Alícia...ele sempre foi meio louco por ela, então... — Sua frase ficou no ar enquanto mordida o pão.

— Meio louco por ela? Como assim? — A semente do mal se instalou em mim e Bea arregalou os olhos, percebendo o que falou.

— Eu falei besteira...

— Não. Explica aí !

— Ele só meio que gostava dela. Eu percebia, sabe? Ela nunca me disse nada de fato...

— Que estranho... — murmurei, querendo parecer desinteressada.

— Enfim, preciso ir, tá?

Bea saiu em seguida e eu balancei a cabeça, espantando esse devaneio. Beatrice podia estar enganada. Só isso.

Comecei a arrumar minhas coisas. Coloquei os quadros no meu closet, que não usava para guardar roupas, mas, sim, para

meus materiais de pintura, e comecei a organizar as roupas. Coloquei as do Theo, que ele deixou na casa da Gabby enquanto ficávamos lá, de um lado, e as minhas de outro. Constatei que precisava de mais cabides assim que suas camisas acabaram e faltavam uma dezena de vestidos meus para guardar.

Meu celular tocou em algum lugar e eu vasculhei a cama, encontrando-o no meio dela. Suspirei quando a ideia de ser Theo foi desfeita ao ver o nome do meu cunhado.

— Olá!

— Theo está com você? — ele questionou sem nem mesmo dizer oi.

— Não, por quê?

— Alí cã entrou em trabalho de parto e Luca quer o melhor amigo com ele, mas parece que Theo se enfiou no inferno, só pode!
— Kieran resmungou irritado.

— Vou tentar falar com a mãe dele, talvez ela saiba.

— Tudo bem. Me encontre no hospital.

Ele desligou sem esperar resposta. Tomei banho e troquei de roupas enquanto pensava no que diabos iria fazer na maternidade. Alí cia não gostava de mim e eu, sinceramente, também não era muito sua fã. Menos ainda depois de hoje.

Liguei para Dafne enquanto entrava no elevador. Ela atendeu no segundo toque.

— Dafne, tudo bem? Sou eu, Lorena.

— Oi, querida. Como vai? — Respondi que ia bem e fiz a mesma pergunta.

— O Theo está aí ?

— Não, ele saiu com o Ricardo ontem. Acho que está lá. Vou te passar o endereço.

Eu me surpreendi ao ver que o endereço do irmão do Theo era perto de onde eu morava. Dirigi até lá e pedi para o porteiro me

anunciar. Ricardo permitiu a minha entrada e eu subi.

— O Theo está aqui? — Essas foram as primeiras palavras que pronunciei ao Ricardo quando ele abriu a porta.

— Sim. Está no banho. — Ele esfregou os olhos e eu agradei quando me mandou entrar.

— Por favor, diga que estou aqui — pedi.

Ele acenou, indo para o corredor do apartamento amplo. As janelas estavam abertas e o vento soprava meu cabelo em todas as direções.

Não esperei muito, logo ele apareceu só com uma toalha em volta da cintura, enxugando o cabelo com uma menor.

— Lorena. — Ele me encarou sem o menor traço de sorriso, nem parecia o mesmo que me pegou no colo ontem à noite.

— Alí cia entrou em trabalho de parto.

Seu rosto se transformou para pura preocupação. Engoli o gosto da desconfiança. *Parece que el ese i mport amui t com el a.* A voz da Bea ecoou e eu apertei minhas mãos.

São só pensamentosi di ot as, Lorena. Tentei convencer a mim mesma.

Mas o estrago já estava sendo feito.

CAPÍTULO 16

"Tudo estava uma loucura. Eu o amava,
mas não abria mão do que eu queria."

Lorena Marinho

Dei as costas a Theo e andei para a porta. Saí da casa do seu irmão e chamei o elevador. Apertei o botão diversas vezes enquanto imaginava se ele escondia a afeição por ela de todos, até mesmo de Luca.

— Lorena, você vai para o hospital? — Sua pergunta me fez virar.

— Sim... — Eu nem mesmo sabia o que ia fazer lá. Estúpida!

— Pode esperar por mim? Estou sem carro...

— Estarei lá embaixo — eu disse e entrei no elevador.

Duas adolescentes estavam dentro e o queixo delas caiu ao ver Theo só de toalha. Dei a elas um olhar feio, indo para a outra extremidade do elevador.

Ele demorou menos de dez minutos e logo estava dentro do meu carro. Saí do seu estacionamento e dirigi até o hospital.

— O que você tem? — Sua voz cortou a música do som que coloquei propositalmente.

— Nada.

— É algo. Você está estranha...

— A gente terminou, é claro que estou estranha. — Mordi meu lábio com força por ser uma idiota e responder assim.

— Não terminamos. — Ele franziu as sobrancelhas e eu bufei, olhando para a frente. — Não vou à sua casa, mas isso não quer dizer que acabou...

— Foda-se, é a mesma coisa. Se não vai à minha casa, como vamos nos ver? Dormir juntos? É a mesma merda

— Eu tenho apartamento, você sabe...

— Pare de falar sobre isso como se estivéssemos discutindo o meu gosto musical...

— Que é horrí vel, só para deixar claro.

— Lógico que não! Eu sou eclética. Gosto de tudo...

— Até de... WM? Que nome é esse?

— Theo, cala a boca — mandei, irritada, e cliquei no play da música do Mc.

Ele gemeu quando a voz do funkeiro surgiu.

Estacionei o carro e retirei meu cinto de segurança. Theo continuou parado, apenas me encarando.

— Vem aqui... — ele pediu e prendeu meu queixo entre seus dedos.

— Theo. — Meu lamento era uma vergonha, já que um segundo depois eu estava em seus braços. Sua boca beijou a minha e eu segurei seus ombros, querendo me fundir a ele.

Droga, como Theo fazia isso? Como em um minuto estava com uma raiva enlouquecedora, e, no próximo, beijando-o loucamente? Por que ele tinha que me transformar nessa incoerência ambulante?

Sua língua lambeu meus lábios e eu abri minha boca, recebendo sua fome na mesma medida.

— Pare de fazer isso comigo — sussurrei contra seus lábios antes de ele beijar meu nariz.

— O que eu estou fazendo, Medusa? — Seus olhos brilharam.

— Me fazendo te amar.

Seu silêncio e o sorriso imenso que veio em seguida disseram muito sobre o que minha confissão fez a ele.

— Estamos empatados.

Ele riu de novo e eu balancei a cabeça, me afastando e saindo do carro. Andamos de mãos dadas até a sala de espera. Eu levantei minhas sobrancelhas ao ver a quantidade de pessoas ali. Theo me arrastou em direção ao Luca e os dois se abraçaram emocionados.

— Você não vai assistir ao parto? — questionei baixo, sentindo Theo rodear o braço em minha cintura e me prender em seu peito.

— Sim, só vim deixar algumas coisas aqui — ele explicou e apertou meu ombro. — Estou feliz que esteja bem, Lorena. O passado fica lá, tudo bem? Meu irmão está apaixonadinho por você, e se Theo ama alguém, eu também amo. — Suas palavras fizeram meus olhos pinicarem. Como eles conseguiam gostar de mim?

— Obrigada. Sério, muito obrigada.

Luca se foi e todos se amontoaram nas cadeiras. Theo me colocou em seu colo e eu me aconcheguei em seu peito. Gabrielle e Kieran estavam sentados à nossa frente, enquanto o pai e a madrastra da Alí cia estavam em pé na ponta. Amigos de Luca, Tina e até Felipe estavam ali.

Duas horas depois, Alí cia e os bebês começaram a receber as visitas. Theo e eu fomos os últimos. Eu me remexi enquanto andávamos até a porta.

— Não acho que ela me queira aqui, Theo. — Parei de andar. Ele segurou a minha cabeça entre as mãos.

— Medusa, é claro que quer. Somos dois agora, aonde eu for, você vai — ele afirmou, me encarando, então eu não disse mais nada.

Theo abriu a porta e Alí cia olhou para nós. Seus olhos se alegraram ao ver Theo andando a passos largos até ela. Fiquei parada perto da porta, olhando para ambos. Ele beijou sua cabeça e os dois sorriram com amor. Porém, não era o amor que Bea quis colocar em minha cabeça, era amor de irmão. Bonito e singelo.

— Lorena — ela me cumprimentou.

Eu me aproximei, vendo Luca com um bebê em seu colo. Alí cia apontou para o seu colo e eu vi outro rapazinho ali.

— Parabéns. São lindos!

— Obrigada. — Ela parecia exausta, por isso Theo logo disse que íamos embora e que eles podiam descansar. Alí ciarelutou, mas eu vi que ela estava cansada.

Saí mosdo hospital e eu dirigi até a casa do Theo. Sabia que ele não queria mais ir à minha casa, então, para não brigarmos, não tocaria nesse assunto.

— Obrigado. Não chamo você para subir pois tenho que ir para a empresa. — Ele fez careta e eu acenei, deixando que ele beijasse minha boca.

— Tudo bem...

— Mais tarde te ligo para marcarmos algo. Bom dia e fique bem. — Ele me beijou novamente foi embora.



Passei o restante do dia sozinha. Bea não voltou para almoçar e eu fiquei pela sala, me questionando se algo aconteceu com ela. Quando anoiteceu e minha porta se abriu, respirei aliviada em vê-la.

— Ei! — Ela sorriu, tirando o casaco que lhe emprestei. Minhas roupas eram um pouco grandes nela, mas nada que não ficasse bonito.

Bea era realmente linda. Sempre chamou a atenção de todos.

— Como foi a consulta? — perguntei, tirando a manta de cima das minhas pernas e dando pausa no filme.

— Foi bem. — Sorriu. Olhei para as sacolas nas suas mãos. — Passei no shopping e comprei algumas coisas. Peguei seu cartão de crédito, não fiz mal, né? — Ela franziu as sobrancelhas e eu fechei a boca que nem sabia que tinha aberto.

— Humm... acho que não. — Mordi minha bochecha e me levantei. — O que comprou?

Ela estava sem nenhuma peça, achei uma boa ela comprar roupas, apenas queria que ela tivesse pedido, porém, fiquei calada. Vi que ela comprou apenas roupas normais – calças jeans, camisetas e um casaco. Quando a outra sacola apareceu em minha visão, fiquei encarando-a.

— Essas lingerie são bem caras, e olha, são para momentos especiais. Está pretendendo laçar algum homem? — questionei divertida.

Ela acenou e se jogou no sofá.

— Sim, na verdade, eu já tinha laçado ele no passado. Agora só preciso apertar para que ele volte... — Ela sorriu, sedutora.

— Tenho pena desse homem. — Ri. — Ele não vai sair ileso.

— Não mesmo.

Nós conversamos mais um pouco, então pensei que esse cara podia fazer bem para Bea. Ela merecia isso.

Fui para meu quarto e atendi o meu celular quando ele começou a tocar na escrivadinha.

— Ei! Adivinha?

— O quê? — questionei, rindo ao ouvir Gabby superanimada.

— Estamos indo aí . Já estou levando o jantar.

— Gabby... — comecei, suspirando ao olhar para a porta. — Tenho que te contar uma coisa...

— Abra a porta que poderá me contar pessoalmente. — Ela riu e eu ouvi a campainha tocar.

— O quê? Como já chegou? Você disse que estava vindo...

— Detalhes, detalhes. Abra a por...

Sua fala morreu assim que cheguei à sala e quem abriu a porta foi Beatrice.

— Beatrice, quanto tempo — Kieran falou.

Senti um arrepio envolver meu corpo. Sua voz estava completamente fria.

— Kieran. — Ela o olhou de cima a baixo.

Gabrielle deu um passo em sua direção, pronta para atacar.

— Não sabia que estava recebendo visitas de vadias, Lorena — Gabby sibilou furiosa.

— Na verdade, eu moro aqui — Bea murmurou e eu levei a mão na sua frente.

— Cala a boca, Bea — pedi, cansada, e puxei minha irmã e cunhado para dentro de casa.

— Mora aqui? — Gabrielle afastou minha mão do seu braço, colocando distância entre nós. Eu engoli em seco, me sentindo uma idiota. — Mora aqui, Lorena? Você se mudou ontem e já está com essa vagabunda? — Gabrielle gritou, não se importando com Bea na sua frente. Ela estava a ponto de dar na cara da menina.

— Ela está passando por problemas. E é só por alguns dias — avisei, falando calmamente.

— Os problemas dela são as coisas que fez aos outros no passado voltando. Já ouviu o ditado você colhe o que planta? —

Minha irmã estava furiosa. — Theo sabe disso? Ele é melhor amigo do Luca e da Alícia... não vai concordar com isso.

— Ele já sabe. — Suspirei e observei Gabby. — Vai ficar tudo bem. Nós estamos bem.

— As duas juntas? Queria ter visto a cara dele — Kieran resmungou, se encostando na parede.

Como assim nós duas juntas?

— Eu espero que não se arrependa, Lorena. De verdade.

Gabby andou para a porta e Kieran veio até mim.

— Abre o olho. Você não sabe da história completa. — Ele me encarou e eu engoli em seco. — Não vou te dar spoilers. — Kieran saiu da minha casa com sua esposa sem esperar respostas.

— Lorena, desculpa...

— Bea, dá para você não atender a minha porta? Não pegar minhas coisas sem minha permissão e parar de olhar para meu cunhado como se ele fosse sua próxima conquista? Pode ser? — gritei, descontrolada. Odiava o modo como ficava indefesa sem Gabrielle para me dar apoio.

Bea acenou e eu a deixei na sala, não me importando como eu pareci uma vaca. Esse era meu natural. Maldade estava dentro de mim ainda, ninguém mudava cem por cento.



Mais tarde, estava com saudade do meu namorado.

— O que está fazendo? — Theo perguntou assim que atendi a sua chamada de vídeo.

Ele estava sem blusa e deitado em seu sofá. Escutei o barulho da tevê e um jogo sendo narrado ao fundo.

— Comendo. — Mostrei meu prato com pizza e ele sorriu.

— O que vai fazer amanhã?

— Vou ao médico, depois vou a uma exposição na galeria das meninas.

— Luca falou algo sobre isso. Vou ao médico com você...

— Sério? — Meus olhos brilharam e ele acenou, coçando a barba por fazer.

— Sim, é sério. Te pego que horas?

— Às oito — avisei, mordendo o último pedaço da massa e limpando meus dedos. — Como foi seu dia?

— Bom. Consegui mais uma cliente por fora da empresa. — Suas palavras eram felizes.

— Que maravilha!

— Sim — seus lábios esticaram, ele parecia realmente feliz —, o caso dela não é fácil, então vou trabalhar com afinco. Amanhã almoçarei com ela.

— Te desejo sorte.

Ficamos em silêncio por alguns segundos enquanto Theo encarava meu rosto, me deixando desconfortável.

— O que aconteceu?

— O quê?! — perguntei, assustada.

— Lorena... — ele rebateu e se silenciou, ficando apenas me encarando.

— Gabrielle veio aqui hoje. Ela viu a Bea e ficou com raiva — expliquei sem olhar para seu rosto. Eu sabia que ele também odiava isso e eu não queria brigar.

— Já era de se imaginar — ele resmungou e voltou sua atenção para a tela da tevê.

— Ela estava na rua, Theo, e está doente. Como eu poderia não a ajudar? — perguntei, aflita. Depois da reação deles, fiquei me questionando se fiz certo ou se estava ficando louca.

— Lorena, Bea é ardilosa e mentirosa. Não se iluda, ela não presta. — Suas palavras eram carregadas de ódio.

— Podemos mudar de assunto? Já estou triste o suficiente por Gabby me odiar e Kieran ter falado coisas sem sentido...

— O que Kieran falou?

— Que queria ver sua cara ao descobrir que Bea e eu moramos juntas. Não entendi a maneira como ele falou... — Franzi as sobrancelhas, ainda sem entender.

— Só pela raiva — Theo me cortou apressado.

Suspirei, olhando seu rosto virado para a tevê.

— Eu também acho — concordei por fim.

Mordi meu lábio e suspirei, arrumando meu cabelo desalinhado.

— Conte para Alícia e Luca que ela está morando com você.

Suas palavras me fizeram arregalar os olhos. Theo continuou olhando para a tevê.

— Por quê?

— Por que o quê?

— Por que falou, Theo? — resmunguei, confusa.

Seus olhos voltaram para a tela do celular e ele suspirou.

— Ela acabou de ter os filhos, Luca quer longe de problemas. Beatrice é problema — ele explicou.

Desviei os olhos dele, olhando para a minha colcha.

— Beatrice disse que você gostava da Alícia — eu disse de supetão e me arrependi em seguida.

— Continue — ele afirmou rindo, mas era um riso frio, raivoso. — Escute mais coisas que ela fala, deixe que faça nosso relacionamento acabar...

— Eu não acredito nisso. Sei que Alícia é sua melhor amiga, e Luca, por Deus, vocês são quase irmãos...

— De verdade, eu fico feliz que não acredite — ele continuou com o jeito despreocupado, sem dar importância.

— Não quero que a gente acabe — sussurrei contra o silêncio. — Eu te adoro, ouviu? Eu preciso de você — eu disse, nervosa.

Ele voltou a me olhar, seu rosto amoleceu e ele suspirou.

— Eu também não, Medusa. — Theo relaxou no sofá e pulou quando um gol foi marcado pelo seu time. — Isso!— Ele torceu, rindo.

Passamos o resto da noite assim, eu o vendo assistir ao jogo, e ele comentando as jogadas como se eu entendesse. No final, adormeci e nem mesmo nos despedimos.

CAPÍTULO 17

"Tudo que eu queria era isso.
Gratidão exalava do meu coração."

Lorena Marinho

Apertei meu casaco, não reconhecendo esse frio idiota que fazia no Rio de Janeiro. Sério, às vezes aqui esfriava do nada. Suspirei e atravessei a rua movimentada. Vários carros já estavam estacionados em frente à galeria da Gabby.

— Gabrielle — chamei assim que a encontrei depois de uma rápida busca.

Sorri contida para o garçom ao pegar uma taça de champanhe. Segurei o vidro firmemente, observando a minha irmã.

— Lorena — ela me cumprimentou e sorriu, beijando meu rosto em seguida.

— Está tudo muito lindo — eu disse deslumbrada, enquanto a seguia e contemplava os quadros expostos. — Suas pinturas estão ainda mais exuberantes, e as de Alí também, claro. — Sorri ao pararmos em frente a uma delas.

— Ainda me pergunto como ela finalizou sua coleção com aquele barrigão. — Ela riu, dando mais um gole em sua bebida.

— Não faço ideia. — Suspirei, captando a beleza da tela. Em tons de azul, amarelo, rosa e verde-claro, uma casa estava diante

dos meus olhos. Ela era grande e tinha um jardim na frente, parecia como a da Gabby.

Aconchegante. A palavra surgiu do nada, mas eu sabia que era isso que ela significava.

Lar.

Um silêncio incômodo se instalou entre mim e minha irmã, mas tentei fingir que ele não existia.

— Vamos ignorar o elefante branco na sala depois do que aconteceu? — minha irmã questionou, olhando para as pessoas espalhadas pelo local.

Todos estavam elegantes, vestidos com roupas caríssimas, mas, é claro, tinham aqueles que não gostavam da extravagância e estavam simples. Gabby tinha o dom de deixar todos à vontade. Deslizei a mão pelo meu vestido branco. A barra ia até meus joelhos, o decote era quadrado, mas bem-comportado. Suspirei para meus sapatos altos.

— Sinceramente? — Levei a taça aos meus lábios mais uma vez, encarei minha irmã e suspirei. Seu cabelo rosa agora mais longo estava moldado em cachos largos, deixando-a mais linda do que já era. Ela também usava um vestido, mas diferente do meu, a saia ia até o chão. — Acho melhor ignorarmos.

Gabby respirou fundo, mas acabou cedendo.

— Você que sabe. — Ela fez careta e desviou os olhos de mim para as pessoas. — Preciso falar com algumas pessoas. Divirta-se. — Ela deu um sorriso sincero e eu acenei, deixando-a se afastar.

Andei por mais alguns quadros, e se eu não tivesse deixado a taça vazia com o garçom segundos antes, ela estaria estilhaçada no chão. Minha boca se escancarou e eu tentei, em vão, fechá-la e agir como uma pessoa normal.

Pisquei ao ver se a cena à minha frente mudava, mas ela permanecia intacta.

Dois dos meus quadros estavam expostos, um ao lado do outro. Mas o que fez minhas mãos tremerem e meu coração disparar foi o quadro depois deles.

Era eu.

Gabrielle me pintou.

Na tela, eu estava sentada no chão do meu apartamento, de olhos fechados e com os dedos sujos de tinta sendo pressionados contra o tecido.

Eu estava pintando.

Minha irmã pintou a mim pintando.

— Meu Deus — murmurei, completamente surpresa. Em choque, seria mais adequado para se colocar.

— Foi isso que eu disse, e foi essa esta expressão que tive ao olhar para eles. Preciso dela. É como o ar que preciso respirar.

Me virei, dando de cara com um homem um pouco atrás de mim, encarando os meus quadros.

Seu rosto surpreso e maravilhado me surpreendeu. Ele parecia ter gostado, não, parecia ter amado. Ele coçou a barba rala e trouxe seus olhos para mim.

— Gabrielle! — ele exclamou, levantando a mão em cumprimento .

Gabby logo estava à nossa frente, sorrindo para o homem de forma simpática, porém, quando viu que eu estava com ele, suas bochechas coraram. Pelo menos ela teve a decência de se envergonhar.

— São minhas e eu quero o contato da pintora — ele afirmou antes mesmo de ela poder cumprimentá-lo.

— Rafael! Fico feliz e grata por sua presença. — Sorriu, apertando a mão dele. — Você já conheceu a artista, é minha irmã. — Ela ergueu o queixo na minha direção, então o rapaz moreno se virou com um enorme sorriso.

— Rafael Araújo. — Ele estendeu sua mão e eu a apertei, sorrindo. — Prazer...

— Lorena — murmurei, afastando nossas mãos. Quando Gabby veio para meu lado, eu me virei para ela. — Como ousou? — sussurrei irritada, mas ela só deu de ombros.

— Preciso dos seus quadros. Tenho uma galeria de artes em São Paulo. Os quadros de Alí cia e da sua irmã estavam lá meses atrás, mas já foram todos vendidos. Vocês são muito talentosas. — Seu sorriso enorme me animou. — Não negue. Podemos almoçar amanhã? — ele continuou a falar.

Suspirei e dei um passo para trás.

— Calma, Rafael, já disse para você falar mais devagar — Gabby resmungou e o tal Rafael suspirou, rindo.

— Fique com o meu cartão. — Ele me deu um pequeno pedaço de papel com seu nome e número. — Me ligue se quiser almoçar comigo. Você não se arrependerá — falou sorrindo, então voltei a me aproximar.

— Obrigada. Amanhã eu ligarei — afirmei, fazendo os dois arregalarem os olhos.

— Obrigado. E, Gabby, mande lembranças a Alí cia e aos herdeiros. — Ele se afastou e eu comecei a me virar para Gabrielle, porém, me detive ao vê-lo voltando. — Os quadros são meus. E esse também. — Ele apontou para o quadro que Gabby me pintou.

— Já foi vendido.

— O.k., tudo bem. Vou pagar logo, então. — Ele correu até uma das atendentes e, sim, ele comprou os quadros.

— Gabrielle! — ralhei ao me virar.

— Rafael é dono de várias galerias de arte em São Paulo. — Ela me abraçou. — Vendi diversos quadros para ele, Lorena, você o deixou abismado. Nunca o vi tão deslumbrado. E eu estou falando sério — ela desatou a falar, sorrindo de orelha a orelha. E foi por isso que desisti de brigar com ela.

— Meu Deus! — murmurei, sorrindo ao sentir a ficha cair. — Vou expor meus quadros. Finalmente! — gritei em êxtase e minha irmã me abraçou de novo.

— Você é maravilhosa! Vou ficar rica. Rafael te deixará reconhecida, então você virará pintora exclusiva daqui... — ela falou sem parar.

Eu suspirei, olhando seu quadro com minha pintura.

— Já vendeu mesmo? — questionei, franzindo as sobrancelhas. Eu o queria para mim.

— Sim... oh, olha o comprador bem ali. — Ela sorriu, olhando às minhas costas, então me virei para seguir seu olhar.

Theo caminhava vestido com um terno e sorriso matador estendido em seus lábios.

— Medusa. — Ele se inclinou e beijou o lóbulo da minha orelha.

— *St arboy* — Brinquei com seu queixo e ele apertou meus quadris.

Segurei seus ombros, admirando a roupa. A camisa, a gravata, o terno inteiro era preto. Isso deixava de um jeito lindo e perigoso.

CAPÍTULO 18

"Meu mundo estava caindo, pedaço
por pedaço."

Theo Medeiros

Horas ant es...

Deixei Lorena em casa depois de sairmos do hospital e voltei a dirigir. Saber que ela estava saudável me trouxe muito alívio. Nunca imaginei que eu me apaixonaria por ela, mas tampouco achava estranho ter acontecido. Nossa paixão foi rápida e certa.

Ao ver que Luca e até Kieran se apaixonaram, eu me perguntei se também encontraria alguém. Já gostei muito de uma pessoa, mas não se compara ao que sentia por Lore. Era intenso, sufocante e prazeroso.

Minutos depois, estacionei no restaurante onde a minha nova cliente marcou. Essa era uma bela oportunidade para mim. Sabia que estava firme nos negócios da empresa e que ela um dia seria minha e do Ricardo, mas eu queria mais que trabalhar lá. Sempre sonhei em abrir meu escritório, claro, meu pai não aprovou isso, ele queria que eu ficasse por perto. Sabia bem o que acontecia na empresa, porém, eu achava que tinha chegado a hora.

Era adulto até demais. Queria o que meus amigos tinham. Casa com filhos, casamento e Lorena comigo. Sabia que podia ser

idiota e até precipitado, mas pensar em um futuro sem ela ao meu lado me fazia querer vomitar. Não suportaria. E foi pensando nisso que eu soube que a amava.

Atravessei a recepção e sorri para a moça diante de mim.

— Reserva no nome da Senhorita Vasconcellos — informei à recepcionista e ela me acompanhou até uma mesa.

Ao ver a minha mais nova cliente sentada de costas para mim, sorri e fui para o lado. A gentileza deixou meu corpo quando vi Beatrice. Eu olhei para sua roupa e apertei meus dedos ao ver um dos casacos de Lorena em seu corpo. Porra. Bea sorriu para mim com uma taça em frente aos lábios e eu apertei minhas mãos em punhos.

— Beatrice, o que diabos...

— Sente-se. Precisamos conversar — ela pediu, deixando a taça de lado.

Eu me sentei diante dela, querendo deixar claro que não a queria perto da Lorena. Essa palhaçada de morar juntas tinha que acabar.

— Saia da casa da Lorena — falei sério, dispensando o garçom que se aproximava com a mão.

— Preciso da sua ajuda, Theo. Não estou aqui para brigar. Eu juro. — Seus olhos piscaram umidade e eu me calei.

Bea nunca foi uma pessoa ruim, de maneira alguma, mas eu sabia que para a maldade consumi-la era apenas questão de tempo.

A mulher diante de mim teve meu coração nas mãos anos atrás. Eu não sabia o que tinha visto nela, mas eu era fascinado. Sempre soube que ela amava Luca, mesmo assim lá estava eu, dormindo com ela quando era conveniente.

Hoje, olhando para seu rosto cheio de maquiagem, que tinha uma grande chance de ser da Lorena, me questionei o que tinha na cabeça.

— Quero que saia da casa da minha mulher. Só isso.

— Ela não sabe de nós dois — Bea afirmou convicta e eu não a desmenti.

Era verdade, Lorena nunca soube. Eu não queria que ela soubesse que dormi com uma ex-amiga dela. Sabia que podia parecer idiota, já que ela já transou com meu melhor amigo, mas eu tinha vergonha do tempo em que fiquei com Bea.

E não queria que Lorena se decepcionasse.

— Isso não tem importância. Você não tem importância. — Me encostei na cadeira e vi seus olhos se inflamarem de raiva.

— Talvez eu devesse contar...

— E perder o lugar em que está ficando de favor? Você é inteligente demais para isso. — Sorri de lado, vendo-a engolir em seco. — Mas se esse é o preço que tenho que pagar para que suma das nossas vidas, por favor, conte a ela.

Analisei as pessoas, esperando que ela respondesse algo, mas só escutei um fungado baixo. Eu me virei para olhar Beatrice e vi seu rosto com lágrimas.

— Hoje mesmo direi a ela sobre nós dois. Isso poupará a mim de ter que aguentar você perto da mulher que amo...

— Você não a ama. Era em meus braços, depois que fazíamos amor, que dormia balbuciando o quanto me amava. O quanto queria que eu deixasse tudo e ficasse com você. — Ela limpou seu rosto e sorriu, me encarando.

Eu sorri, me inclinando na mesa e apertando meu nariz.

— Aquilo não era amor, Bea. O que fazíamos era foder. Você querendo que eu fosse Luca...

— Você nunca será ele. Não se iluda. Lorena sabe disso. Ela já trepou com ele mais vezes do que é capaz de contar e sabe a diferença...

— Cala a boca! — gritei, chamando a atenção das pessoas. — Não fale essas merdas. Não toque no nome dela. — Me levantei querendo sumir e saí às pressas do local.

— Não! Você não vai fugir. — Ela me acompanhou até o estacionamento.

Eu respirei fundo, tentando manter a calma.

— Lorena é meu mundo, Beatrice. Você nunca chegou perto do que ela representa para mim. Perto dela, você não é ninguém. Tenho pena de você! Sempre tive... — gritei, encarando seu rosto. — Ah, antes que eu me esqueça, o que faço com ela toda noite é amor. Eu nunca fiz isso com ninguém além dela. Você... você nunca foi amada por ninguém para saber do que estou falando.

Deixei-a sem fala e com os olhos furiosos brilhando com lágrimas de puro ódio, e fui para o meu carro.

Saí cantando pneu e corri para a empresa. Foda-se! Bati no volante querendo voltar lá e matar aquela vagabunda. Quem ela pensava que era para falar que Lorena ainda pensava em Luca? Eu sabia que não pensava. Ela não me comparava com ele.

Não tinha comparação. A gente se amava. I ssopor si só era um grande motivo para não pensarmos em outras pessoas.

Queria ir para sua casa, mas não ia correr o risco de ver Beatrice uma segunda vez no dia.

Percebendo que não tinha comido nada, suspirei e parei em um restaurante perto da empresa. Não importava o quanto Bea me causasse nojo, não perdi a fome. Eu nunca perdia.



Arrumei a gravata novamente sob os olhos do meu irmão. Ele virou a cerveja na boca e deu um generoso gole enquanto sua atenção se dividia em me ver e assistir ao jogo.

— Ainda estou querendo saber o que faz aqui. Pelo que eu saiba, na sua casa tem tevê! — gritei, indo até a cozinha e pegando uma bebida.

— Ocorreu um problema — ele falou alto, vidrado no jogo de futebol.

— Merda. — Corri para seu lado e me sentei. Suspirei ao ver que ele não me olhava de maneira alguma. — Fala, o que você fez.

Ricardo engoliu em seco e riu um pouco ao me encarar

— Sabe a menina que eu estava namorando? — começou e parou, pegando uma mão cheia de pipoca e colocando na boca. Ele mastigou devagar e eu apertei meu nariz, começando a perder a paciência.

— Eu estou me atrasando...

— Ela me pegou transando com a vizinha nova — ele falou rápido.

Eu me levantei, balançando a cabeça.

— Ricardo, pelo amor de Deus! — gritei, fechando os olhos. — Você já tem idade para estar casado, cara, mas em vez disso está por aí, partindo o coração dessas mulheres...

— Não quero me casar. Quero viver minha vida de solteiro em paz.

— Por que está aqui? Não entendi a lógica ainda...

— Ela quebrou minha tevê. Vou comprar uma nova só amanhã, então me deixe assistir ao meu jogo e vá embora. — Ele revirou os olhos, ainda comendo pipoca. — Além do mais, sei que está doido para ir ver a Lorena. Sério, ela é muito linda. Você tem sorte... — Ricardo parou de falar quando eu forcei sua cabeça para baixo.

— Não a chame de linda. Respeite a minha mulher — resmunguei, querendo fingir irritação, mas Ricardo me conhecia melhor que ninguém, então ele começou a gargalhar.

— Vai lá, cuzão. Cuidado para não ter outro tentando roubar a Lorena de você. — Meu irmão riu quando joguei o controle do som nele. Infelizmente, ele foi rápido e desviou.

Cheguei à galeria rápido e logo encontrei Lorena. Semicerrei os olhos ao ver um homem beijando seu rosto e se afastando em seguida.

— Não posso te deixar sozinha? — murmurei quando estávamos cara a cara.

Seu sorriso se desfez e ela olhou em volta. Lorena achou o cara a poucos metros e eu segurei seu queixo, trazendo seus olhos para mim de novo.

— Ele é dono de uma galeria em São Paulo. Ficou superinteressado nos meus quadros. Até comprou os dois. — Ela voltou a sorrir e eu vi os quadros ao lado.

— Parabéns! Ele tem bom gosto. Seus quadros são lindos...

— Isso me faz lembrar que você comprou aquele. — Ela elevou a sobrancelha e me mostrou o quadro que Gabby pintou dela.

— Sim. Vi Gabby pintando-o e falei que ele seria meu — expliquei, me lembrando do dia que fui até a casa dela e a vi em seu ateliê.

— É lindo!

— Você é linda — afirmei, me inclinando e tocando seus lábios pintados de vermelho.

— Para com isso. — Suas bochechas ficaram rubras e ela se virou, segurando minha mão.

Kieran surgiu na multidão e eu sufoquei uma risada ao vê-lo de terno. Porra, nunca imaginei vê-lo com uma roupa tão sofisticada.

— Para com isso — Lorena resmungou me cutucando ao ver que eu ria dele. — Kieran está muito bonito. — Ela sorriu para o cunhado assim que chegou.

— Theo. Lore. — Kieran suspirou, esticando os braços e depois os cruzando.

— Está lindo — Lorena elogiou, fazendo-o lhe mostrar uma careta.

— Odeio essas roupas, mas o que eu não faço pela Algodão Doce? — Ele deu de ombros e Lorena riu.

— Está lindo mesmo — caçoei e ele semicerrou os olhos para mim enquanto Lorena me dava um cutucão nas costelas.

— Deixe-o, Lorena. Também acho muitas coisas lindas — Kieran sussurrou, me encarando firme.

Filho da puta.

— O que, por exemplo? — Lorena se afastou de mim, me encarou e depois voltou a olhar o cunhado.

— Nada — dissemos ao mesmo tempo, fazendo-a suspirar.

— Não vou dar spoiler da sua própria história, cunhada — Kieran pronunciou sério.

Vi em seu olhar seu pedido para que eu fosse a pessoa a contar o spoiler.

Odeio spoiler.

— Olha, Theo! — Gabrielle chegou nesse momento com o quadro de Lorena embalado. — Já arrumei! Pode levar, já que estamos quase fechando. — Ela sorriu docemente e eu acenei.

Peguei o quadro e agradei.

— Vamos lá, eu te ajudo a colocar no carro — Lorena se ofereceu e começou a se despedir da sua família.

— Obrigado — eu disse mais uma vez e beijei o rosto da Gabby.

Eu me aproximei de Kieran e ele me puxou para um abraço

— Se ela souber por outra pessoa, vai sofrer pra caralho. Lorena é minha família, Theo, você não quer fazê-la chorar. — Ele deu dois tapas em minhas costas.

Segurei seus ombros, afastando-o de mim.

— Sei cuidar da minha mulher, Kieran. E eu não tenho medo de você. Já te vi com seus filhos e conheço seu verdadeiro eu, seu idiota. — Sorri, dando para as duas irmãs uma visão de cordialidade quando obviamente não havia.

Peguei a mão da minha namorada e caminhamos para fora.

— Spoiler, hein? — Lorena murmurou quando já estávamos dentro do carro.

— Kieran está ficando doido — resmunguei e liguei o som do carro, mantendo-nos em silêncio.

Assim que chegamos à sua casa, eu suspirei.

— Tem certeza de que não quer subir? — ela perguntou e eu balancei a cabeça.

Não. Deus me livre de ver Beatrice. Eu a mataria.

— Adoraria ir para seu apartamento, mas tenho algumas coisas para fazer. — Lore pegou minha mão e eu fiz carinho em seus dedos.

— Você sabe que te amo, não sabe? — perguntei, pegando em seu rosto. — Nunca falamos abertamente, mas é o que sinto...

— Sei, e eu também amo você. — Ela sorriu de lado e eu me inclinei, beijando sua boca.

— Amanhã eu te pego cedinho, tá? Tenho uma surpresa para você — avisei, lembrando-me que minha mãe mandou convidá-la para passar o dia na casa dela.

— Surpresa? — Ela arregalou os olhos e eu acenei, beijando sua testa. — Conta de uma vez...

— Não, Medusa. Amanhã. — Pisquei e ela bufou, abrindo a porta do carro.

— Besta.

Ela caminhou para seu apartamento, mas parou na calçada e se virou. Lorena voltou quase correndo e entrou no carro.

— Vamos lá. Quero dormir com você hoje.

Um sorriso enorme dançou em meus lábios e saí do estacionamento enquanto ela beijava meu pescoço e eu segurava sua coxa. Dirigi para casa, e assim que entramos no elevador, Lorena gritou dizendo que esqueceu a bolsa no carro.

— Vamos lá — murmurei enquanto segurava o elevador aberto.

— Não. Vai subindo. Já chego lá. — Ela me deu um beijo rápido e sumiu da minha vista.

Assim que saí do elevador no andar do meu apartamento, encontrei Ricardo abrindo a porta para sair.

— Eu...

— Tem uma mulher aí. Ela disse que você sabe que viria — ele me cortou e me lançou um olhar inquisidor. Meu irmão passou por mim sério e enquanto eu olhava entre ele e a porta.

Porra. Entrei em casa querendo saber quem diabos estava ali e vi a maldição da minha vida sentada em meu sofá.

— Agora vamos conversar, Theo. E nada de fugir. Estou cansada...

— Beatrice! — gritei furioso. Meu Deus, eu ia matar essa mulher.

— Preciso da sua ajuda para encontrar nosso filho! — Suas palavras gritadas me fizeram recuar.

E nesse momento ouvi o som de algo caindo no chão e me virei, encontrando Lorena parada à porta, foi então que eu soube que essa notícia mudaria minha vida. Levarei minha Medusa para longe de mim.

CAPÍTULO 19

"A forma como ele destrói meu coração
é dolorosa."

Lorena Marinho

Meus olhos se arregalaram e parei na porta. Eu não ouviria um trovão ressoando ao meu lado, caso ocorresse. Não era capaz de ouvir nem mesmo o grito de Theo chamando meu nome, apenas as batidas do meu coração machucado chegavam aos meus ouvidos. Seu rosto se contorceu e eu vi o quão perplexo e temeroso ele estava.

— Medusa. Ei! — Sua voz estava repleta de preocupação, mas tudo que ouvia eram as palavras de Bea. Theo se aproximou com as mãos se remexendo, frenéticas.

— Lorena. — Bea engoliu em seco e eu entrei na casa, colocando minha bolsa em cima da mesa de centro da sala.

— Beatrice está mentindo. Não temos filho algum...

— Mas já transaram, não é? Você já transou com ela, não foi? — Minha voz saiu tão calma que até eu me assustei. *Ei e gost avadel a?* Queria perguntar, mas não sabia se conseguiria ouvir sua resposta.

Minha língua saiu e deslizou pelo meu lábio ressecado enquanto Theo abria a boca e a fechava novamente. Jesus...

Ele acabou de me jurar amor. *Você sabe que te amo, não sabe?*

— Sim, mas isso faz tempo e eu nunca gostei dela...

— Não minta para Lorena. — Bea se levantou e olhou para mim. — Nos amávamos. Eu sempre fui idiota, não queria dar o braço a torcer, Theo sempre esteve lá me amando nos momentos difíceis. Sendo meu homem...

— Mentira! Nunca te amei, Beatrice. Nunca! — Theo gritou ensandecido. Eu me sentei no sofá, lembrando-me de me manter longe de onde ela se sentou. — Nunca a amei, Lorena...

— Theo... — Ela arquejou, em choque.

— Você sabe que é a única, Lorena. Sempre. — Ele se aproximou, mas eu balancei a cabeça, levantando a mão e o impedindo. Não queria seu toque. Nunca pensei que um dia eu pudesse recusar sua pele contra a minha, me acalmando, me mantendo protegida, mas ao saber que ele escondeu de mim que dormiu com minha amiga... ex-amiga... me deixou enojada.

— Nós temos um filho — Bea voltou a falar e eu engoli em seco. Não podia ser. Apertei minhas têmporas com força, tentando acordar desse maldito pesadelo. — Theo me ama e eu sei que vamos encontrar nosso bebê. Vamos ser uma família.— Bea limpou as poucas lágrimas que desciam por seu rosto enquanto eu olhava para ela em choque. — Eu não queria machucar você, Deus sabe que não. Porém ele sempre foi meu...

— Acho que você é dissimulada. Você entra na minha casa e ainda tem a audácia de falar essas coisas para mim?

— É a verdade. Sinto muito...

— Não! Você não sente! Sempre cobiça o que é dos outros. Nem acredito que Theo conseguiu te amar...

— Ele conseguiu gostar de você, que é tão ruim quanto eu. Talvez ele goste de meninas más...

— Eu odeio você, isso sim! — Theo gritou para ela e pegou seu braço com força. — Saia da minha casa...

— De jeito nenhum! — gritei, me erguendo. — Vocês têm um filho. Precisam conversar. — As palavras causaram um gosto ruim em minha boca, mas eu sabia que não conseguiria ficar ali mais um minuto sequer.

— Ela está mentindo, Lorena... — ele rosnou furioso na minha direção. Eu pisquei, apertando meus lábios juntos. — Onde está o bebê, então? Quando nasceu? Onde? Me prove, Beatrice. E eu juro que se for mais uma de suas muitas mentiras, eu vou te matar. — Ele a sacodiu pelos braços e Bea gemeu ao se soltar.

— Eu o deixei em frente a um orfanato assim que dei à luz...

— Meu Deus! — Theo parecia perturbado, andando de um lado para o outro na minha frente como um animal acuado.

Eu arquejei, surpresa. Como... Como ela conseguiu? Meu coração apertou ao imaginar meus sobrinhos no lugar do bebê. Sendo abandonados assim.

— Eu o tive há mais de dois anos. Era um menino. Lembro que dei a ele um colar com um nome que eu escolhi. Thomas — ela começou a falar e eu ofeguei ao escutar as palavras. — Seu nome começa com T, como o do pai dele.

Meu coração quebrou mais uma vez. Eles tinha um filho. Theo tinha um filho com uma mulher que não era eu.

Ele escondeu que teve um relacionamento com Bea. Mesmo ela indo morar comigo, Theo não ousou me contar. Lembro-me do seu acesso de raiva ao saber. Nunca imaginei que era por isso.

Quando Kieran falou sobre spoiler... Jesus, meu cunhado sabia. Era uma bela oportunidade para Theo contar, mesmo assim preferiu omitir... me enganar.

Ele não sabia do filho. Tinha certeza disso. Eu vi seus olhos surpresos. Eu conhecia o homem que amava.

Pelo menos pensava que conhecia.

Não senti quando as lágrimas começaram a cair, mas vi manchas pretas do rí mel no meu vestido. Queria estar em meu quarto, queria gritar contra meu travesseiro. Quebrar coisas. Queria correr para longe.

Apertei minha bolsa e tropecei quando caminhei para a porta. Antes que eu a alcançasse, Theo me segurou contra seu peito. Ele me apertou como se a qualquer momento eu fosse sumir por entre seus dedos. E era verdade. Eu ia sumir.

— Me solte — mandei, manchando seu terno bonito. Ele não afrouxou o aperto, então empurrei seu corpo e pisei em seu pé. Theo cambaleou e eu corri para o elevador, mas a porcaria de metal não foi rápida em fechar as portas.

Theo entrou quando tudo se fechou. Sua bochecha estava vermelha, e seus olhos, inchados. Por um momento, vi o desespero em sua face, mas logo foi substituído por uma desolação que poderia doer em mim, se eu já não estivesse quebrada.

Eu soluzei quando ele me alcançou e caiu de joelhos, abraçando minha cintura. Enterrando seu rosto em minha barriga enquanto chorava. O barulho do seu choro agonizado ecoou e eu senti minhas pernas fraquejarem.

— Por favor. Não me deixe. Não faça isso, Lorena. Eu te amo. — Seus gritos eram abafados pelo meu vestido, mas ainda assim eu os ouvia.

— Theo. Pare. Se levante, por favor — pedi, ainda chorando, mas ele não se mexeu. — Eu não vou fazer isso. Não vou ficar com você tendo ela entre a gente. Um filho, Theo! É um filho! O que dói não é você ter escondido de mim essa mentira, mas sim ter me deixado acreditar que era a louca da história.

Meus gritos ressoaram no elevador pequeno, os andares passando. Por que ele fez isso?

— Não vou mentir, Medusa...

— Não me chame assim! Nunca mais me chame assim!

Não queria esse apelido. Não queria nada que me lembrasse o que tivemos antes de o nosso mundo ruir.

— Lorena. — Ele inclinou a cabeça e me encarou, ainda de joelhos. — Se ela estiver falando a verdade, vou procurar essa criança. Eu quero saber se é meu filho. Farei exame de DNA. Eu sou um homem. Esse é meu dever.

— Quero que faça isso, Theo. Quero que o procure. Que não deixe essa louca cuidar de uma criança assim. — Mordi meu lábio e suspirei, me acalmando. — Só não posso fazer parte disso, está bem? Eu mereço isso, Theo. Eu mereço escolher. Mereço que me dê espaço.

Ele acenou e se ergueu devagar. Olhei para as portas ainda fechadas e Theo suspirou, cruzando os braços. Theo se encostou na parede oposta à minha e meu queixo tremeu, vendo-o secar as próprias lágrimas.

— Eu te amo. — Suas palavras fizeram meu coração doer como se ele não estivesse estilhaçado em mil pedaços.

Ele me amava.

Mas amor não era nada sem confiança.

— Eu também te amo. Deus sabe que nunca amei ninguém do jeito que o amo, mas eu mereço honestidade e isso você não me deu.

As portas do elevador se abriram e saí, deixando-o parado lá dentro, ainda chorando.



Assim que cheguei à minha casa, corri para meu guarda-roupa. Puxei as roupas de Beatrice e joguei dentro da mochila velha e surrada que ela trouxe no dia que fui idiota e lhe dei abrigo. Procurei a lingerie que comprou para que eu pudesse rasgá-la, mas não a encontrei.

“— *Si m̃ na verdade, eu j á t i nhal açado el e no passado. Agora só preci so apert ar o l aço para que el e vol 't e...*

Beatrice se vestiu para ele. Com o meu dinheiro.

Gritei no meio do quarto ao pensar que ela podia estar em seus braços nesse momento. Meu celular começou a tocar, e assim que o peguei vi o nome do Theo na tela. De uma forma insana, eu me senti aliviada, pois isso significava que ele não estava transando com Bea.

O celular parou de tocar e eu limpei meu rosto, respirando fundo enquanto sentia um aperto no peito.

Mai s uma vez sozi nha.

Constatei ao sentir a tristeza tomar posse do meu coração. Nem um segundo após o pensamento meu celular voltou a tocar, mas em vez do nome dele, apareceu o da minha irmã.

— Lorena? Desculpa ligar a essa hora. Só quero saber se... Meu Deus, isso é loucura... — ela sussurrou a última frase e eu engoli em seco. — Se você está bem. Senti inquietação... sou louca, né? Você deve me achar tão patética...

— Terminamos. — Solucei, sentindo meus lábios tremerem. — Acabou!

— Mana? Como...

— Ele omitiu, ele a amava. Era louco por ela e nunca me contou. Deixou que ela viesse morar na minha casa...

— Caramba! Mas como? Theo e Bea? Sério?

— Eles têm um filho, Gabby. Um menino. Segundo a Bea, ela o abandonou em um orfanato depois de nascer, anos atrás — expliquei enquanto me sentava na cama, limpando o nariz.

— Não posso acreditar. Como Theo ousou não te contar? Com essa vagabunda enfiada na sua casa...

— Nem me fale. — Mordi meu lábio, olhando para as roupas da Bea. — Nunca pensei que fosse odiar tanto alguém que não

nossos pais, mas eu a odeio mais. Eu a odeio por ter com ele um vínculo que nunca terei. E o odeio por mentir na minha cara.

As palavras saíram amargas da minha boca. Queria engoli-las de volta para que a dor que se multiplicava ao ouvi-las cedesse.

— Quem disse que não? Theo te ama. Eu concordo que você deve dar um tempo, mas o amor de vocês é único e não acaba assim.

Fiquei calada, não por ser contra suas palavras, mas por rezar para que elas fossem verdadeiras.

Depois de finalizar a chamada com minha irmã e dizer com certeza que eu não precisava dela aqui, deixei as coisas de Bea na recepção e avisei ao porteiro que ela estava proibida de entrar.

Saí de casa tentando parar as lágrimas. Dirigir chorando não era lá uma das coisas que eu queria fazer. Mas não controlava mais nada em relação aos meus sentimentos. Toda essa confusão só me deixou pior.

Assim que cheguei ao racha, peguei os dentes de leão enquanto andava até a minha árvore. Subi no galho enorme e me sentei, abraçando minhas pernas. Assoprei a pequena flor, observando as suas pétalas voarem para longe. Fechei os olhos e implorei à flor que a dor em meu peito cedesse e que acalmasse meu coração.



Na manhã seguinte, quando o relógio tocou às onze da manhã, eu me forcei a me levantar e começar a me arrumar para o almoço com Rafael. Dentro de uma calça jeans, camisa de seda e blazer, saí de casa. Conferi a hora e apressei meus passos, não querendo chegar atrasada. Sorri para o sr. Michael, o porteiro, quando o vi andando em minha direção.

— Senhorita Lorena, a moça está...

— Aqui.

Ouvi a voz de Beatrice e me virei, deixando os óculos escuros no rosto, para esconder as minhas olheiras. Claro que me maquiei, mas nem as camadas extras do corretivo conseguiram mascarar a minha cara de derrotada.

— Suas coisas foram deixadas na recepção. Por qual motivo ainda está aqui? É bem fácil sumir da minha vida. Só pegue suas coisas e saia.

— Não tenho para onde ir, Lorena. Dormi num hotel essa noite, mas não tenho dinheiro para mais uma...

— Coitadinha — ironizei, sorrindo com a antiga Lorena de volta. — Chame os seguranças, sr. Michael. Não quero essa mulher por aqui pedindo esmolas — sibilei para o pobre homem e dei as costas para a ví bora.

— Se serve de consolo, eu transei com Theo apenas uma vez ontem.

Sem que eu pudesse discernir o que estava acontecendo, acertei um tapa no rosto dela. O impacto fez com que caísse sentada no chão ao ser pega desprevenida. Dei um passo para a frente.

— Espero que isso seja mentira. Não por mim, eu o amo, mas não digo com quem ele fica. Quero que seja mais uma mentira por ele. Theo merece mais.

Eu a deixei no chão me fuzilando com os olhos, saí do prédio e me encaminhei para o endereço que Rafael passou, deixando as memórias de Beatrice no fundo da cabeça e ensaiando meu melhor sorriso.

Fiquei feliz ao entrar em um restaurante italiano e ver o homem de sorriso brilhante acenar para mim.

— Obrigada pelo convite — eu disse depois de me sentar à mesa.

— Eu que agradeço. — Rafael continuou sorrindo e eu tentei retribuir o gesto, mas falhei miseravelmente. Olhar para ele me fez lembrar de ontem.

E ontem Theo era meu. Ainda estava ao meu lado. Hoje... eu não o tinha mais e isso machucava além do que conseguia colocar em palavras.

Rafael engatou uma conversa fácil e eu percebi que sim, como Gabby falou, ele era um grande profissional. Também era divertido e me arrancou alguns sorrisos verdadeiros. Quando propostas foram postas à mesa, eu me senti honrada, mas...

— Viajar para São Paulo?

— Sim. Sei que tem alguns quadros, mas eu quero uma coleção exclusiva feita em São Paulo. Tenho uma estrutura imensa, posso te locar sem problema algum. Todas as suas despesas serão pagas pela empresa. — Ele propôs, bebendo seu vinho. — Você ficaria no máximo dois meses. Se pintar a coleção inteira antes disso, você volta imediatamente e viaja apenas para a exposição. Confie em mim, Lorena. Será legal. — Rafael arqueou a sobrancelha brincando, me tentando.

Dois meses em São Paulo.

Dois meses longe... de tudo.

Do Theo.

Decidi, por fim, enquanto meus olhos começaram a se encher de lágrimas.

Est á t udo bem, Lorena. Você preci sa di sso. Vai f i cat udo bem.

E esse se tornou meu mais novo mantra.

CAPÍTULO 20

"Como eu podia me refazer sem ela?
Como ser forte sem o seu amor?"

Theo Medeiros

A bebida queimou em minha garganta, porém, pedi mais uma ao barman. Ainda estava com a roupa da exposição, só tinha tirado o paletó e dobrado as mangas da camisa. Baguncei meu cabelo enquanto o homem me encarava.

— Acho que já bebi demais. — Ele suspirou enquanto enxugava copos e os empilhava na bandeja à sua frente.

— Você já perdeu alguém que amava? — questionei com calma, vendo-o balançar a cabeça negando. — Então não me diga o quanto posso beber — rosnei, começando a me irritar.

Peguei a garrafa que estava à minha frente e me servi. Sorvi o líquido e mais uma vez senti minha garganta arder.

Flashes de Lorena saindo daquele elevador chorando rasgaram meu peito.

Lorena chorou.

Perdi o controle e fiz chorar a única pessoa no mundo que amava. Logo ela, que sempre foi tão fechada. Apertei o copo entre meus dedos enquanto engolia em seco. Eu me odiava cada vez mais ao lembrar.

Olhei para minhas mãos e me perguntei se machuquei Beatrice ao expulsá-la da minha casa. Nunca odiei ninguém em toda minha existência, mas ela passou dos limites. Filho? Porra, como ela pôde mentir assim?

Levantei-me do banco alto e quase caí, mas dois pares de mãos me seguraram. Olhei para Luca e Ricardo, me questionando como foi que me acharam.

— Vamos lá! — Luca colocou meu braço em seu ombro e Ricardo imitou o gesto.

Não sabia como cheguei em casa, pois apaguei assim que entrei no carro do meu irmão.

Na manhã seguinte, minha cabeça doí a quando me sentei, tentando me arrumar para o trabalho. Procurei meu celular pelo quarto e o encontrei em cima da mesinha.

Deslizei a tela e procurei por Lorena na lista de chamadas de ontem. Fiz careta ao ver a quantidade de vezes que liguei para ela. Espaço, idiota. Ela te pediu espaço.

Me arrumei no automático e logo saí do apartamento. Ir trabalhar não estava sendo uma decisão legal, mas precisava ocupar minha cabeça. Se eu ficasse em casa, acabaria indo até ela e sabia que não devia. Não hoje, pelo menos.

Assim que cheguei ao escritório, me encaminhei para a despensa. Peguei uma xícara de café e pedi à minha secretária para trazer remédios para dor de cabeça. Não demorou e logo estava focado no trabalho.



— Senhor, mandaram deixar esse envelope aqui — Flávia avisou e eu acenei. Ela caminhou até mim, com sua barriga de quase sete meses de gravidez balançando.

— Obrigado. — Peguei o papel pardo de suas mãos.

Abri e respirei fundo quando vi um prontuário com o nome de Beatrice. Tinha o registro da sua entrada no hospital anos atrás e a explicação do procedimento feito naquele dia.

Parto normal.

As ondas de dor que tinham cessado voltaram com força total. Soquei a mesa de madeira escura e mordi meu punho. *Não acredito... Não pode ser*

Puxei o papel por completo e uma nota caiu em cima da mesa.

Não menti. Temos um filho. Eu quero conhecê-lo. Nunca consegui reirmos a sua ajuda. Me perdoe por esconder e por dá-lo para a adoção, mas não tem um dia que eu não me lembre dele.

Eu te imploro, me ajude.

Bea.

Amassei sua nota e fechei meus olhos com força. Não podia acreditar que ela foi capaz de algo assim. Eu sempre tive condições, por que ela apenas não o deu para mim? Por qual motivo Beatrice quis me castigar dessa forma?

Eu me ergui e avisei a Flávia que ia trabalhar em casa, mas era uma mentira. Nem mesmo sabia para onde estava indo até estacionar em frente à casa dos meus pais. O carro do meu pai estava na garagem, então eu sabia que ele estava lá.

Subi os degraus até a varanda engolindo em seco. O que eles iam dizer sobre eu ter um filho? E se contar e for mais uma mentira da Bea?

Respirei fundo e abri a porta. Se fosse mentira, pelo menos meu pai me ajudaria a saber.

— Theo! Que maravilha que está aqui. — Minha mãe surgiu ainda em seu pijama, mas com as mãos sujas de terra. Com certeza estava no jardim.

— Oi, mãe. — Suspirei e beijei seu cabelo. — Onde está meu pai?

— Oi, querido. Ele está no escritório. Vamos lá. — Ela me guiou pela casa, mesmo eu sabendo bem onde ficava cada cômodo até de olhos fechados.

Assim que entramos, meu pai levantou os olhos. Nós nos cumprimentamos e eu me sentei, pedindo que mamãe fizesse o mesmo.

— Por que está tão nervoso? — meu pai questionou rápido enquanto minha mãe apertava meus dedos, me confortando.

— Uma antiga ficante reapareceu esses dias — comecei, olhando para meu pai. — Ela disse que engravidou na época e... — As palavras sufocaram minha garganta. — Ela deu o bebê para adoção.

Minha mãe arquejou horrorizada, e o homem que eu mais idolatrava no mundo se encostou na poltrona.

— Co-mo deu? Meu Deus — mamãe disse, em choque, enquanto meu pai suspirava sem falar nada.

— Ela deu à luz e o deixou em frente a um orfanato. Eu não acreditei muito, ela sempre gostou de infernizar a minha vida, mas hoje recebi esses documentos. São verídicos.— Passei o envelope para eles e meu pai se concentrou em ler.

— Por qual motivo ela te disse isso só agora? — As palavras dele eram firmes, seus olhos questionadores se fixaram em mim.

— Ela diz que está doente, que quer tentar pegar a criança novamente. — Eu puxei meu cabelo. — Não sei o que fazer, pai. Lorena me deixou por ter omitido a minha relação com a Bea, ela nem mesmo atende minhas ligações. — Ri sem graça enquanto via as lágrimas da minha mãe.

— Você quer a criança, Theo? — meu pai perguntou, guardando os papéis. — Está pronto para a briga que vai começar se quiser a guarda? Você passou anos sem saber dele, talvez, ele esteja bem. Numa família boa.

— Pai...

— Eu sou a razão, Theo. Você está abalado emocionalmente, sua mãe também, mas eu quero te informar que não é apenas encontrá-lo e entrar na justiça. Ser pai é mais que isso. — Ele se ergueu e caminhou até mim.

Meu pai tinha o poder de sempre me fazer entender os dois lados da moeda. Por isso que era meu mundo.

— Eu estou aqui, campeão. Sempre estarei. Se quer seu filho, vamos lá, Theo. Estou do seu lado, mas quero que seja uma decisão sábia.

— Eu quero. Ele é meu. Deveria estar comigo desde sempre. — Limpei meu nariz com o dorso da mão e me ergui também. — Mas ela nunca vai chegar perto dele. Eu não permito.

— Sente-se, vamos começar a busca pelo meu neto — ele afirmou, me dando um abraço enquanto minha mãe se refugiava em seu peito.

Passei o restante do dia na casa dos meus pais. Meu pai fez chamadas e logo conseguimos o endereço do orfanato e nos encaminhamos para lá. Nunca gostei do jeito que nos trataram apenas pelo poder que meu pai tinha no meio administrativo na cidade, mas hoje eu pouco me importava. Eu nunca conseguiria encontrar meu filho em menos de 24 horas sozinho. Então, fiquei grato por ele ser respeitado na cidade.

Eu me sentei ao lado da minha mãe na recepção do orfanato para onde o bebê foi levado por Bea. Mordi meu dedo incontáveis vezes, enquanto esperava pelo diretor do lugar nos receber.

— Senhor Gonçalves. — Meu pai apertou a mão do homem assim que entramos na sala. — Esse é meu filho, Theo, e minha esposa. — Ele nos apresentou e eu apertei a mão dele também.

— Senhor, que honra tê-lo por aqui. Sentem-se. — Ele apontou para as poltronas e nos sentamos. — O que o traz aqui?

— Anos atrás, um bebê foi deixado aqui.

— Isso acontece com frequência...

— Nesse caso, a criança era meu neto. Não tínhamos conhecimento. Apenas hoje soubemos disso. Você se lembra de um menino com um cordão com o nome Thomas deixado aqui, numa noite chuvosa? — meu pai falou calmamente.

O homem de olhos arregalados apertou a têmpora, pensando.

— Thomas — ele murmurou suavemente e seus olhos piscaram desacreditados. — Oh, Deus! Sim, eu lembro. — Seus olhos foram para o chão e meu peito apertou com o pesar em seu rosto.

— O que aconteceu com ele? — questionei com urgência.

— Ele foi adotado um ano atrás. — Seu suspiro foi como um soco em meu estômago. — Thomas era adorado por todos, um dia um casal veio fazer uma visita e o viu. Eles o adotaram imediatamente. Sinto muito. — O diretor apertou as mãos enquanto eu cobria meu rosto, sentindo dor.

Não!

— Obrigado pelas informações. Meu advogado entrará em contato. Vamos para o tribunal — meu pai falou.

Eu acenei e me levantei, tentando mascarar a dor.

Não ouvi nada durante o percurso para casa, só sentia minhas mãos tremendo e meu coração apertado.

Queria Thomas comigo, mas como podia tirá-lo de alguém que já o amava loucamente? Senti falta de ar, então abri a janela do carro e deixei o ar puro entrar pelo meu nariz, me dando a sensação de liberdade.

Olhei para meu pai, concentrado em falar com seus advogados, e minha mãe, tão perdida quanto eu, olhando para suas unhas. Ele era meu filho, nunca permitiria que ele fosse posto longe de mim. Essa decisão foi da mãe desnaturada dele. Não minha. Eu tinha o direito de tê-lo comigo.

Mas por que estava com tanto medo? Por que sentia que ia fazer pessoas sofrerem?

Descansei a cabeça na janela e fechei os olhos. O sono veio e com ele imagens de um menino loiro correndo no jardim, e uma morena de cabelo com mechas loiras atrás dele. Lorena e meu filho.

E foi nesse momento que eu acordei com minha decisão tomada.

O filho era meu. E eu o teria comigo.

CAPÍTULO 21

"Mudanças eram dolorosas,
mas necessárias."

Lorena Marinho

Olhei de relance para as malas no canto e respirei fundo. Tive uma semana para pensar bastante na minha decisão e, por mais que doesse, sabia que ela era a certa. Lavei as malas para perto da porta e suspirei.

— Tem certeza? — Gabrielle perguntou, nervosa, entrando no quarto com Lucano colo. Estendi os braços para meu sobrinho e o peguei.

— Não tanto quanto eu gostaria...

— Vai ser bom, sabe? Dar um tempo, pensar, e, além do mais, essa é uma oportunidade maravilhosa. — Seu sorriso coroou seu discurso.

Eu meneei a cabeça, sabendo que ela estava certa.

— Preciso estar na rodoviária em meia hora — informei, cheirando o cabelo negro de Luca. Ele se espreguiçou em meus braços.

— Entendo sua decisão de querer ir de ônibus. — Minha irmã suspirou e se sentou. Meus olhos seguiram suas mãos, que se retorciam em seu colo.

Não estava pronta para entrar em um avião. Não sabia quando ou se um dia estaria. Assim que Rafael falou sobre comprar as passagens eu surtei e fiquei sem respirar por alguns segundos. Ele, como sempre, foi um cavalheiro e entendeu minha decisão de ir de ônibus. Rafael até tentou me fazer aceitar uma carona.

— Posso ir de carro e vamos juntos. Carona amiga — ele ofereceu enquanto conversávamos ao celular.

Eu neguei. Não por causa dele, mas por querer ficar um tempo sozinha. Precisava disso.

— Ainda é muito recente — murmurei, colocando um Luca adormecido em minha cama. — Entrei em pânico só de ouvir o Rafa dizendo que compraria as passagens. Não consigo me imaginar entrando em um avião — confessei, sentindo meu coração acelerar com o pensamento.

— Eu acho que surtaria com você. — Ela olhou para as mãos ainda retorcidas e mordeu o lábio com força. Seus olhos brilharam e eu me sentei ao seu lado. Gabby piscou e suspirou quando sentiu meus dedos entre os seus. — Não posso... — ela titubeou e eu sorri tristemente. — Não posso imaginar te perder. Eu não conseguiria...

Sua voz enfraqueceu e ela deu de ombros quando as lágrimas desceram por suas bochechas.

— Você não vai — afirmei com a voz séria e a puxei para meus braços. — Não consigo imaginar como ficou, Gabby, mas sei que eu morreria se algo acontecesse a você. Você foi tão forte, mana. Nem em um milhão de anos eu conseguiria segurar a barra de te ver numa cama de hospital e ainda ter dois filhos e um marido para cuidar. Eu me orgulho de ser sua irmã. — As palavras saíram, fazendo com que nós duas começássemos a chorar. Gabby soluçou em meu peito e eu abracei seus ombros.

— Eu te amo.

— Não mais do que eu te amo, tenho certeza.



— Então... — Kieran parou à minha frente depois de colocar minhas malas no chão. — Ainda acho que não é uma boa ideia... — Gabby pisou em seu pé e ele fez careta, se afastando dela. — Não gosto disso. De nos despedirmos. Da outra vez... — sua voz falhou e eu encarei meu cunhado ao pegar sua mão.

— Não vai acontecer nada — prometi quando me puxou para seus braços e beijou minha testa.

— Você o avisou? — Kieran questionou, ainda me abraçando.

Eu me afastei e engoli em seco, olhando para meus sapatos.

— Não...

— Talvez devesse — Gabby falou em meio a um suspiro.

— Não estou indo embora, volto logo...

— Nós sabemos. — Kieran colocou as mãos nos bolsos da calça jeans e deu de ombros. — Ele foi um idiota, mas está passando por algo doloroso...

— Como assim? — perguntei mesmo me repreendendo. Sabia que ele iria procurar o filho, mas não questionei nada a ninguém.

— Ele já encontrou o filho. O pai dele fez arranjos, o homem é quase a porra do dono dessa cidade, então foi fácil. — Kieran apertou o nariz e enrolou a cintura da Gabby com o braço direito. — O filho foi adotado por uma família aqui da cidade mesmo. Luca disse que Theo ainda não chegou a vê-lo, mas entraram na justiça pela criança.

Suas informações cortaram meu coração já machucado em pequenos pedacinhos. Não por não gostar delas, mas, sim, porque imaginava como ele devia estar se sentindo. Theo era um homem

de coração enorme, sabia que ele devia estar dividido entre ter o filho e fazer as pessoas que o criaram até aqui sofrerem.

— Meu ônibus vai sair daqui a uma hora. Vou ligar — eu disse, mesmo sabendo que por dentro estava apavorada. E se ele não atendesse? E se atendesse e pedisse que eu não fosse?

Balancei a cabeça espantando os “eses” da mente. Não precisava de motivos para dar para trás.

Kieran e Gabby se despediram de mim e logo estava sentada em uma das muitas cadeiras disponíveis na rodoviária. Segurei meu celular entre meus dedos e apertei o único botão do aparelho para ele ligar. Deslizei na tela e fui às chamadas, vendo as diversas ligações de Theo que não atendi. Agora me perguntava se em alguma dessas vezes ele estava mesmo precisando de mim. Engoli o nervosismo e disquei seu número. O silêncio passou e o som da chamada ressoou em meu ouvido.

Quando a chamada estava perto de cair na caixa postal eu desliguei. *Eu tentei. Ele deve estar ocupado, por isso não ligarei mais.*

Deixe de ser uma medrosa estúpida. Ligue, Lorena, e se Theo não atender, deixe uma mensagem. Sua cabeça não vai cair por isso.

Rolei meus olhos para a minha consciência, mas fiz o que ela me disse. Liguei novamente. Chamou até cair na caixa postal mais uma vez, mas dessa vez esperei o bipe me avisar que podia falar.

— Oi. É a Lorena, liguei para saber como está e avisar que estou indo passar um tempo em São Paulo. É uma oportunidade única e achei que... — Minha voz se perdeu e eu respirei fundo tentando me recompor. — Enfim, só queria dizer isso. Boa sorte com Thomas. Você vai ser um pai espetacular. — Eu cliquei em desligar e mal percebi as lágrimas descendo por minhas bochechas.

Guardei o telefone na bolsa e limpei meu rosto, tentando encontrar sentido no que acabei de fazer. Sabia que ele seria um bom pai. Eu nunca pensei em filhos com Theo, mas ter filhos,

marido... uma família foi o que respondi quando perguntou meu maior sonho naquele dia no avião.

Eu nem mesmo sabia, mas eu queria realizar meu maior sonho com ele.

Sempre com ele.

Passei quinze minutos ainda sentada, tentando pensar em alguma coisa que não fosse Theo e Thomas, mas parecia ser algo impossível. Quando o ônibus chegou e os passageiros começaram a subir, eu levei minhas malas para perto.

Enquanto me sentava na poltrona confortável e grande, meu celular começou a tocar. Meu peito acelerou e tentei respirar calmamente enquanto atendia a ligação.

— Alô — comecei com a voz rouca.

— Não acredito que está indo para longe de mim. — Sua voz era raivosa, mas se partiu no final da frase.

— Estamos longe um do outro morando na mesma cidade, Theo. — Eu o lembrei, fechando meus olhos e descansando minha cabeça no travesseiro de pescoço que eu trouxe.

— Você, porra, você estava longe de mim! — ele gritou, embolando a fala. Eu me perguntei se ele estava bebendo. — Eu te amo! O que quer mais? Amor é suficiente, sim! Sempre é! Tudo se ajeita quando nos amamos. Por que seu amor por mim desmoronou quando tudo ficou tão pesado? Era amor mesmo?

— Não diminua o que sinto. Eu te amo. Theo, eu amo tanto que cada respiração longe de você faz meu peito se comprimir. — Eu engoli um soluço e levei minhas mãos aos meus lábios para não fazer barulho.

— Não! Parece que você gosta de me ver sofrer. É algum tipo de masoquismo? Você ainda é aquela cobra peçonhenta de anos atrás? É isso? — Suas palavras me causaram nojo.

— Nunca vou gostar de ver seu sofrimento...

— Então venha para casa. Por favor, venha para casa e junte os cacos do meu coração, que se partiu com nossa separação. Cole-os, me faça parar de beber cada vez que entro em meu quarto e você não está entre meus lençóis.

Seu soluço cortou meu peito enquanto eu tentava respirar, mas minhas lágrimas estavam ficando cada vez mais intensas.

— Eu daria tudo para ir, mas...

— Não, Medusa...

— Preciso de tempo. Nós dois precisamos.

Eu desliguei sem esperar resposta e, novamente, em meio ao meu desespero, mordi meu lábio até sentir o gosto metálico do sangue enquanto limpava as lágrimas que desciam por meu rosto.



Levei dois dias para desfazer as malas. Não sabia ao certo o motivo, mas meu corpo se retesava toda vez que eu me aproximava da mala. Demorei mais dias para alugar um carro e mais alguns para ir até a galeria. Na verdade, estava devagar em tudo. Parecia até que diminuí minha velocidade normal.

O sangue que deveria correr pelos meus dedos sumiu assim que comecei a andar até o prédio enquanto apertava a bolsa nova entre eles. Joguei meu cabelo para o outro lado e dei meu melhor sorriso à recepcionista.

Rafael não estava brincando quando falou que tinha espaço. O apartamento em que me colocou era enorme, e o lugar onde trabalharia pelos próximos dias fazia meus lábios se abrirem em choque. Havia várias paredes em vermelho e branco separando o cômodo grande. Cada parede tinha um quadro, dando um charme incrível ao labirinto formado.

— Lorena! — Rafael desceu a escada que levava a um segundo andar, que eu acreditava que devia ser ainda mais

impressionante.

— Rafael. — Dei-lhe um pequeno sorriso quando seus lábios tocaram minha mão num gesto cavalheiresco.

— Está bem acomodada? — Ele se afastou e eu o segui pela galeria enquanto mostrava o salão.

Babei em diversos quadros e o vi me mostrar orgulhoso o trabalho de vários pintores. Sorri ao ver um dos quadros que ele comprou na exposição da Gabby.

— Já vendi ele. Ganhei uma fortuna, por sinal. O comprador vai levá-lo em breve. — Sua informação me fez aquiescer com um sorriso bobo no rosto.

Passei mais alguns minutos com Rafael no salão, mas logo ele me encaminhou para o piso superior. Havia várias portas, e na primeira à direita, Rafael parou e a abriu. Engoli em seco, observando o ateliê com uma infinidade de pincéis, telas, tintas, cavaletes... todos os materiais de pintura que existiam. Tentei parar minhas mãos, mas quando percebi já estava segurando vários pincéis e cheirando as tintas.

Não sabia o exato momento em que meu chefe saiu do ateliê, mas eu o ouvi dizer que aproveitasse o restante do dia para conhecer meu novo local de trabalho. Então, foi o que eu fiz.



— Você é nova por aqui?

Ouvi uma voz suave perguntar antes de ver a recepcionista sorrindo.

— Sim. Sou a pintora nova — expliquei, tentando ser sociável. Nunca fui boa em fazer amizades. Não gostava de rir para estranhos, então nunca existia abertura para alguém conversar comigo.

— Ah, Lorena, é isso? — Seu sorriso cresceu e eu acenei, me encostando no balcão.

— I sso mesmo.

— Rafa falou muito de você. — Seus dedos colocaram o cabelo loiro-claro atrás da orelha. — Ele adorou seu trabalho. Fora que vi seus quadros. Você é talentosa. — Seus olhos brilharam, eu conhecia um adorador de arte na minha frente quando o via. — A propósito, eu sou Carol. — Quando ela deu a volta no balcão, suspirei ao ver sua barriga inchada.

— Prazer, Carol, fico feliz que tenha gostado do meu trabalho — eu disse, apertando sua mão estendida e recebendo, surpresa, seu abraço.

— Se quiser ajuda para conhecer a cidade, estou as ordens. — Ela se afastou e seu sorriso murchou ao olhar para meu rosto. — Ou talvez, não. Eu sei, sou muito invasiva. — Seus lábios finos se apertaram e eu balancei a cabeça.

— Não! Eu adoraria. — Sorri, tentando dissipar seu desconforto.

— Já fez uma amiga, Lorena? — Rafael surgiu na porta que dava acesso ao salão. Seus olhos voaram para Carol e seus lábios se esticam com a maior vontade. — Carolina. — Seus olhos percorreram o corpo dela e eu engoli em seco, sentindo uma tensão.

— Rafa. — As bochechas dela coraram e Carol voltou para trás do balcão.

— Como está? Os enjoos pararam? — ele questionou, se encostando.

Eu temia estar ouvindo uma conversa que não me pertencia, porém, fiquei parada escutando tudo.

— Sim, diminuí ram — ela afirmou com um suspiro que eu sabia que era de felicidade e alí vio.

— E nosso menino? Está mais calmo hoje? — Arregalei os olhos quando ouvi o nosso. Uau. Eles eram um casal? Sorri involuntariamente e Carol balançou a cabeça, olhando para mim. Eu franzi as sobrancelhas sem entender.

— Sim. Bem mais calmo. É à noite que ele não se aquieta — ela murmurou enquanto sua mão descia até sua barriga e a acariciava.

— Entendo. — Ele abriu e fechou a mão em cima do balcão, olhando para a barriga da Carol, e por fim, a fechou em punho, levando-a até a boca e mordendo. — Preciso ir. — Ele se afastou e sorriu para mim ao passar. — Até amanhã, Lorena.

— Até, Rafael.

Eu apertei a alça da minha bolsa, tentando entender o que aconteceu e esperando a tensão se dissipar.

— É, eu já vou. — Decidi, voltando a encarar Carol.

— Oh, por favor, me passa seu número. Hoje vou a uma hamburgueria e você poderia ir comigo. Estou com desejo desde que acordei. — Ela mordeu o lábio.

Sorri, sem entender minha súbita vontade de ir.

— Claro. É só me passar o endereço por mensagem.

— Obrigada! — Seu sorriso era enorme, e pela primeira vez, eu me perguntei quantos anos Carol tinha. Seu sorriso era de adolescente, não de uma mulher. Afastei o pensamento e passei meu número, saindo de lá em seguida.

CAPÍTULO 22

'Um filho.'

Theo Medeiros

— De onde saiu tanta tralha? — Ricardo questionou assim que pisou em minha sala.

— Fiz uma limpa em tudo hoje. Você não sabe a quantidade de porcaria que guardei pensando que um dia eu precisaria e nunca precisei de fato — eu disse, carregando mais uma caixa com papéis que estava no meu escritório.

— Nunca pensei nisso. — Ele franziu o cenho e suspirou, arregalando os olhos. — Devo ter o dobro de tralhas que você...

— Isso eu posso confirmar. Começando por aquele armário ridí culo na sala.

— Ei!

— Não tem utilidade, fora que destoa da decoração do seu apartamento — continuei sem dar atenção para seu resmungo.

— O quê?! Não! Ele é maneiro. Tenho certeza de que um dia vou precisar dele em outro cômodo e não precisarei comprar merda nenhuma, pois estará lá. — Ele arqueou a sobrancelha e eu sorri, balançando a cabeça.

— Viu?!

Deixei as caixas fora da porta e pedi para o porteiro vir buscá-las. Não demorou e logo apareceu, levando tudo embora.

— Então, como está levando a história de ter um filho? — Ricardo enfiou as duas mãos nos bolsos do jeans enquanto se balançava para frente e para trás de pé.

— A verdade? — Olhei para meu irmão e ele suspirou acenando. — Estou apavorado.

— Eu estaria, no seu lugar. Porra, cara, como você se atreve a ter filhos antes de mim? — ele brincou, se sentando no sofá enquanto eu fazia o mesmo na minha poltrona.

— Sou mais homem que você, então...

— Vá se foder!

— Não planejei nada. Se eu tivesse...

— Seria com o elefante branco na sala — ele completou sério.

Engoli em seco, apertando meus dedos.

— Sim. Seria com Lorena — murmurei, me rendendo.

Ela estava em São Paulo. Foi para lá há alguns dias e eu estava tentando não ligar. Tentando dar o tempo que pediu. Mas nunca imaginei que seria tão difícil.

— Ela não voltou atrás?

— Não. Eu acho que Lorena está tentando provar a si mesma que pode se cuidar sozinha. Eu não sei. Sempre achei que se incomodava em...

— Você ser o alicerce dela? De ela se escorar em você...

— Não... quero dizer, não se escorar, mas sei que ela queria se sentir mais segura. Ela quer se firmar na vida sozinha. Só depois, eu acho, vai me querer de volta. Espero que sim, na verdade.

Eu tentei sorrir, mas o latejo no meu peito não fez muito para meu teatro fingido.

— Ela vai.

— Preciso que sim.

Meu celular tocou no quarto e eu fui para lá tentando controlar a ansiedade. Cada vez que alguém me ligava, eu pensava que era Lorena. Isso era uma merda tremenda.

— Alô? — respondi, suspirando ao atender meu pai.

— Eu o encontrei. Estou te enviando fotos dele e o endereço, mas, Theo...

Minhas pernas perderam o equilíbrio e eu desabei ao lado da cama. Meu peito apertou e eu olhei para a tela, vendo que chegaram mensagens do meu pai.

— Não vá até lá e, se for, não seja visto. — A voz dele ecoou no viva-voz e eu pisquei, tentando controlar meus sentimentos.

— Obrigado, pai.

Desliguei e cliquei na tela para abrir as fotos. Encarei meus dedos trêmulos e suspirei, tentando focar minha atenção no garotinho loiro na tela.

Seus olhos eram azuis como os meus, seu cabelo liso e esbranquiçado me fez sorrir. Toquei seu rosto e no mesmo instante tive a certeza de que sim, Thomas era meu filho. O queixo pontudo, olhos pequenos. Deus, ele era eu quando pequeno.

— Quem era? — Ricardo perguntou.

— O papai — resmunguei e lhe entreguei meu celular — Ele encontrou o Thomas. — Esfreguei meu rosto, me erguendo e correndo para o banheiro.

— Ei! Cara, ele...

— É meu? — gritei do banheiro, deixando a porta aberta.

— Porra, completamente. — Escutei o sorriso na voz do meu irmão e suspirei, concentrando minha atenção em tomar banho.

Minutos depois eu saí, já indo para o closet. Puxei um jeans e blusa de manga longa preta e me vesti enquanto Ricardo ainda

encarava meu celular. Fiquei feliz ao ver seu olhar alegre e emocionado.

— Você vai contar a ela? — meu irmão perguntou.

Fechei meus olhos por um momento.

— Ainda não. Não preciso da intromissão dela. Bea já fez estragos demais.

— Você a colocou em um hotel?

— Sim. Coloquei, mas somente porque estava na rua. Sei que eu não deveria me importar, mas ela está doente — resmunguei, ainda tentando entender se fiz certo.

— Lorena sabe?

— Não, mas vou contar. Não preciso de mais segredos. O último a tirou de mim.



Estacionei em frente a uma casa dentro de um condomínio e suspirei ao ver que estava duas casas abaixo da que Thomas morava. Engoli meu nervosismo e baixei meu vidro, sorrindo para algumas pessoas.

Entrar não foi lá muito fácil, mas eu consegui dobrar o porteiro. Olhei para a frente e vi quando uma mulher baixinha saiu da casa segurando a mão de uma criança. O cabelo loiro me fez respirar profundamente.

Thomas.

— Venha, querido. — A voz dela era doce.

Engoli em seco quando ele sorriu correndo para o jardim. Ela se sentou de frente para algumas flores enquanto Thomas brincava com um carrinho ao seu lado.

Ele balbuciava sílabas desconexas e ela ria cada vez mais alto.

— Carrinho — ela falou pausadamente enquanto ele a encarava.

— Cainho.

— I sso mesmo. — Ela o encorajou com um beijo.

Fechei meus olhos, sentindo meu peito doer.

— Mama...

Parei de respirar nesse momento. Meu coração doeu ao imaginar que ele podia chamar o marido dela de pai. Ele era meu.

Meu Thomas.

O latejo incessante do meu coração me fez ligar para *el a*

E quando as chamadas não foram atendidas, percebi o quanto sua presença me fazia falta. Como eu a queria aqui.



Lorena Marinho

Depois que cheguei ao apartamento, eu fiquei na sala olhando para a tevê ligada. O seriado de comédia deveria me fazer rir, mas era incrível como nem mesmo as piadas de *Fri ends* me deixavam com humor melhor.

Mordi a ponta da minha unha e constatei tristemente, ao ouvir um clique, que a quebrei por inteiro. Droga! Acendi a tela do meu celular e suspirei ao ver duas chamadas não atendidas de Theo. Será que aconteceu algo? Estava ali há alguns dias e não falei com ele depois que viajei para São Paulo.

Mesmo sabendo que era uma péssima ideia, telefonei de volta.

— Lore? — Sua voz soou distante, ele parecia um pouco aéreo.

— Uhm, sim. É que você me ligou... está tudo bem? — Me sentei mais ereta no sofá, apertei o mudo no controle remoto e a tevê silenciou.

— Eu o vi...

— E como ele é? — Minha voz saiu baixa, mas carinhosa.

Não tinha como saber o que estava sentindo, mas eu conhecia esse homem. Sabia o quão emotivo e bondoso ele era. Theo devia estar sofrendo.

— Um mini Theo. — Ouvi o sorriso em sua voz e me deitei no sofá, tentando respirar controladamente. — Ele é loiro como eu, tem meus olhos. Definitivamente, ele é meu filho. — Sua certeza me fez engolir em seco.

— Estou muito feliz por você. Muito mesmo — afirmei, apertando o celular. Eu não menti. Amava esse homem e sempre iria prezar por sua felicidade. — E como o encontrou tão rápido?

Não fazia mais de um mês que ele descobriu sobre o filho – e que nós terminamos –, então a pergunta era válida.

— Meu pai. — Sua voz ecoou repleta de admiração. — Eu odeio, quero dizer, odiava que todos sempre quisessem fazer o que ele queria. Mas nunca fiquei tão grato por sua popularidade entre os mais ricos da cidade quanto nesses últimos dias.

— Eu também agradeceria se fosse você.

— Pois é. Ele contratou detetives particulares, conversou com muita gente. Até com o juiz que trabalhou na adoção do Thomas. Ele o encontrou e hoje mesmo fui à casa da família...

— Que o adotou.

— Isso. — Ele respirou fundo, notei a tremulação em sua voz — Ele brincava no jardim da casa com uma mulher mais velha. Ele sorria e ela estava ensinando-o a falar outras palavras.

— Oh, Theo.

— Ele a chamou de mama. Eu ouvi e me pergunto se ele chama o marido dela de pai. — Senti sua agonia só em ouvir suas palavras.

— Talvez sim, mas ele vai ser sortudo, sabe? — Comecei devagar, engolindo em seco e ouvindo sua respiração forte. — Ter dois pais que o amam loucamente vai ser incrível. Thomas vai ser um menino de ouro. — As palavras saíram sem filtro e era verdade.

Ter pais irresponsáveis e mal-amados me fez essa pessoa louca e neurótica. Thomas seria cuidado por pessoas que o amavam.

— Eu... fico imaginando o que ela vai sentir quando souber de mim. A mulher, sabe? Não quero fazer ninguém sofrer, só quero meu filho. Ele é meu, a decisão de deixá-lo no orfanato não foi minha...

— Não precisa se justificar. Não para mim, Theo. Eu te conheço, sei que nunca quer ferir ninguém. E sim, ele é seu. Você tem todo o direito de brigar por ele.

Seu silêncio me fez pensar se eu deveria deixar tudo para trás e ir cuidar dele.

— Só... eu preciso desligar. — Sua voz se firmou e eu mordei meu lábio, sentindo meus olhos ficarem úmidos.

— Qualquer novidade me liga. Não quero deixar de fazer parte da sua vida. Sei que estamos longe, mas... eu te amo.

— Eu sei... — Ele se calou e eu comecei a me preocupar

— Você acha que acabou? — Minha voz se partiu e apertei o celular.

— Eu acho que errei, você pediu um tempo e correu pra longe. Não sei como a gente pode encontrar um meio termo nisso tudo, Medusa.

— Também não sei, na verdade...

Depois de um silêncio prolongado, ele respirou fundo.

— Obrigado por falar comigo. Fique bem.

Theo desligou e eu joguei o celular no outro sofá como se fosse o causador da minha agonia. Porém sabíamos que os únicos culpados éramos eu e o Theo. Quem mandou ele mentir? E quem mandou eu correr?



Carol me fez esperar alguns minutos, mas logo surgiu na hamburgueria. Sua barriga estava coberta por um vestido preto de alcinha que ia até seus joelhos e era apertado em todo corpo.

— Oi! Desculpa pelo atraso, eu me enrolei para conseguir calçar as botas. — Ela sorriu, colocando o cabelo loiro e ondulado para trás da orelha. — Sério, está sendo um inferno tentar colocar sapatos. — Ela gemeu e eu sorri, acenando.

— Eu imagino que sim. Com uma barriga dessas eu também teria muita dificuldade — brinquei e ela consentiu, esfregando a parte superior da barriga.

— Então, você é de onde?

— Rio — respondi antes de tomar um gole do milk-shake que pedi.

— Você veio para ficar mesmo ou...

— Vou embora daqui a algumas semanas, na verdade — expliquei, esfregando minhas mãos nas mangas do casaco. Estava morrendo de frio.

— Eu sempre morei por aqui. Nunca viajei para fora desse lugar. — Ela sorriu contida e eu me inclinei em sua direção.

— Se quiser passar uma temporada no Rio, vou amar te abrigar. — Eu ofereci de bom grado e seus olhos se arregalaram em euforia.

— Sério?

— Claro. Meu apartamento é pequeno, mas amaria.

— Eu adoraria... — Seu sorriso murchou como se ela tivesse se lembrado de algo. — Mas depois que o bebê nascer não poderei sair daqui tão cedo. — Ela engoliu em seco e eu arqueei a sobancelha.

— Por que não? Eu te ajudo a cuidar dele lá. Você não vai ficar sozinha...

— Não é por isso. — Carol encarou seus dedos e depois sorriu para mim. — O pai do bebê nunca me deixaria levá-lo para longe.

— Ah. Entendo. — Eu murchei com a ideia também. — Faz muito tempo que trabalha com Rafael? — questionei, tentando deixar minha curiosidade de lado.

O jeito como ele falou *nosso meni no* ainda martelava em minha cabeça.

— Sim. Seis anos, para ser exata. — Sua voz tremeu.

O garçom chegou para fazer nossos pedidos. Depois que ele foi embora, Carol bebeu sua água rapidamente, tentando não me encarar.

— Não vou te perguntar nada. Relaxa — eu disse de maneira firme.

— Meu bebê é dele — ela afirmou ao me encarar e respirar fundo. — Eu sou completamente apaixonada por aquele homem e sei que ele sente o mesmo por mim. — Seu queixo tremeu e seus olhos se encheram de lágrimas. — Só ficamos uma vez. Ele estava bêbado e foi até a minha casa. Eu não suportei seus pedidos de beijos e fiquei com Rafael aquela noite. E ela resultou na criança que carrego em meu ventre. — Ela limpou seu rosto e deu um sorriso triste.

— Mas por qual motivo não estão juntos? — questionei, sem entender.

— Ele é casado.

CAPÍTULO 23

"Não o ter por perto dói mais do que
um dia imaginei."

Lorena Marinho

Carol mordeu seu lábio enquanto eu permanecia calada.

— A esposa dele sofreu um acidente no dia em que ficamos pela primeira vez. Hoje ela é completamente dependente de outras pessoas. — Seu lábio continuou sofrendo pelos seus dentes enquanto falava. — Não pense mal do Rafael. Ele é o melhor homem que já conheci. Foi só aquela noite e nunca mais nos tocamos. Rafa sequer pegou em minha barriga, pois eu não acho certo. — Ela suspirou e fechou os olhos.

— Oh, Carol... eu nem sei o que falar. — Segurei sua mão e a apertei, tentando confortá-la.

— Na verdade, você continuar aqui sentada depois do que falei, já é muito. Todo mundo se afastou de mim. Sou considerada a amante do chefe, mas eu só o toquei uma vez. Nada além de respeito é o que demonstro na frente das pessoas, mas ainda assim sou vista como uma prostituta. Nunca quis isso. Quando Rafael acordou aquela manhã, eu falei que não iria ser sua amante. Ele afirmou que iria terminar o casamento. Que a gente poderia ficar junto depois do divórcio. — Seus olhos correram para a porta e ela

engoliu em seco. — Você avisou a ele que viria aqui? — Sua pergunta foi um lamento.

Neguei com a cabeça e me virei, vendo-o entrando com um homem ao seu lado. Rafael localizou Carol no momento em que seus olhos varreram o local. Seu rosto passou de sério para preocupado em questão de segundos.

— Seu rosto está todo manchado de lágrimas. Vem, me deixe ajudar. — Eu tirei um lenço umedecido da bolsa e limpei sua pele. Infelizmente, por ela ser muito branca, seu nariz e bochechas vermelhos denunciavam seu choro.

— Obrigada. — Ela sorriu quando o garçom deixou nossos pedidos na mesa.

— Carol? — O garçom sorriu para ela, e quando ela o reconheceu, se levantou e sorriu novamente.

— Ramon. Quanto tempo. Já vim aqui outras vezes, mas nunca te vi. — Depois que os dois se cumprimentaram com um abraço, o rapaz viu a barriga proeminente dela.

— Um bebê, hein? — Ele estendeu a mão para a barriga, mas a palma ficou suspensa no ar.

Eu me surpreendi ao perceber que Rafael estava ao seu lado, segurando o pulso com tanta força que a mão do homem estava branca.

— Não toque nela. — A voz do meu chefe estava tão diferente. Parecia a do meu Theo quando estava furioso.

— Solte meu amigo, Rafael. Agora! — Carol ordenou, com as mãos fechadas. O pai do filho dela se afastou e o garçom sorriu sem jeito para Carol e se desculpou.

— Não tem por que se desculpar. Foi bom te ver, Ramon.

Ele se retirou e ela se sentou, deixando um Rafael em pé e desnordeado.

— Desculpa — ela pediu. Balancei a cabeça, descartando isso.

— Carol. — Rafael ficou ao lado da mesa e me olhou de relance, me dando um sorriso. — Precisamos conversar — ele anunciou, fazendo-a fechar os olhos e balançar a cabeça.

— Não estou no meu horário de trabalho, e eu já deixei bem claro que é apenas das sete da manhã até as quatro da tarde que falo com você. Vai embora. — Sua voz era firme, bem diferente da de momentos atrás.

— Por que estava chorando? Está sentindo dor?

— Está vendo, Lorena? — ela falou comigo. Arqueei a sobrancelha em questionamento. — Como eu consigo? Olha o que ele faz? É um homem das cavernas em um momento, e no outro, preocupado. — Ela leva as mãos ao rosto e suspira. — Rafael, vá embora. Como diabos me encontrou aqui?

— Ele te rastreia. — Pela primeira vez, a voz do outro homem surgiu e eu me virei para olhar. Tão loiro quanto Theo. Senhor, que saudade do meu *St arboy*.

— Você o quê? — Ela se ergueu enquanto Rafael encarava o amigo com ódio.

— Cala a boca, Fabrício — ele rugiu. Olhei para os lados, vendo que as pessoas estavam começando a olhar para nós. — É para sua segurança. — Ele se justificou.

Suspirei, a novela só estava começando.

— É isso que você repete para si mesmo para amenizar sua loucura?

— Oi? — Uma quinta voz surgiu. Uma negra com cabelo enrolado que caía aem cascata em seu ombro, os lábios grossos e o sorriso gentil, se sentou na cadeira ao lado da minha. Ela pegou as batatas do lanche da Carol e sorriu para mim. — Você deve ser a Lorena. — Sua voz era baixa, quase não a escutei.

— Karen, onde estava? — Carol perguntou, voltando a se sentar.

— Peguei trânsito. — Ela deu de ombros e Carol suspirou.

— Lorena, essa é minha irmã, Karen.

— Irmã? Vocês são muito diferentes — murmurei, de olhos arregalados.

— Pois é. — Elas riram.

— Karen, oi — Rafael a cumprimentou, sentando-se também enquanto o loiro se acomodava na ponta da mesa, ao lado de Karen.

— Olá, Karen — Fabrício falou.

Ela bocejou, esfregando o rosto.

— Oi, meninos. Tchau, meninos. Hoje estamos tendo uma noite de meninas, então saiam daqui por aquela porta sem fazer barulho. — Ela sequer olhou para eles ao falar isso, mas os rapazes logo se ergueram e saíram do lugar

— Nossa, hein!?

— Eles a respeitam. — Carol sorriu.

— Então, eu menti. — Karen começou a dizer. — Não foi o trânsito. Eu quase topei com o Fabrício e fiquei meia hora lá fora. Vi toda a cena do mongoloide do Rafael.

— Karen! — Carol arquejou chocada e eu me acabei de rir com as duas discutindo.

— Ah, Carol, por favor, você sabe que... Desculpa, Lorena, eu sou louca por um loiro, e o Fabrício está no meu radar há tanto tempo. — Suas bochechas coraram e sua voz saiu superbaixa.

— Eu te entendo. Também sou louca por um loiro. — Pisquei e sorri ao me lembrar de Theo.

— Ah, você namora! — Carol afirmou, sorrindo.

— Namorava, mas sabe quando você tem certeza de que aquele relacionamento nunca morre? Sou eu e Theo. — Suspirei, explicando.

O resto da noite as duas me fizeram rir enquanto comia o melhor sanduíche da minha vida.

DUAS SEMANAS DEPOIS

— Como os meninos estão? — questionei a Gabrielle, vendo Nico brincando na sala e Luca sentado no colo da minha irmã, chupando seu dedo.

— Ó tims. Nico estava resfriado, mas já está melhor. — Ela cheirou o cabelo de Luca e eu senti meu coração apertar com saudade.

— Oi, Lorena! — Alí ciaapareceu no fundo e eu sorri para ela.

— Oi. Como estão os gêmeos? — questionei, vendo um deles em seus braços.

— Estão bem. Obrigada.

Logo ela se retirou e eu voltei a falar com minha irmã.

— E a sua exposição? Já marcaram a data?

— Sim! Rafael ficou comigo até tarde ontem... — Minha voz animada cessou assim que vi Theo entrar na casa e parar de andar ao me ouvir. — Theo.

— Lorena. — Ele acenou e pegou Luca dos braços da minha irmã, sumindo em seguida.

— Por que não me disse que ele estava aí? — perguntei, mordendo meu lábio. Quando senti o gosto metálico de sangue na boca, eu passei minha língua, tentando amenizar a dor

— Ele chegou agora. Não estava aqui — ela se defendeu.

Abracei minhas pernas, deixando o notebook na mesa da cozinha.

— O.k.

— Vocês ainda não voltaram?

— Não. Eu acho que conversaremos quando eu voltar. — Dei de ombros fingindo não me importar, mas minha irmã sabia muito bem como eu estava triste.

— Posso conversar com ele...

— Para quê? Eu pedi um tempo. — murmurei, tentando me concentrar em outra coisa que não fosse Theo na casa da minha irmã com seus amigos.

— Eu acho que vocês deveriam parar com isso. Sei que ele mentiu, isso é doloroso, mas Theo está passando por um processo de guarda do filho, isso é muito para um cara que não tinha ninguém que dependesse dele dias atrás. — Gabby suspirou.

— Eu sei. — Descansei minha cabeça em meus joelhos. — E como anda o processo? — perguntei, preocupada. Não tive muitas notícias dele depois da conversa ao celular semanas atrás. O máximo que nos falamos foi por mensagens.

— A audiência foi marcada para o mês que vem.

Eu acenei e me perguntei se já estaria em casa no dia da audiência. O mais provável era que sim.

— Minha exposição é daqui a uma semana — avisei e ela sorriu.

— Me passe a data certinho. Nós iremos. — Ela bateu palmas, alegre, e eu sorri.

— Obrigada. Estou com saudades de vocês.

Gabrielle desligou depois que Kieran me deu um oi. Deixei meu notebook em cima da mesa e me afastei, indo para a sala. A tevê estava ligada, e quando coloquei no YouTube, a voz de Sam Smith ecoou pela sala.

E quant o mais você me machuca, menos eu choro

A cada vez que você me deixa, mais rápido as lágrimas cessam^[2]

Essa música era tudo que eu queria ser. Queria ser boa em despedidas de verdade, queria poder parar de amar a cada vez que me machucava. Porém não era possível.

Mudei a canção e me deparei com Starboy, de The Weeknd. Sorri pelo apelido que coloquei nele, mas vi o quão diferente o cara

da música era do Theo. Totalmente diferente.

Mudei a canção também e sorri ao ouvir a voz de Bebe Rexha. Eu deixei a música levar meu corpo.

You're sayi n' t that your ti red of al l your empty habi t s
(Você está di zendo que está cansado de todos os seus hábi t os vazi os)

You want somet hi ng t hat' s deeper

(Você quer al go mai s prof undo)

'cause you' re over t he generi cs

(porque está cansado dos genéri cos)

You' re fucki n' wi t h t hem basi cs

(Você está f odendo com as bási cas)

when you real l y want t he baddest

(quando real ment e quer as más)

So come on, baby, get i t , 'cause t o mi ss i t

(Ent ão venha, baby me pegue, porque perder i sso)

i t woul d be t ragi c

(seri a t rági co)

Caí sentada no sofá e suspirei ao ver que mesmo me sentindo feliz, as lágrimas desciam por meu rosto. O amor é uma grande merda. Ele te sufoca e te prende de uma maneira completamente insana. Amar é mais que complicado, é assustador.

Tomei banho e me arrumei rapidamente. Assim que terminei de passar batom, minha campainha tocou e meu notebook começou a vibrar com uma chamada de vídeo.

Corri para abrir a porta para Carol. Í amos comprar algumas roupas para o bebê dela e alguns casacos para mim

— Oi! Fique à vontade. Vou atender uma chamada de vídeo
— gritei, deixando-a parada na porta enquanto corria para a cozinha.

— Obrigada pela recepção calorosa! — ela gritou, rindo.

Me sentei à mesa, atendendo a chamada. Nem mesmo olhei quem era, mas quando encarei o homem do outro lado, eu engoli em seco.

Theo esfregou os olhos e apertou o nariz enquanto tentava não olhar para mim.

— Minha irmã mandou você me ligar? — perguntei, tentando fazer minha voz soar firme.

— Não. Gabrielle manda em Kieran, não em mim. — Sua voz soou rouca e cansada.

— Como você está? — Me sentei na beirada da cadeira, tentando me aproximar mais. Em vão.

Meu peito doí ade saudade. Theo me completava como nada no mundo. Seu sorriso, seu toque, seu corpo, tudo nele me fazia sentir inteira. Eu o amava muito mais do que deveria.

— Bem — ele respondeu, ainda sem olhar para a tela. Sua atenção estava em suas mãos.

— Por que me ligou, Theo?

— Por que me ligou, Lorena?

— Vai devolver minhas perguntas? — perguntei, bufando. Minha voz saiu brincalhona, mas eu percebi que ele não estava a fim de brincar comigo.

— Vai ficar me fazendo perguntas tolas? — Seus olhos me encontraram e varreram meu rosto maquiado, minha blusa e casaco por cima. — Engraçado... — Ele riu de lado, mas seu sorriso era cruel.

— O que é engraçado?

— Você, Lorena! Eu estou na merda completa e você aí, pronta para sair no sábado à noite. Foda-se, não sei por que diabos te liguei — ele rugiu enfurecido.

Eu abri e fechei a boca, tentando entender o que estava acontecendo.

— Theo, eu não...

— Curta sua noite, Lorena. Essa porra acabou. — E ele desligou.

Não percebi as lágrimas descendo por meu rosto até que senti os braços de Carol em volta de mim. Limpei meu rosto com força e senti minha nova amiga se afastar.

— Quem ele pensa que é? Co-como pode me dizer isso? — questionei enquanto ligava de volta. — Ele vai me escutar.

Carol se sentou na cadeira, ficando atrás do notebook, enquanto a ligação era completada. Quando pensei que não fosse atender, ele apareceu.

— Lorena.

— Você não pode me ligar, ver que estou arrumada e sair tirando conclusões idiotas. Vou sair sim, com minha amiga grávida para fazer compras. E se não quiser mais ir, não vou, mas será uma decisão minha. Você me machuca porque quer. — Limpei meu rosto e pisquei. — Está ruim para você? Eu não sei, pois não estou aí, mas para mim também está, estou sozinha numa cidade que não conheço, com saudades do homem que eu amo, mas que mentiu para mim e escondeu que já comeu a minha amiga. Não me coloque como vilã dessa merda. Eu já fui vilã, Theo, e você não quer que eu volte a ser na nossa história.

— Sabe por que não atendi suas ligações? — ele questionou, ainda completamente calmo. Nem um pouco abalado pelo meu desabafo. — Porque eu estava com a Bea.

— Era mais fácil você ter apenas arrancado meu coração, Theo.

Desliguei e limpei meu rosto novamente, me levantando.

Theo podia dormir com quem quisesse, mas jogar isso na minha cara era baixo até para ele.

— Vamos, Carol — chamei, pegando minha bolsa e indo em direção à porta.

— Acho que deverí amosficar aqui e fazer a noite do pijama — Carol murmurou, mas descartei sua ideia com um gesto de mão.

— Eu preciso de casacos. Aqui faz muito frio. — Tentei sorrir, mas ela puxou minha mão e me fez sentar.

— Sério, Lorena. Vamos ficar aqui, tudo bem? Eu estou desejando comer brigadeiro e você pode fazer para mim. — Ela sorriu e se deitou no outro sofá. — Saiu uma nova temporada de TO podemos assistir.

— Claro. Vou fazer o brigadeiro.

No final da noite, eu e Carol estávamos enroladas no sofá quase dormindo.

— Vocês se amam. — Ela bocejou e se cobriu mais ainda com o cobertor. — O tempo cura tudo, sabia?

— Sabia. — Suspirei e encarei o teto. — Você gostaria que o Rafael deixasse a mulher e ficasse com você?

— Não sei. Às vezes, sim, mas na maioria eu não quero. Ela precisa mais dele do que eu.

Tudo que sempre acreditei querer era um cara que me amasse. Achei que Theo fosse essa pessoa, mas depois de hoje, nosso amor pareceu vago demais.

Não queria um amor vazio, queria que transbordasse, que inundasse.

Precisava de mais, e se Theo não era esse amor ia ficar despedaçada, mas sobreviveria.

Sobreviveria por mim.

CAPÍTULO 24

"Não quero machucar ninguém.
Só quero ser o pai dele."

Theo Medeiros

Dias ant es...

Era um dia chuvoso quando ela descobriu.

Eu estava lá.

Eu a vi chorando enquanto abraçava Thomas. Eu me odiei ao ver seu sofrimento, mas o que deveria fazer? Abrir mão do meu filho? Não mesmo.

— Ele é sua cara mesmo — Luca disse quando o levei para ver Thomas.

Thomas costumava brincar em um parque fora do condomínio em que morava. A mãe adotiva dele, I sabel, levou-o até lá dias depois de saber que teria uma audiência de custódia. Eu fui com Luca e fiquei esperando, e momentos depois, ele chegou com ela.

Meu celular tocou em cima da mesa e eu tirei os olhos do computador para ver o nome de Bea na tela. Eu a mandei me esperar hoje para sairmos. Ainda não falei nada para ela, não a queria próxima da gente, mas eu sabia que ela precisava ver nosso filho.

— Estou nervosa — ela disse assim que a peguei em frente ao hotel. No celular, apenas avisei que já estava saindo.

— I magino que sim.

— Como o achou? — Sua voz tremeu enquanto ela apertava o casaco velho quando estávamos chegando ao mesmo parque.

— Não importa — resmunguei. Bea não precisava saber de nada disso. — Aqui. Assine. — Entreguei o envelope com o logo do meu escritório de advocacia.

— O que é isso? — ela questionou, abrindo-o.

— Só assine. Você sabe o que é.

— Quer que eu abra mão dele? — Seu rosto magro se virou e seus olhos focaram em meu rosto.

— Você abriu mão dele há três anos. Não finja que se importa.

— Theo...

— Assine, Beatrice. Se você tem algum resto de decência dentro de si, fará o que pedi.

— Por que me trouxe aqui, então? — Sua mão segurava a caneta com força.

Quando respondi a ela, nada além da verdade foi dito.

— Porque eu quero que veja o que perdeu. O que me fez perder.

Abri a porta do carro e saí assim que ela começou a escrever seu nome. Me sentei em um banco longe do parquinho de areia e sorri ao ver o cabelo loiro e longo do Thomas ao longe.

— É ele — afirmei para Bea.

Ela se sentou ao meu lado e abriu os lábios ao vê-lo.

— Thomas — Bea suspirou e sorriu. — Ele não tem nada meu. É você por inteiro. — Seu sussurro era calmo.

Eu acenei, tentando impedir o sorriso ao vê-lo correndo. Ficamos calados só o observando. I sabe estava sentada à sua

frente, sorrindo amavelmente para Thomas. Suspirei audivelmente e Beatrice me encarou.

— A audiência foi marcada?

— Sim. Você assinou?.

— Sim. — Ela respirou fundo e me olhou de lado. — Não pelo que falou. Estou morrendo. Não quero nem que ele saiba que existo. Se um dia for falar de mim, diga que morri...

— Bea...

— Sim, morri. — Ela apertou os dedos e me encarou. — Sei que deveria sentir remorso, e eu tentei, mas a verdade é que eu não voltaria atrás. Não mudaria nada. — Engoli em seco e tentei controlar a onda de ódio que comecei a sentir. — Só falei para você dele, pois queria machucar Lorena. Se ela não estivesse do seu lado, tendo o que era meu, nunca teria contado. Nunca, Theo.

— Vá embora — rosnei, apertando meus dedos. Meus braços tremiam e eu jurava que se Bea fosse um homem ela estaria no chão, morta.

— Quando te vi no shopping eu queria contar da doença. Queria ajuda. Dinheiro. Não era para falar dele... — Ela se ergueu e ficou parada na minha frente. — Só queria ser sincera. Não doeu assinar aquele documento. Só consegui sentir alí vio.

Ela se virou para ir embora, mas eu segurei seu braço.

— Eu te odeio — falei com toda a certeza do mundo e me aproximei mais. — Não vou deixar você na rua sem dinheiro ou teto, pois não desejo isso nem mesmo para a pessoa mais horrí vel do mundo. Me esqueça, Bea. Quando estiver morrendo, mande alguém me ligar, pois sem um caixão também não a deixarei ser enterrada.

Beatrice nem piscou. Ela sorriu e acenou como se eu tivesse acabado de falar como o vento ficava revoltado em uma tempestade.

Eu fiquei vendo-a entrar em um táxi e sumir da rua. E da minha vida.

— É você...

Eu me virei ao ouvir uma voz feminina falar comigo. I sabel me encarou com os olhos esbugalhados e a boca entreaberta.

— Olá... — murmurei sem saber o que dizer.

— Ele é meu. — Seus olhos estavam raivosos.

Suspirei, colocando minhas mãos nos bolsos.

Thomas estava aos seus pés, ela segurando sua mão protetoramente. Os olhos dele se concentraram em mim e eu sorri, dando um passo em sua direção. Mas, infelizmente, isso só deixou I sabel com mais raiva.

— Não olhe para ele. Não fale com ele. Não se aproxime. — Ela apertou os dentes ao falar e eu esfreguei meu rosto, tentando espantar a frustração.

— I sabel, eu não desejo te machucar e... — Entei deixar isso claro, mas sua voz me interrompeu.

— Mas você está. Não imagina o quanto. — As lágrimas se formaram e ela soluçou, pegando Thomas do chão. — Não o tire de mim. Ele é tudo o que tenho...

— Não quero tirá-lo de você. — Minha voz soou desesperada. — I sabel, podemos conversar. Você sempre poderá vê-lo. Podemos até compartilhar a guarda, eu não quero que ele sofra e muito menos você...

— Não! Não! Ele é meu! Onde estava quando ele era deixado em um orfanato? — Sua voz aumentou, mas Thomas anunciou seu choro e ela se acalmou, beijando seu rosto. — Thomas não precisa de você.

— Talvez não, mas eu preciso dele. — Olhei para seu rosto franzido e apertei meu nariz. Ela parecia estar sentindo dor. — Desculpe, I sabel. Esse não era meu desejo.

— Não faça isso...

— Me perdoe — pedi, dando um passo para trás. — Nos vemos no tribunal — murmurei e dei as costas a ela, indo embora.



— E então? — Estendi o celular e ela franziu o rosto.

Deixei meus dedos prontos para o ataque enquanto ela colocava a mão no queixo para pensar.

— Lindo! Isso que eu ia dizer

— Como o pai dele, não é mesmo?

— Oh, Theo, você e seu cinismo! — ela gritou, se contorcendo de rir quando eu a ataquei.

— Vamos, fale! — ordenei enquanto seus gritos ecoavam do quarto para o corredor.

— Só vou falar uma vez, parem com isso! Os gêmeos estão dormindo! — A voz de Alí ciasoou e eu pulei da cama de Tina com ela, nos pondo de pé.

— Foi o Theo! — Valentina me dedurou e eu apertei meus olhos. — O quê? Tenho que sair hoje. Não vou levar culpa e ficar em casa...

— Traí ra e falsa. Que tipo de amiga você é?

— Dramático.

— Sim, sou só eu, né? — murmurei, fazendo-a revirar os olhos e cair na cama.

— Tudo bem. Thomas é lindo e muito parecido com você. Agora sai que vou me arrumar...

— Tomara que seu namorado te dê um bolo hoje...

— Vá à merda!

Eu me virei sério e seu rosto risonho se transformou em cauteloso em instantes.

— Desculpa. Foi sem querer.

— Que não se repita — continuei sério e ela engoliu em seco.
— Pirralha.

Corri do quarto ouvindo seu bufo e desci para a sala.

— Você nunca vai ter o respeito dela agindo como amigo em um segundo, e irmão mais velho no outro — Luca resmungou, sentado no sofá com Felipe.

Os dois estavam jogando no Xbox e me sentei para jogar também.

— Olha quem fala. — Revirei os olhos e Alí ciariu dele da cozinha.

Passei a tarde com eles, e no final do dia, voltei para casa.

Dias at uais...

Joguei computador em cima do sofá de Gabby e me ergui, correndo porta afora.

— Theo? — Alí cia chamou quando passei por ela e Gabby

— Vocês precisam parar com isso. Vocês se gostam. Conversem como adultos — a minha ex-cunhada rugiu, me fazendo parar.

— Nós não conseguimos conversar. Nunca conseguimos. Sempre vai ser essa queda de braço. Eu estou levantando a bandeira branca, Gabby. Eu quero paz...

— Você? — Lili resmungou e eu fechei meus olhos. — Será que amar é tão difícil assim? Se erga, Theo, conquiste a guarda do seu filho e vá buscar sua mulher. Não tente se depreciar, é mais forte que todos aqui nessa casa.

Ela me descartou com a mão e eu suspirei e me afastei. Lembrar o que falei a Lorena me causou agonia por todo o caminho até minha casa. Tentei ligar para ela, mas seu celular só caía na caixa postal, e nas redes sociais, ela estava offline.

No dia seguinte, fui para o escritório e trabalhei o dia inteiro. Pensei em ir ao parque ver Thomas, mas não queria confrontar I sabel. Só precisava conversar com ela e explicar que não queria roubar Thomas.

— Está tudo bem? — minha mãe perguntou quando cheguei à sua casa à noite.

— Sim, só vou dormir aqui hoje, o.k.? — Beijeii sua testa. Subi a escada e suspirei, fechando a porta do meu quarto.

Meus olhos localizaram a cama e eu reprimi a lembrança de Lorena no meio dela, no Ano Novo. Meu celular tocou e eu o peguei no bolso da minha calça. O número desconhecido me fez querer não atender, mas mesmo assim deslizei meu dedo pela tela e atendi.

— Alô? — resmunguei, colocando minha maleta na cama.

— Theo? É a I sabel.— Ela suspirou do outro lado da linha e eu parei de me mover.

— Olá, I sabel, tudo bem? — Franzi as sobrancelhas sem entender bem o que estava acontecendo.

— Tudo... eu só... — Ela se calou e logo ouvi outra voz ao fundo. — Meu marido quer que nos encontremos. Para conversar.

Fiquei por um momento calado, tentando entender a sua súbita mudança, mas constatei que a culpa devia ser do marido.

— Claro. É só me falar onde e quando. Estarei lá.

— Amanhã. Thomas vai ficar com a babá e podemos tomar um café antes do trabalho. Te mando o endereço por mensagem.

— Por mim o.k.

Ela desligou e eu me sentei na cama, descansando meus cotovelos nos joelhos. Puxei o meu cabelo e tentei respirar fundo.

O que estava acontecendo comigo? Eu estava vendo minha vida de fora, como se faltasse algo. Me sentia como um quebra-cabeça faltando uma peça que foi perdida e fez o desenho ficar incompleto. I nacabado.

Analisei a tela do celular enquanto lutava entre ligar ou não para Lorena, mas meu coração venceu e eu me vi de olhos fechados, clamando para que ela me atendesse.

— Aconteceu alguma coisa? — A voz dela estava cansada.

Abri meus olhos e vi seu rosto com respingos de tinta.

— Muitas, mas não liguei por isso — respondi, me deitando. Afofei o travesseiro e relaxei. — Estava pintando?

— Sim, como sabe? — Ela franziu as sobrancelhas e eu sorri.

— Você tem tinta em todo rosto.

— Ah, merda! — Ela se mexeu, em segundos estava no banheiro, limpando o rosto com um lenço.

— Estava linda do mesmo jeito. — Deixei escapar e a vi engolir em seco.

— Não sei por que está fazendo isso, mas... — Ela parou de falar quando sua campainha soou. — Da última vez que me ligou, você me machucou — Lore finalizou e eu suspirei.

— Eu sei. E peço desculpas...

Ela se movimentou novamente e abriu a porta depois que me pediu um segundo.

— Ei! — A voz de um homem soou.

Eu me sentei na cama para ouvir o que diabos um homem estava fazendo na casa dela naquele horário.

— Oh, Fabrício, não é? — Ela olhou para mim na tela e eu arqueei a sobrancelha. — Daqui a pouco eu te ligo — ela sussurrou para mim, mas eu fiquei calado, apenas a encarando. — Theo! — ela berrou, frustrada.

— Se desligar essa merda, vai ser pior para você, Lorena.

Ela suspirou e sua língua lambeu seu lábio seco.

— Fabrício, estou conversando com meu Theo por videochamada, isso vai ser estranho, mas... Theo, esse é o

Fabrício, um amigo do meu chefe. — Ela virou o celular para a porta e eu encarei o homem loiro.

— Oi, cara. Beleza? — Ele acenou, elevando a mão.

— Depende do que você está fazendo na casa dela a essa hora — avisei, completamente sério.

— Theo...

— Não precisa ter ciúme, eu só vim avisar que Rafael está no hall querendo falar com a Carol. E como sua namorada é amiga da Carol... enfim, já dei meu recado.

— Carol foi para a casa dos pais hoje de manhã — Lorena avisou.

— Ah, tudo bem. Vou dar um jeito de levá-lo para casa. — Fabrício se virou e foi embora, me fazendo respirar fundo.

— E o prêmio de ciumento do ano vai para...

Levantei minha cabeça ao ouvir a voz de Ricardo.

— Vai se foder! Fecha a porta! — gritei, jogando uma almofada nele.

Escutei a risada de Lorena e voltei a olhar para ela.

— Ele está certo, sabe?

— Ah, é mesmo? — Revirei os olhos.

— Você... — Ela sorriu de forma mais contida.

— Eu o quê?

— O que estava fazendo com Bea quando não me atendeu dias atrás? — Lorena questionou, sentada no sofá enquanto mordia seu lábio.

CAPÍTULO 25

"A linha entre amizade e amor estava entrelaçada."

Loirena Marinho

— Estava em um parque. Eu a levei para conhecer Thomas.
— Theo esfregou seus olhos enquanto eu desviava minha atenção para qualquer lugar, menos para a tela do celular.

— E como ela reagiu? Como se sentiu vendo o filho de vocês? — As palavras saíram da minha boca de modo automático. Eu vi a surpresa em seu rosto ao me encarar e enxergar minha dor.

Não tentei esconder isso. Era a verdade. Doi saber que ela teve um filho dele.

— Digamos que ela deixou claro que só me falou dele por sua causa. — Ele começou.

— Minha causa? — Franzi as sobrancelhas.

— Sim, ela queria nos separar. Palavras dela. — Ele respirou fundo e eu senti sua agonia mesmo estando tão longe. — Eu pedi que ela abrisse mão de qualquer coisa referente ao Thomas e ela assinou o acordo sem titubear.

— Jesus...

— Eu estou aliviado. Sério, me sinto bem por meu filho não precisar conviver com ela. O pior de tudo... — Theo piscou as lágrimas e eu mordi meu lábio com força. — Ela disse que não se arrepende. Beatrice o tirou de mim e não se arrepende. Ela deu uma criança que cresceu dentro dela e não tem remorso algum...

— Ah, Theo...

— Eu estou aliviado, amor.

Minha barriga gelou quando ele me chamou assim.

— Eu imagino que sim. Vai ficar tudo bem, ouviu? Logo ele estará aí com você — afirmei, convicta

— I sabel,a mão adotiva dele, ligou marcando um encontro amanhã. Quero deixar claro que não vou privar o contato do Thomas com eles. Eu dei a ideia até de compartilharmos a guarda...

— Não se preocupe. Amanhã eles vão conhecer mais seu coração gigante. Não há homem no mundo mais bondoso que você. — Devolvi o carinho e ele sorriu.

— Às vezes eu penso que estamos forçando um término que não existe. Você percebe isso? — Ele coçou a barba por fazer. — Estamos aqui, Lorena, eu e você. Conversando e dando explicações um para o outro. Amando e nos preocupando um com o outro.

— Eu sei...

— Eu errei em mentir, Lorena. Me perdoe por isso. Não queria machucar você, mas fiz do mesmo jeito. Só não posso imaginar que você nunca mais será minha. É como estar sendo torturado.

— Eu nunca vou deixar de ser sua...

— E eu nunca deixarei de ser seu.

Eu sorri e senti minha barriga congelar por inteiro. Esse homem era meu calcanhar de Aquiles. Minha maior fraqueza.

— Eu te amo, Medusa.

— Eu te amo, *Starboy*.



Theo Medeiros

Na manhã seguinte, cheguei ao café mais cedo que o previsto. Não consegui dormir depois de falar com Lorena. Porra, essa distância entre nós me machucava cada dia mais. Não perguntei quando ela voltaria, pois não queria pressioná-la.

Mexi o café fumegante e assoprei um pouco antes de sorver um gole. A bebida me ajudou a despertar mais um pouco, infelizmente, ela não melhorou em nada meu rosto cansado.

— Theo?

Eu me virei e vi I sabelcom um sorriso tenso no rosto antes de observar o homem atrás dela, que devia ser seu marido.

— Olá. Bom dia. — Levantei-me para cumprimentá-los e os dois se sentaram comigo.

— Prazer, Theo, sou Sérgio. — O homem sorriu e estendeu a mão para mim, então eu a peguei e apertei com firmeza.

— O prazer é meu.

O garçom chegou e os dois pediram café com leite e um pedaço de bolo. Assim que o jovem se afastou, eu engoli em seco e dei um sorriso fraco para Sérgio.

— Sei que minha mulher se exaltou quando se conheceram, mas você há de concordar que ela tem o direito. Ela é mãe e qualquer uma que se sente ameaçada agiria de maneira pouco sensata. — Sérgio começou, respirando fundo.

Sorri e acenei, enquanto I sabelcontorcia as mãos em cima da mesa. Não a culpava por se sentir ameaçada.

— Eu entendo. Não a julgo de maneira alguma. — Apertei minha xí carae encarei os dois. — Eu não sabia que Thomas existia até pouco tempo atrás. Tive um romance com uma menina e ela engravidou, mas não me contou. Ela nunca me procurou, e quando Thomas nasceu o deixou em frente àquele orfanato. — Pressionei minha têmpora, tentando me acalmar. — Ela me contou há pouco tempo, então o procurei. E o encontrei. Não acho que vocês sejam

pais ruins, de maneira alguma, vi o quanto I sabelama meu filho, ela é cuidadosa...

— Não preciso da sua aceitação... — Sua frase arisca me fez parar de falar.

— I sabel — o marido resmungou e ela se calou.

— Sei que não, e de verdade, vocês não precisam mesmo. Só quero deixar claro que Thomas é meu filho, e não, eu não sabia da existência dele, mas agora eu sei e não medirei esforços para tê-lo comigo.

— Você está vendo? — I sabelmurmurou para o marido e ele olhou para ela. — Ele quer tomar nosso filho...

— Meu filho. Ele é meu, tem meu sangue — eu a interrompi, começando a me irritar com essa mulher.

— Você acha que porque seu sangue corre pelas veias dele, você é pai? Por favor...

— Não vou admitir seus insultos. Vocês já foram intimados para a audiência, e Deus sabe que não quero fazer ninguém sofrer, mas se para isso eu tiver meu filho como resultado, não me subestimem, eu o farei.

— Pesquisei sobre você. Achei estranho o fato de o processo correr tão rapidamente... — Ela sorriu de lado, de maneira cruel. — Seu pai é poderoso e ele pode muito bem ganhar a causa com apenas uma piscadela para o juiz...

— Não admito que fale do meu pai...

— Sabemos que vocês são importantes, Theo — Sérgio comentou, cansado.

— Não nego. Meu pai é muito conhecido.

— Por que quer tirar Thomas da gente? — I sabelme cortou novamente e eu apertei meus punhos.

— Eu...

— Você tem esposa? Uma namorada? — Ela arqueou a sobancelha.

— Tenho uma mulher que amo — respondi, mesmo não entendendo aonde queria chegar.

— Ela poderá te dar diversos filhos. Você vai poder ter quantos filhos quiser...

— O que...

— Nós não. Thomas é tudo que temos. Eu sou estéril. Nunca poderei dar um bebê para meu marido ou enfrentar mais um processo de adoção... podemos te dar dinheiro...

— Você está fora de si. Não vou levar em consideração o que acabou de propor. — Joguei notas na mesa para pagar minha conta. — Não quero tirar Thomas de vocês. Poderão vê-lo quando quiser. Fins de semana, férias, o que preferirem, mas não desistirei do meu filho. — Eu encarei I sabel, que tremia de raiva, e Sérgio, que suspirou, segurando a mão da esposa com força.

Eu me levantei pronto para ir embora. I raté ali não adiantou nada.

— Theo, desculpe. — Me surpreendi quando as palavras saíram da boca de I sabel. — Eu só estou apavorada.

Ela tentou em vão controlar a emoção, mas as lágrimas se formaram e ela desabou em soluços. Voltei a me sentar e me inclinei para ela, segurando sua mão.

I sabeção era uma mulher fácil de lidar, mas por meu filho eu tentaria. Vê-la daquela maneira acabou comigo, pois mesmo que eu nunca tivesse tocado no Thomas, imaginar alguém o levando para longe me quebrava.

— Eu prometo que nunca, jamais deixarei ele longe de vocês. Poderão ir à minha casa quando quiserem, ele poderá ir para a de vocês. A guarda compartilhada seria ótimo para nós.

— Nós queremos — Sérgio anunciou e eu o encarei em choque. — Abriremos mão da guarda dele, mas você precisa

cumprir com as promessas que fez. — Ele engoliu em seco e suas lágrimas se formaram.

— Não sei o que dizer — murmurei, desnortado.

Olhei para o rosto dos dois, mas parei no de I sabel. As lágrimas ainda estavam por suas bochechas, e seu queixo tremia involuntariamente. Sérgio beijou a cabeça dela e eu vi o quanto essa decisão a rasgava por dentro.

— Cumpra o que prometeu e não tire minha vida de mim. — I sabel se levantou e seu marido a acompanhou.

— Não tirarei, eu prometo.

Os dois foram embora e fiquei sentado, sem entender como isso aconteceu. Minhas próprias lágrimas surgiram e eu sorri ao imaginar meu filho comigo.

Assim que cheguei à minha casa, ainda aos prantos, puxei meu telefone do bolso e liguei para a única pessoa no mundo para quem queria dar a notícia naquele momento.

— Ei! — Lorena apareceu na tela mais uma vez suja de tinta —, você está... chorando? — Seu rosto sorridente se encheu de preocupação e eu tentei sorrir.

— De felicidade. Eles aceitaram a guarda compartilhada, abrirão mão da briga na justiça — informei, tentando sorrir menos. Nunca me senti tão feliz.

— Meu Deus! Theo, que maravilha! — ela gritou. Sua mão bateu em algo e tinta respingou em sua camiseta branca. — Caralho! — Ela pulou e gargalhou.

— Meu Deus, você está muito linda toda suja de tinta...

Suas bochechas coraram e eu sabia muito bem que não era apenas pelo meu elogio.

— Theo...

— Uma pincelada entre seus seios, hein? — sussurrei, arqueando a sobrancelha. Lorena fechou os olhos. — Porra, eu preciso disso, Medusa. Vamos lá!

— O quê?! — ela arquejou horrorizada e eu tirei minha camiseta. — Não vou transar por telefone, Theo!

— Tire sua calça, amor. — Minha voz começou a ficar rouca só em imaginar suas pernas grossas nuas.

— Merda — ela gemeu antes de se movimentar. Quando Lorena deixou o celular em algum lugar que me dava a visão da sua cama, eu estremei. — Se você quer uma menina má, agora você tem. — Sua voz soou como gemidos em algum lugar, mas não conseguia ver.

Porra, não eram nem dez da manhã e eu estava duro feito pedra.

— Onde você está? Vamos, eu quero te ver...

As palavras foram engolidas assim que meus olhos a viram. Seu quadril largo e cintura fina me fizeram suspirar, mas não foi isso que fez meu tesão aumentar. Ela estava nua. Completamente. Entre seus seios havia uma pincelada de tinta na cor vermelho-sangue. Seus seios grandes saltavam a cada passo que ela dava. Senti uma vontade quase insana de morder seus mamilos.

— Porra, Medusa... — resmunguei quando ela parou em frente ao celular e eu vi sua boceta.

— O quê? Eu nem comecei ainda.

Lorena se sentou na cama e depois se deitou lentamente, me dando uma visão privilegiada.

— Abra as pernas e me deixe ver o que é meu, Lore.

Observei suas coxas tremerem, enquanto ela fazia o que mandei. Desci minha calça e cueca e segurei meu pau entre meus dedos. Porra, nem de longe minha mão se assemelhava a estar dentro do corpo delicioso dela.

— Você é uma menina má, Lorena

— Você sempre soube que eu era. — Ela gemeu e me juntei à lamúria quando sua mão desceu e começou a tocar o meio das

suas pernas, enquanto a outra tocava seus seios. — E sempre pediu por isso.

E, caralho, ela estava certa.

CAPÍTULO 26

"Eu fiz um pedido e fui atendida."

Lorena Marinho

DIAS DEPOIS

Depois de conferir meu batom mais uma vez, me recostei à pia do banheiro e suspirei. Estava tudo bem. I a ser magnífico! Encarei o espelho e encontrei meus olhos amedrontados. Dane-se que ele não podia vir. Você já era bem grandinha.

— Tudo bem — murmurei para mim mesma e saí para o salão, que começava a encher de gente. Eu me surpreendi quando vi a fila do lado de fora. Oh, Deus...

— Um sucesso como você! — Rafael exclamou ao meu lado enquanto olhava para Carol, na recepção, sorrindo amplamente para as pessoas. Quando seus olhos encontraram os meus, ela me mostrou o dedo para cima e eu sorri.

— Obrigada. — Sorri para ele e cruzei os dedos para minha nova amiga. Carol entrou em meu mundo e me fez desejar ter mais pessoas assim. Ela era leal e me fazia sorrir muito.

Meu sorriso se multiplicou quando vi Nico correndo em minha direção. Gabrielle sorria ao lado de Kieran, que segurava Luca em

seus braços, enquanto caminhavam para mim.

— Tia Lore! — ele gritou, chamando atenção enquanto pulava em meu colo.

Eu cheirei seu pescoço, tentando matar a saudade.

— Nico, vai amassar o vestido da sua tia — Gabrielle reclamou e ele ofegou, percebendo que fez alguma coisa errada.

— Não tem problema. Meu Deus, garotinho, como senti sua falta. — Eu o abracei mais apertado.

— Tia, você tá me *pert anda*..

Sorri e me afastei dele, colocando-o no chão em seguida. Abracei Gabrielle, tentando não desarrumar seu vestido longo e sedoso. Kieran observou ao redor e depois voltou seus olhos para Gabby, como se procurasse algum possível observador da sua esposa. Isso me fez rir e ele, claro, percebeu.

— Só observando.

— Sei. — Abracei meu cunhado também e nos afastamos. Peguei Luca de seus braços e sorri para seus olhos atentos. — O hotel em que estão é bom mesmo? Tentei ir lá assim que chegaram, mas tive que arrumar alguns quadros — expliquei, dando de ombros.

Minha irmã balançou a mão, descartando minhas desculpas.

— É maravilhoso...

— Eu deveria ter trazido a Márcia, assim poderíamos aproveitar alguns lugares — Kieran falou sem vergonha alguma e minha irmã corou ao lhe dar um beliscão. — Droga, Algodão Doce, sua irmã também transa, sabia?

— Mas seu filho, não! — ela disse entre dentes e nós olhamos para Nico, que observava seu pai.

— Desculpe.

Meu sorriso de escárnio morreu lentamente quando olhei para Carol. Ela conversava com um homem loiro e alto, que

acreditei ser Fabrício, mas quando ele se virou e eu vi o sorriso que mais amava no mundo, tive certeza de que não era o amigo do Rafael.

Era Theo.

Ele caminhou em minha direção, fechando um dos botões do terno. Seu sorriso de canto me fez arder sob a seda do vestido caro. Sua covinha apareceu e tentei inutilmente esconder o efeito que esse homem causava em mim.

— Medusa... — Ele chegou à minha frente e se inclinou, ainda com os lábios esticados. Tremi inteira quando sua boca tocou meu lóbulo e sua língua o lambeu devagar. — Gostaria de colocar uma placa em você neste momento...

— E o que teria escrito nela? — Minhas palavras foram sussurradas e pareciam gemidos incontrolados.

— Eu sou dele.

Engoli em seco e ele se afastou. Seu rosto sereno me fez odiar ser controlada por apenas três palavras tão facilmente.

— O que não deixa de ser verdade.

Theo se inclinou de novo, mas foi em minha boca que seus lábios tocaram. Minhas mãos subiram para seu peito e eu me contorci para que ele tivesse total acesso. Sua língua deslizou para dentro da minha boca e eu a chupei, sentindo um gosto de menta que só por estar em sua boca me fez achar o sabor mais delicioso do mundo.

— Procurem um quarto! — Kieran resmungou, passando por nós.

Eu me afastei de Theo e vi minha irmã rir e levar os filhos para longe. Carol, na recepção, me deu um sorriso gigante, fechou o punho e o desceu, me encorajando. Oh, Deus... Eu me virei e vi Rafael, o único que não estava me olhando, pois seus olhos estavam em Carol.

— Você disse que não podia vir...

— Surpresa, amor. — Ele mordeu meu lábio inferior e eu derreti ao seu redor.

— Eu te amo.

— Ah, Medusa, eu te amo mais. Muito mais.



Minha exposição foi um verdadeiro sucesso. Não sabia como, mas vendi todos os quadros expostos. Vi pessoas encantadas e me senti orgulhosa de mim mesma depois de muito tempo. Mas nada foi mais gratificante que ver minha irmã irradiando orgulho e paixão cada vez que alguém comentava perto dela o quanto os quadros estavam deslumbrantes, ou o quão talentosa a pintora era.

— Tenho uma surpresa para você — Theo falou assim que entramos em meu carro, depois de jantarmos com Gabrielle e seus meninos.

— Sério? — Arregalei os olhos sem conseguir entender como ele podia ter uma surpresa para mim, se estávamos tão longe de casa. — O que é?

— Você vai ver...

Porém eu não imaginava isso. Nem em um milhão de anos.

O campo aberto coberto de dentes de leão me fez ofegar. Virei-me, vendo as luzes de duas estradas nas laterais da plantação, que me deixavam enxergar com clareza a beleza das flores que mais amava no mundo.

— Eu procurei um lugar que você amaria, e encontrei esse — Theo começou a falar e eu me virei, completamente fascinada. Mas arregalei os olhos e surpresa me invadiu novamente ao vê-lo de joelhos. — Eu te amo. A distância e o tempo longe me mostraram que nunca vou querer outra pessoa para dividir o futuro comigo. Tenho plena certeza de que quero passar minha vida inteira com

— você. Eu não pediria para se casar comigo se não soubesse o quanto me ama... — Sua voz falhou e ele suspirou. — Case comigo.

— Theo...

— Eu gosto de uma menina má, aliás. — Theo subiu os ombros e os desceu, sorrindo tenso. — Você. Sempre você.

— Não tenho certeza se alguém em sã consciência diria não a um pedido desse. — Eu ri, limpando meu rosto molhado. — Caramba, *St arboy*, você se superou. Eu te amo. — Ele arqueou a sobrancelha e eu me inclinei, sorrindo amplamente. — Isso com certeza é a porra de um sonoro sim! — eu berrei, dando pulinhos.

Ele se levantou e me ergueu do chão.

— Caralho, você é minha noiva. — Ele riu, colocando o anel em meu dedo.

Meus lábios tremeram com a visão do rubi pequeno em cima da argola de ouro.

— Theo, que lindo...

— Como você, única, sedutora e misteriosa.

Seus olhos me adoraram e eu perdi o fôlego ao perceber que sim, eu também tinha meu final feliz. E era ele.

Sempre seria Theo.

— Vamos para casa, Medusa. Precisamos transar como noivos e, caralho, faz tanto tempo que não sinto você...

— O.k. Casa. Agora — afirmei séria e corri para o carro.

Theo não perdeu tempo quando chegamos à minha casa. Meu vestido sumiu em alguns segundos e seus dedos desfizeram o coque, fazendo meu cabelo longo cair em minhas costas. Segurei meus seios enquanto me virava para ele depois de sair do vestido embolado aos meus pés.

Theo sorriu ao colocar seu celular na mesinha enquanto uma canção de Shawn Mendes ecoava pelo quarto.

— Nunca imaginei me apaixonar por você — Theo sussurrou, me puxando pela cintura e beijando minha clavícula.— *Eu não ligo para o que eles dizem sobre você, baby. Eles não sabem pelo que você passou. Confie em mim. Eu poderei ser aquele que te trata como uma dama. Deixe-me ver o que está por baixo. Tudo que eu preciso é você.* — Theo acompanhou a letra da música em inglês, cantando em meu ouvido. Meu coração trovejou e as batidas fizeram dor se espalhar.

Eu me afastei um pouco e ele me encarou.

— Eu te amo. Não me importo com ninguém. Nem no começo e nem agora. Tudo que eu quero é você. Nada mais.

— Theo... — Tentei formular algo, mas minha garganta fechou e ele colocou seus dedos sobre meus lábios.

— Qualquer um que se levantar contra nós vai cair. Eu vou derrubar, não importa quem seja. — Ele suspirou e colocou meu cabelo atrás da orelha. — Não ligo para o seu passado, ele ficou lá. Agora você é minha, Lorena, e Deus sabe que nunca vou deixar que saia de perto de mim novamente.

— Eu não quero sair.

Sua boca era suave quando tocou a minha.

Seu corpo se mexeu suavemente quando fizemos amor.

Suas palavras eram sussurradas e, pela primeira vez, em um longo tempo, eu me senti adorada.

Theo adormeceu e me aconcheguei em seus braços, encarando minha aliança. Deus, eu estava noiva. Iá me casar.

Imaginei meu casamento e mal percebi o sorriso enorme em meu rosto. Ao imaginar o rosto do Theo ao me ver entrar na igreja, suspirei apaixonada, porém, o momento durou apenas um segundo. Quem ia me levar para o altar?

Meu corpo ficou tenso e eu fechei meus olhos, tentando deixar isso de lado. Kieran podia me levar. É, tinha certeza de que ele me levaria.

Eu adormeci, mas a inquietude sobre isso me fez dormir preocupada.



— Eu não sei por que precisa ir embora. — Carol suspirou na segunda de manhã. Seu nariz estava vermelho e eu sorri, vendo-a limpar as lágrimas.

— Porque era temporário, e porque tenho um casamento para organizar — expliquei, balançando meus dedos na frente do meu rosto. Seus olhos cresceram e ela começou a gritar

— Oh, meu Deus!

— O que foi? Está sentindo dor? — Rafael desceu a escada com a cara em pânico total.

Eu abri e fechei a boca, sem saber o que dizer.

— Não estou, não! Lorena vai casar! — ela gritou.

As pessoas ao redor começaram a fazer um “ aeee’ superfeliz.

Encarei minha amiga e vi seus olhos cheios de lágrimas.

— Ignore isso. Meus hormônios estão demoníacos.

— Amiga, você pode ir me ver quando o bebê nascer. Juro que vai amar o Rio, e tem caras lindos lá...

— Ela não vai — Rafael rosnou ao meu lado, mas eu semicerrei os olhos para ele.

— Deixe-a viver, Rafael, você não prende o que não é seu.

— Obrigado e parabéns pela exposição. Estou às ordens para o que precisar. — Ele se virou e subiu a escada, indo para seu escritório.

Olhei para Carol e ela sorriu tensa. Abracei-a e ela respirou fundo tentando se acalmar, em vão, pois ouvi um pequeno soluço sair por seus lábios.

— Eu vou. Sabe, quando o bebê nascer vou esperar alguns meses e irei. Novos ares, né? — Ela sorriu em meio ao choro e eu beijei seu cabelo.

— Isso, novos ares.

Me despedi dela e dos outros funcionários em questão de horas. Quando voltei para meu apartamento, Theo já estava com nossas malas na sala. Não esperei Theo pedir para que voltasse, eu mesma lhe disse que voltaria na segunda com ele.

— Me poupa bastante tempo. — Foi o que ele respondeu.

— Vamos? — Ele beijou minha têmpora e eu acenei.

Gabrielle e os meninos voltaram ontem mesmo, mas Theo ficou e aproveitou o domingo para fazermos compras. Saímos de casa, e quando desembarquei do táxi em frente ao aeroporto, comecei a tremer.

— Ei! — Theo segurou meu braço e me fez ficar de frente para ele. — Vai ficar tudo bem. Eu juro.

Acenei e deixei que ele me guiasse pelas pessoas. Quando passamos do portão de embarque, comecei a querer voltar. Olhei para o avião enorme e tentei respirar

— Você é maior que isso. Nós dois somos — meu noivo afirmou e me puxou contra seu corpo.

— Eu sei. — Respirei diversas vezes e, quando enfim consegui subir a escada para embarcar, já estava um pouco mais calma.

Eu me sentei ao seu lado e ele me entregou um comprimido. Sorri para seu rosto e engoli a pí lula com água, que também me ofereceu. Sua mão procurou a minha e Theo a apertou enquanto eu descansava minha cabeça em seu ombro. Ele se afastou e eu ri ao vê-lo tirar uma almofada para o pescoço da mochila com o nome da música do The Weeknd. Starboy.

— Amo você, Medusa.

— Eu gosto de você só um pouquinho, *Starboy*.

Theo fez cosquinhas em minha barriga e depois começou a me mostrar várias fotos do Thomas. Olhei para seu rosto e vi o tamanho da adoração que ele tinha por esse menino.

— Sabe... — comecei bocejando e ele arqueou a sobrancelha. — Eu vou ser tipo mãe do Thomy, não é? — Senti minhas bochechas corando, mas o sorriso que Theo me deu me fez esquecer isso.

— Meu Deus... — Ele suspirou e beijou meus lábios. — Sim, amor. E sei que ele vai te amar do mesmo jeito que eu te amo. — Theo prometeu e eu sorri.

— E eu vou amá-lo tanto quanto amo o pai dele.

CAPÍTULO 27

"Ela era a melhor mãe que ele poderia ter."

Theo Medeiros

Dois meses depois...

Eu não os vi chegando. Mas quando Lorena se levantou do banco e puxou minha mão, eu elevei a cabeça. L sabele Sérgio estavam com Thomas, caminhando em nossa direção.

Lorena se abaixou na altura de Thomas e ele correu para seus braços com um imenso sorriso no rosto. Meu peito se encheu de felicidade ao ver a interação dos dois.

— Isabel, como vai? — perguntei, abraçando-a e pegando a mão do marido em seguida. — Sérgio.

— Ó tima. Thomas escolheu as roupas de hoje, então você já sabe, está uma bagunça. — Ela riu e Sérgio a acompanhou, me entregando a mochila do Thomas.

— Percebi. — Sorri e voltei a olhar para Lorena e meu filho.

Junto a L sabele Sérgio, eu e Lorena decidimos ir devagar com Thomas. Só ficávamos com ele aos fins de semana. Nas semanas seguintes depois de L sabele Sérgio nos entregar a guarda de Thomas, passei a vê-lo no parque e me aproximar aos poucos. É claro, Lorena ia comigo. Foi algo gradual e com bastante conversa e

acompanhamento com a psicóloga – o que ele continua tendo – tudo estava se encaixando.

— Papai Theo! — Ele agarrou minhas pernas e eu o coloquei no colo.

— E aí? Ansioso para dormir com a gente hoje? — questionei, fazendo cosquinhas em sua barriga. Hoje era o primeiro fim de semana que ele iria para a nossa casa.

Lorena e eu estávamos morando juntos em meu apartamento e ela decorou meu quarto de hóspedes para Thomas. Ela se empenhou tanto, vi que Thomy a ganhou completamente.

— Sim! Mamãe Lore disse que eu tenho um quarto só meu. — Seus olhos verdes brilharam.

— Sim, você tem, e lá tem vários brinquedos muito legais. — Lorena beijou sua bochecha e eu enrolei uma mecha do seu cabelo em meu dedo.

— Sua mamãe Lorena tem uma surpresa para você também — murmurei em seu ouvido e ele arregalou os olhos, virando-se para ela.

— Em casa eu conto. — Lorena piscou e eu ri do rosto do Thomas tão ansioso. — Se despeça dos seus pais. — Ela acenou para Isabel e Sérgio.

Thomas desceu do meu colo rapidamente e se despediu dos pais. Dei tchau a eles e fui em direção ao meu carro, levando Thomas nos ombros. Lorena riu com ele quando pulei da calçada. Eu o sentei na cadeirinha e ele começou a contar tudo que fez na creche hoje. Seu aniversário de três anos seria mês que vem, então Lorena e Isabel estavam organizando uma festa. Mas era surpresa. Se tinha uma coisa que meu filho era... era muito ansioso. Sua desenvoltura e inteligência também eram algo pouco comum, mas que me enchia de orgulho.

Lorena foi o caminho inteiro estimulando-o a conversar e eu segurei seus dedos apertado, querendo entender como a menina de

anos atrás se transformou na minha noiva e nessa mãe tão amorosa com nosso filho.

Como ela se transformou na mulher que mais amava no mundo.



Assim que entramos em casa, Thomas se agarrou a Lorena enquanto andávamos para seu quarto. Abri a porta e sorri quando ele pulou dos braços dela e andou pelo cômodo grande.

— Pai... Muito *obl i gado!*— Ele subiu na cama e começou a pular. Seus olhos localizaram os brinquedos que Lorena passou horas escolhendo e Thomy se esqueceu de nós.

— De nada! Vou estar na sala escolhendo algum filme para a gente assistir — avisei e puxei Lorena para fora do quarto.

— Ele amou! — Ela sorriu e pulou em meus braços.

Seu cabelos longo tocou em meu braço que agarrava sua cintura. Suspirei, olhando para seu rosto suave. Eu me inclinei em sua direção e beijei suavemente seus lábios.

— Você é incrível — murmurei contra sua boca e ela sorriu.

— Pelos homens da minha vida, eu sou mesmo. — Ela deu de ombros e eu mordi sua bochecha. — Ai!

— Vamos escolher o filme e fazer pipoca — chamei, pegando-a nos braços e levando para a sala.

— Sei andar, sabia?

— Sabia, mas eu gosto de carregar a mãe do meu filho e minha noiva. — Pisquei para ela enquanto me sentava e a deixava em meu colo.

Quando Thomas apareceu foi apenas para dizer que sua barriga estava roncando, Lorena já estava na cozinha há tempos fazendo seu lanche, então segui para lá com ele.

— Oi, meu amor. — Ela beijou seu rosto e o pegou para que pudesse se sentar no balcão da cozinha. A única “mesa” aqui de casa. — Fiz sanduíches, você comeu vários semana passada. Depois vai me dizer o que gosta ou não para que a mamãe saiba o que fazer. — Ela riu, colocando o copo com suco na frente dele, com dois sanduíches.

— Tá, mamãe.

Nós nos sentamos de frente para ele e eu apertei a mão dela quando ouvi seu suspiro.

— Então... — comecei a murmurar, mas ela fez que não com a cabeça.

— Como sabe, a gente se ama muito. Mamãe já falou que seu pai me salvou de mim mesma, não foi? — Thomas acenou, olhando de mim para ela e eu me surpreendi com isso. Não sabia que ela tinha falado isso para ele. — Ele é meu herói, e o seu também — ela acrescentou e beijou seu cabelo. — Nós resolvemos nos casar. Vestido branco, sabe? E a gente queria muito que você levasse nossas alianças até o altar. — Lore pegou uma das mãos de Thomas e sorriu amavelmente.

— Eu quero, mamãe. Vou adorar. Nunca usei roupas como as do papai. — Ele riu e mordeu mais um pedaço do sanduíche.

— E o que acha de ter um irmão?

Eu me virei chocada para ela, mas seus olhos estavam no nosso filho.

— É maneiro. Eu quero também.

— Era só para saber mesmo. Quem sabe a gente tenha um em breve? Ele já estaria preparado — ela sussurrou e eu olhei para sua barriga lisa. — Não estou grávida, Theo, mas não estamos nos protegendo, então é algo que vai acontecer eventualmente — explicou, sorrindo e apertando minha mão.

— Tudo bem. Você está certa. — Beijei sua têmpora e relaxei na cadeira, observando Thomas comer.

— Eu já escolhi o filme — eu disse assim que ele terminou o lanche.

— Beleza! — Thomy pulou em meus braços e nos distanciamos de sua mãe.

Lorena, Thomas e eu passamos o resto do dia juntos assistindo filmes, e quando anoiteceu, nós dormimos juntos em nosso quarto. Thomas adormeceu nos braços dela e nem eu, muito menos Lorena, quis levá-lo para o quarto.

Na manhã seguinte, íamos almoçar com meus pais, por isso Lorena se levantou cedo. Eu fiquei na cama com Thomas até ele acordar e querer ir ao banheiro.

— Vamos nos atrasar! — Lorena anunciou horas depois, quando já estávamos quase saindo. — Seus pais ainda não me viram depois do nosso término, sério que é uma boa ideia? — ela perguntou quando surgiu e me inclinei, beijando sua boca.

— Sim, é uma hora maravilhosa — falei enquanto chamava Thomas. Quando ele surgiu de bermuda e blusa gola polo vermelha, eu olhei para Lorena.

— Tal pai, tal filho. — Ela riu da nossa roupa igual.

Quando chegamos à minha casa, o primeiro que viu Thomas foi Ricardo. Ele estava sorrindo amplamente quando se abaixou para ficar na altura do meu filho.

— Olá, Thomy! Eu sou o tio Ricardo — meu irmão se apresentou e deu a mão para que Thomas pudesse bater, que ele fez em seguida. Os dois brincaram e logo meu pai e minha mãe apareceram.

— Oi. Eu sou o Thomy! — ele disse sorrindo, fazendo com que meu pai o pegasse nos braços.

— Olá, Thomy! Eu sou o vovô e essa mulher bonita é a vovó.

— Eu nunca tive vovô e vovó. — Seus olhos brilharam, então me recordei de I sabeldizendo que ela e Sérgio não tinham mais família.

— Ter vovô é muito bom. Você vai gostar. — Meu pai riu com ele.

— Agora solte o garoto. A vovó também precisa de atenção.
— Minha mãe pegou Thomas e ele riu quando ela beijou seu rosto.
— Você gosta de bolo de chocolate?

— Sim!

— Então podemos comer um pouco antes do almoço — ela sussurrou como se fosse um segredo. Eu me derreti ao vê-la tão carinhosa. — Lorena, querida, me desculpe. Seja bem-vinda. Estamos felizes que esteja conosco mais uma vez.

Abracei a cintura de Lore enquanto mamãe falava.

— Obrigada!

Meu pai a seguiu e os três sumiram, indo para a cozinha. Ricardo ficou no corredor olhando para a escada e eu franzi as sobrancelhas. Quando ouvi passos, eu me preparei para ver mais uma de suas amantes de um dia, mas quem desceu foi a faxineira. Ela era nova, podia dizer pela maneira como seus olhos se arregalaram ao ver que tinham várias pessoas na casa.

— Me desculpem. Com licença — ela pediu incerta.

Lorena sorriu, balançando a cabeça.

— Não se preocupe. Você pode me levar até a cozinha? — Minha noiva a fez relaxar e as duas saíram da sala.

Olhei para Ricardo com a sobrancelha arqueada e ele revirou os olhos.

— Não sabia que Gilda tinha saído — eu disse, me sentando no sofá.

— Não saiu. Mamãe contratou a filha dela para ajudar. Você sabe, Gilda já está cansada — ele respondeu enquanto colocava um pouco de uísque no copo de vidro.

— Ah, e você tá pegando?

— Não!

— Mas quer?

— É óbvio que eu quero, mas é diferente. Ela me deu um chute nas bolas quando a chamei para sair comigo. — Ele segurou o local, fazendo careta. — Ainda consigo sentir a dor filha da puta.

— Quem sabe o chute que ela deu faça você desistir..

— De jeito nenhum... quero dizer, eu... gosto um pouco dela. — Ricardo deu de ombros e suspirou. — Ela é jovem demais, não é? Meu Deus, olha onde a porra do meu pau quer me enfiar?!

— Se ela tiver mais de dezoito, idade não importa. — Sorri e me levantei. — Mas não seja um filho da puta com ela.

Passamos o restante do dia na piscina. Lorena pediu à minha mãe para que a garota pudesse ficar conosco. Tália quase morreu de tanta vergonha, mas quando percebeu que ninguém ali se importaria, relaxou e se divertiu com Thomas e Lorena. Meu irmão, coitado, estava deixando bem aparente que não conseguia olhar para um lugar que não fosse ela. Escondi meu sorriso por trás do copo, mas ele viu e me mandou o dedo do meio.

Quando fomos embora já era tarde da noite, por isso não me surpreendi ao ver Thomas dormindo. Levei-o para a cama e depois me juntei a Lorena no banho.

— Vem cá, linda. — Puxei seu pé depois de entrar na banheira.

Massageei seus dedinhos e depois subi para sua panturrilha. Lorena gemeu e eu suspirei enquanto tentava focar na massagem. Meus músculos se apertaram e eu fechei meus olhos.

— Parece que você vai desmaiar. — Lorena riu e eu abri minhas pálpebras para vê-la tirando a perna do meu domínio e subindo em meu colo. — Não sou uma puritana, Theo, eu sou a mesma de sempre. — Ela piscou.

Eu sabia que ela se referia ao seu modo leoa na cama. Caralho.

— Merda, mulher... — Ela segurou meu membro entre seus dedos e elevou o quadril para encaixá-lo dentro dela. — Medusa... — Meu gemido foi engolido pelos seus lábios.

Segurei sua cintura com a mão esquerda e seu cabelo com a direita. Sua língua entrou por meus lábios e eu quase gozei quando seu quadril aumentou a velocidade.

— Você vai me fazer gozar, Lorena...

— É esse o objetivo. — Ela gemeu quando segurei seus seios cheios.

Não durei mais nem um minuto depois que ela gemeu, se entregando ao prazer.



Quando estávamos na cama, prontos para dormir, Lorena se aconchegou em meus braços. Sua respiração era calma, mas não estava dormindo.

— Eu amo nossa vida.

Suas palavras me fizeram rir e abraçar seu corpo com mais força.

— Eu também amo. — Seus lábios beijaram meu peito e ela suspirou.

— Mamãe? Papai? — A voz de Thomas soou dentro do quarto e eu me ergui, vendo-o parado na porta. — Posso dormir com vocês?

Lorena sorriu, se sentando e descendo da cama, indo até Thomy. Ela o pegou nos braços e o trouxe para a nossa cama sem nenhum vestígio de chateação, pelo contrário, seu rosto era amável enquanto o embalava em seus braços e o fazia dormir novamente.

— Eu te amo. — Beije o cabelo de Thomas.

— Ele sabe, todo mundo sabe. — Lorena sorriu e bocejou, esfregando os olhos. — E nós te amamos.

— Eu sou muito sortudo por isso.

CAPÍTULO 28

"Eu tinha uma família.
A minha."

Lorena Marinho

Quando acordei no domingo, Theo não estava na cama, muito menos Thomas. Me senti depressa e fui direto para a cozinha. Respirei fundo quando vi os dois mexendo alguma massa numa tigela de vidro.

— Que algazarra... — Cruzei os braços e me apoiei na parede do corredor.

— Mãe.... — Thomy arregalou os olhos e se virou para seu pai, que sorriu de lado para mim. Senti minha barriga gelar com esse sorriso. Theo sabia me tirar o foco com a merda de um sorriso. Quem fazia isso, por Deus?

— Estávamos preparando seu café da manhã. Não é, Thomy?

— Sim, mamãe. — O anjo de cabelo loiro e olhos verdes acenou com a cabecinha e eu não consegui conter o sorriso.

— Então vou dar mais alguns minutos para vocês. Vou tomar banho. — Pisquei para meu pequeno e o grandão ficou me encarando, com os olhos verdes mais lindos do mundo.

Quero dizer, pensei ao olhar para Thomas, acho que o verde se tornou minha cor favorita.

Quando voltei, a mesa estava posta e tinha panquecas muito bonitas em um prato. Encarei Thomy e ele sorriu, desviando o olhar para o pai. Ao ver morangos, mamão e pera cortados em cima do balcão, eu me sentei.

— Ficou lindo. O balcão mais lindo de todo o mundo. — Beije a cabeça do meu filho e suspirei, agradecendo por poder fazer parte do mundo dos dois.

— Tudo por você. — Theo sorriu e eu me inclinei, beijando seus lábios. — Anota aí, filho, farei mais café da manhã a partir de agora.

Balancei a cabeça rindo e começamos a comer devagar



— Vamos! — Theo gritou na sala e eu suspirei, pegando minha bolsa.

— Você vai amar seus primos — eu disse ao entrarmos no carro.

Estávamos indo almoçar com Gabrielle e os amigos de Theo. Thomas estava ansioso e eu também, além do mais, essa seria a primeira vez que estarei amostodos juntos, sem ter um motivo doido no meio.

Em alguns minutos, Theo estacionou na frente da casa de Gabrielle. Vi o carro de Luca e seu irmão mais novo brincando de bola na grama. Assim que passamos para a área da piscina, eu enxerguei Valentina. Ela estava com uma amiga e as duas brincavam na água.

— Uma mulher, literalmente, não é? — Gabby falou ao meu lado e eu acenei. Tina já tinha peitos, bunda e pernas de mulher. Eu estava com pena do Luca.

— Luca deve enlouquecer com essa menina e seus namorados — comentei e minha irmã acenou, rindo.

— Muito. — Ela bebeu o resto de um suco no copo e se virou para mim. — Cadê meu sobrinho? — Ela arqueou a sobrancelha e eu sorri. — Já falei que seu sorriso está mais brilhante agora? — Ela fingiu tapar os olhos para se proteger e eu empurrei seu ombro.

— Venha, ele foi com o pai para a churrasqueira.

Thomas pulou em meus braços assim que me viu chegando.

— Esse é o meu Thomy, Gabby. E, Thomas, essa é a tia Gabby, que a mamãe falou — apresentei e ele sorriu quando ela o beijou na bochecha.

— Você e seu pai são dois anjos, sabia?

— Sim, mamãe falou que papai é um herói.

— Isso mesmo! Seu pai é um herói. — Gabby sorriu emocionada. — Ele é lindo.

— Eu sei. — Puxei-a para meus braços e sorri fingindo convencimento, pouco antes de Theo se aproximar. .

— Thomy, vem cá. Quero que conheça o tio Luca e o tio Kieran.

Thomy correu e seu pai o levou para longe de mim.

— Você já pensou na nossa proposta? — Alí chegou por trás e me entregou um copo com suco.

— Gente...

— Já teve bastante tempo. Vamos lá! Nos dê uma resposta — Gabby falou impaciente e eu suspirei, desistindo.

— Vocês têm certeza? — questionei mais uma vez. Desde que cheguei de São Paulo, Gabrielle e Alí ciame chamaram para entrar para a galeria como sócia. Falar que estava assustada era o eufemismo do ano.

— Sim, total certeza — as duas responderam em uní ssono.

— Tudo bem, eu aceito!

Gabby pulou em mim e as duas começaram a gritar.
Sim, minha vida estava se encaminhando.



Na segunda de manhã, tentei acordar e parecer feliz, mas desisti quando vi que Theo acordou bem pior que eu. Foi pouco tempo, já estava contando os dias para a sexta chegar novamente. Esse arranjo de fins de semana iria durar dois meses, mas Theo voltou atrás e decidiu que em um mês Thomas estaria mais familiarizado e conseguiria entender perfeitamente que tinha duas casas e que ficava alguns dias em uma e alguns na outra.

I sabelfoi pontual ao passar em nosso apartamento. Às dez ela e Sérgio bateram à nossa porta. Thomas ficou feliz e foi isso que aliviou mais o meu desespero.

— Sexta eu o pego na creche — Theo avisou depois que nos despedimos de Thomy.

I sabel confirmou, indo embora em seguida.

Eu me joguei no sofá e Theo me acompanhou.

— Esse foi o primeiro fim de semana e já estamos assim. Meu Deus, ele nos estragou mesmo. — Theo riu e eu o acompanhei enquanto me aconchegava em seu peito.

— Pior que sim — murmurei. — Mas levante-se, preciso ir para a galeria, e você, para seu trabalho.

— Ah, isso me lembra algo. — Theo se ergueu e eu me levantei para ir com ele, mas sua mão me deteve. — Sente-se. Já volto.

Eu mordi minha unha enquanto esperava, mas logo me arrependi. Ficavam tão feias curtas.

— Aqui! — Ele me entregou uma pequena caixa retangular de veludo preto.

Sorri, olhando dele para ela. Abri com cuidado e ofeguei ao ver um pincel rose gold. Ele era um objeto de decoração, óbvio, era superdelicado. Eu o amei de imediato.

— É maravilhoso...

— Para decorar seu ateliê. — Theo colocou as mãos no bolso do jeans e eu pulei em seus braços.

— Você existe mesmo? — perguntei, beijando sua barba rala e traçando os seus lábios com os dedos. — Meu Deus, a cada novo dia eu me apaixono mais. Como isso é possível?

— Não sei, me pergunto isso todos os dias ao acordar e te ver ao meu lado. — Seus ombros subiram e eu calei suas palavras com meus lábios.

EPÍLOGO



Loirena Marinho

Um mês depois...

— Você está magnífico! — elogiei Thomas enquanto ele ficava me encarando com cara de bobo.

— Mãe, você está linda! — Seus lábios fizeram uau e eu senti minhas bochechas esquentarem. Ele era só uma criança, mas saber que achava isso me fez pensar no que seu pai acharia.

— É mesmo? — brinquei, girando. A barra do meu vestido branco passou perto dos seus pés.

— Sim, muito linda.

Peguei-o e o coloquei sobre a cama para que eu pudesse beijar seu rosto. Arrumei seu smoking e suspirei apaixonada por esse mini Theo.

— E você está lindo como a mãe. — Pisquei e o ajudei a descer da cama.

Thomas foi ficar com o pai enquanto eu encarava o mar. Suspirei, prendendo as lágrimas. Não podia chorar. A maquiadora ia

morrer se eu borrarasse alguma coisa.

Voltei para a frente do espelho e respirei fundo, olhando o vestido de noiva que eu escolhi para casar. Ele tinha um decote “ V bem aberto, as mangas não alcançavam a parte superior dos meus ombros, apenas a lateral, o que achei muito sofisticado. Sorri, passando a mão pela renda no busto e sentindo as pequenas pérolas. Dividindo a parte de cima da saia, tinham várias pedrarias formando um cinto charmoso.

A saia era bem rodada e eu, sinceramente, parecia uma princesa.

Minha porta se abriu e eu contemplei Gabrielle entrar com um buquê de rosas vermelhas e uma caixa de veludo.

— Presentes do seu futuro marido. — Ela sorriu ao chegar à minha frente.

Respirei o aroma das flores e peguei a caixa de suas mãos, percebendo e rindo que e meus dedos estavam tremendo.

— O que será? — questionei, tirando o papel de seda vermelho de cima.

Esqueci que precisava de ar para que meu coração pudesse bombear sangue pelo meu corpo ao ter ciência do que estava vendo. Peguei o colar em meus dedos ainda trêmulos e levei minha mão aos lábios, tentando abafar o soluço.

O colar com correntinha fina tinha como pingente uma bola de cristal com um dente de leão na parte de dentro. Meus olhos ficaram úmidos, mas minha irmã tratou de enxugar as lágrimas antes que elas caíssem.

— Onde ele encontrou isso? — perguntei, sabendo que nunca vi nada remotamente igual.

— Não sei, mas como o dente de leão no colar não pode ser assoprado e assim realizar seu desejo, ele mandou que eu te entregasse isso aqui também. — Ela tirou da lateral do buquê a flor que mais amava no mundo.

Ela era branca e cheia. Peguei-a da mão da minha irmã e fui para a janela. Fechei meus olhos e assoprei, fazendo mais um pedido. *Fel i ci dade, paz e amor pel o rest o da mi nha vi da.*

— Me ajude — pedi à minha irmã, dando o colar a ela.

Gabrielle colocou a joia em mim e eu corri para o espelho, olhando como a bola de cristal brilhava com a luz do sol. Sorri e Gabby me abraçou.

— Você é a noiva mais linda do mundo.

Eu sabia que não era, mas aos olhos dela, de Theo e Thomas, queria ser.

— Está na hora. — Kieran bateu à porta e a abriu. Seu sorriso me dizia que ele gostou da minha aparência também. — Está linda. Claro, sua irmã estava mais...

— Kieran! — Gabby ralhou com ele e eu suspirei, vendo-o dar de ombros e vir até mim.

— Obrigada. Eu sei que isso foi um grande elogio. — Sorri, brincando, e ele pegou minhas mãos. — Mas, além disso, quero agradecer por me levar ao altar. Do fundo do meu coração, obrigada!

— Você é minha irmã, Lore. Eu mataria quem se oferecesse para te levar ao altar. — E seus olhos verdadeiros me fizeram perceber que era verdade. Eu era sua irmã, mas ele matar alguém por isso era completamente mentira.



Theo Medeiros

Eu sabia que ela estava no seu quarto, viemos juntos ontem à noite, mas, droga, estava inquieto. Olhei para o hotel onde decidi que nos casaríamos e respirei fundo. O jardim estava decorado com várias flores, entre elas alguns dentes de leão.

— Lorena bem que podia te deixar no altar, né? — Ricardo riu ao meu lado.

Eu vi Tália, que estava sentada na primeira fileira de cadeiras, mandá-lo se calar com apenas um olhar. Os dois estavam se acertando, percebi que meu irmão foi fisgado de vez quando ele pediu desculpa e ficou calado.

— Eu sei que ela não me deixaria aqui. Nos amamos — respondi firme.

Estávamos juntos esse tempo todo, passamos por várias tribulações para que quando chegássemos ao dia mais surreal de nossas vidas ela me deixasse? Achava difícil.

— Relaxa, cara. — Luca apertou meu ombro e eu acenei.

Quando enfim ouvi alguma coisa que indicasse que ela ia entrar, me surpreendi ao ouvir a música que coloquei para Medusa escutar quando fui a São Paulo. Lore apareceu no final do corredor de flores e eu engoli em seco, minhas mãos tremeram e eu tentei me acalmar.

A voz do garoto loiro me fez arrepiar, pisquei para afastar as lágrimas, mas quando a vi olhar para mim e pegar no colar que lhe dei de presente, falhei miseravelmente. Kieran sorriu ao seu lado e eu suspirei, sentindo meu peito se encher de gratidão.

El a t em uma má reputação, ni ninguém se aproxima demais.

O vislumbre de uma alma se partindo do meu coração esmorecer

El a se afoga na própria tristeza, e eu imploro “não desist

Assim que ela me alcançou, eu queria abraçar seu corpo e afirmar o quanto a amava e que nada nem ninguém me faria a amar

menos.

Agradei a Kieran e segurei os dedos de Lorena entre os meus. Ela sorriu, entregando o buquê a Gabrielle. O juiz de paz começou a cerimônia e eu nem tentei prestar atenção nele, era impossível. Lorena estava deslumbrante e eu ainda não acreditava que essa mulher era minha.

Meu coração se encheu de amor quando o momento da entrada das alianças começou. Thomas surgiu e eu suspirei, olhando dele para sua mãe enquanto tentava respirar. Assim que ele chegou à nossa frente, eu e Lorena nos abaixamos e beijamos seu rosto.

— Nós te amamos — dissemos juntos e Thomy sorriu.

Deslizamos a aliança nos dedos um do outro e fui liberado a fazer meus votos. Segurei a aliança que deslizei por seu dedo firmemente e respirei fundo.

— Sei que me chamaram de louco quando perceberam que eu estava completamente arruinado para outra pessoa, senão você. Eu continuo não ligando para isso, pois sou daqueles homens que escutam o coração. E, Lorena, cada vez que eu chegava perto de você, mesmo adormecida, eu o sentia bater descontroladamente. Ele chamava por você e percebi em uma daquelas vezes que ele já não mais me pertencia. Ele era seu. Completo e irrevogavelmente. — Limpei suas bochechas com meus polegares e beijei seu nariz quando ela sorriu chorando. — Hoje, aos olhos de Deus, da justiça e dos nossos amigos e familiares, eu prometo que sempre vou amar e cuidar de você. Que todos as noites vou olhar você enrolada nos lençóis da nossa cama e agradecerei... por seu amor, sua paciência e por ter me dado a chance de mostrar que juntos funcionaríamos. Os opostos se atraem, Medusa. Nós somos a prova viva disso. Eu te amo — finalizei e ela beijou meus lábios de repente.

— Eu não poderia começar a falar depois desse discurso tão emocionante sem beijar os lábios dele. Desculpem. — Ela riu com as pessoas e suspirou, acariciando a minha aliança em meu dedo. — No dia que nos encontramos naquele avião, eu me questioneei por

que você estaria ali, sentado ao meu lado, dentre todas as pessoas. E agora eu sei... falei para nosso filho dias atrás que você era meu herói, e sim, Theo, essa é a mais pura verdade. Você me salvou ao se levantar da sua poltrona e me devolver ao meu assento. Você me salvou ao me segurar por horas dentro do mar, e você me salvou quando pensei que poderia viver sem o seu amor. Sim, amor, você é meu herói. — Ela suspirou e eu tentei novamente limpar suas bochechas. Esqueci as minhas e meu nariz vermelho. Só pensava nela. — A maioria dessas pessoas que está hoje presente em nosso casamento ama muito você, e eu sei que elas acharam que estava fazendo uma escolha louca ao me querer ao seu lado. Eu também achei, então não as culpo. Sobrevivi por você, nós sobrevivemos um pelo outro, e hoje quero prometer a elas que jamais vou fazer algo que te machuque de caso pensado. Eu o amo loucamente e só por isso hoje estou aqui, de frente a um juiz e vestida de noiva. Eu te amo, *Starboy*. Você é todas as cores do arco-íris que eu não conseguia enxergar por estar tão cheia de ódio de tudo e todos ao meu redor.

Puxei Lorena pela cintura e beijei sua boca. O gosto salgado das nossas lágrimas se misturou e eu deslizei minha língua por seus lábios, aprofundando nosso beijo. Suas mãos seguraram meus ombros e ela gemeu baixo contra meu corpo.

— Te amo. Te amo... — ela murmurou diversas vezes contra meus lábios. E eu repeti como se estivéssemos rezando um para o outro.

Contemplar seus olhos brilhantes quando nos afastamos me fez entender por que nenhum dos romances antigos dava certo.

Era ela.

Só ela estava destinada a ser dona do meu coração e da minha alma.

Fin!

AGRADECIMENTOS



Com o rosto vermelho e olhos repletos de lágrimas faço esses agradecimentos. Não sei explicar o que sinto neste momento, é uma mistura de alívio, tristeza, luto e felicidade. Controvérsias, né? Mas eu amei tanto esses dois.

Theo me conquistou já na história do Luca, eu sonhava com esse menino pedindo para que eu contasse sua história. Por um momento até pediu que sua mocinha fosse Bea, mas ela não tinha o coração bondoso como Lorena. Então, eu contrapei e coloquei uma menina quebrada e cheia de história sofrida. E ele começou a amá-la como eu já a amava.

Descobri aqui que a Lorena é o tipo de mocinha que mais gosto de escrever. Aquelas que são difíceis, sabe? As que têm feridas e essas deixaram marcas profundas.

Enfim, o livro dela e do Theo me emocionou como nenhum outro, eu me peguei chorando neste livro incontáveis vezes. Muitas pessoas ficaram surpresas quando decidi juntar esses dois e eu gostei dessa surpresa. Eu desejo sempre surpreender vocês, inovar e eu consegui, pelo menos neste livro.

Agradeço a todas as minhas leitoras, minhas amigas autoras e betas maravilhosas que me ajudaram muito.

Amo todas vocês!

Evilane Oliveira

PRÓXIMO LIVRO



Valentina

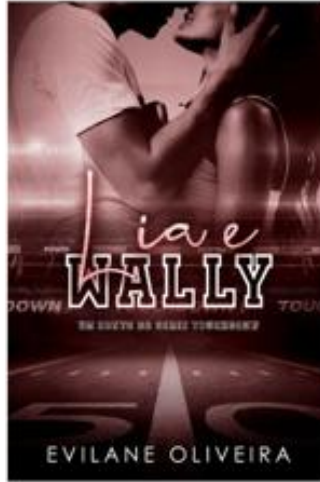
Amar nunca foi tão complicado e doloroso.

OUTRAS *obras*

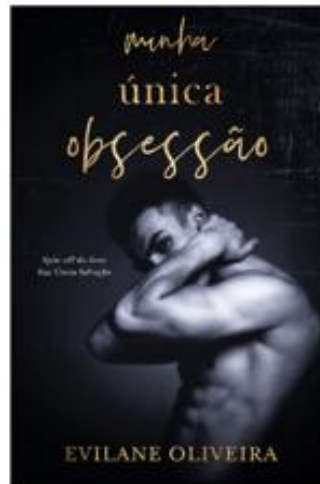


TOUCHDOWN

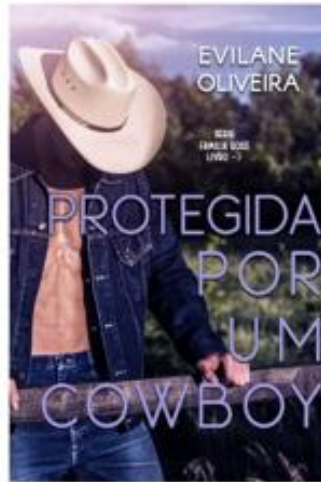
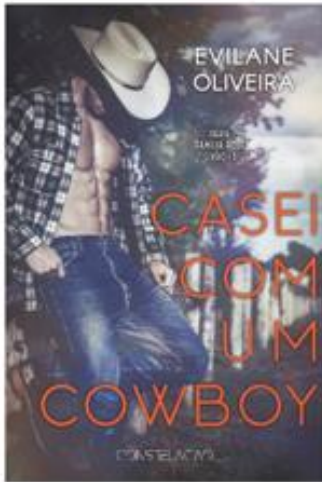




LA FAMIGLIA



FAMÍLIA ROSS



DARK STAR



RENASCIDOS EM SANGUE





LIVROS ÚNICOS





LEIA MAIS LIVROS DA **EVILANE OLIVEIRA** [AQUI!](#)

CONTATO



Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

[Grupo no Facebook](#) | [FanPage](#) | [Instagram](#)
| [Wattpad](#) | [Skoob](#) | [Site](#)

Gostou de *Sobrevi vendo por você*? Compartilhe sua opinião nas redes sociais e na Amazon, indicando-o para futuros leitores. Muito obrigada!

[1] *Música "Uncover — Zara Larsson"*

[2] Sam Smith - Too Good At Goodbyes

[3] Bebe Rexha - Bad bitch

[4] Bad Reputation – Shawn Mendes